

## APÊNDICES

### Apêndice 1

Conversa com os irmãos Sr Caetano José Leite de Brito (81 anos) e Sr Cláudio Leite de Brito (71 anos) bisnetos de Honório Dias da Silva, Goiás 28/01/2021

Ai, casa que tinha corredor, aquele povo, aquela moçaiada sempre ficava no corredor oiando a catira, oiando o cururu, oiando nedota, ai ele fazia o que, ele tocava a viola e falava assim: Eu prantei meu arrozá, foi da cacho da vergonça, a moça pra se bunita precisa de te os oio que nem onça”, e ia pro lado do corredor e as moças corria dele, e eu tava rapaizola assim ne duns quinze ano, e eu achava bom demais ele com essas brincadeira. E ele benzia, ele benzia tanto que naquela época, que quando as mulheres tava cum... menstruada, como é que o povo falava, ele benzia, parava e fora outras coisas que eu conto isso, é quando outras pessoas me contam. As pessoas me contavam ne agora é do passado. Eu tinha uns quinze anos, me alembro demais da conta dele, até das moda que ele cantava eu ainda alembro. Caetano é de 38 com 15 anos, isso foi nos anos 50. Vô Honório nessa época, ele podia te uns 70 por ai, porque ele brincava bom catira, sapateava e tudo né, a saúde dele era ampla. Esses dias tinha um povo cantando na casa da Brasilina, minha irmão, eu sozinho mais tio Mané do Santos, nói dois cantava uma média, assim, nós cantava 25 moda, só nois dois na noite. Era um aniversário, naquele tempo tinha treição, o nome verdadeiro é traição, né, só naquele tempo falava treição. A treição se da como, alguém que tem uma roça ou um pasto precisando de socorro, capiná, roçá, qualquer coisa, faze cerca, isto, ai juntava-se os amigos daquela casa, escondido dele, escondido, por isso que é treição, ai então o que que faziam, juntava os amigos e quando era lá pela meia noite, ou uma hora da manhã, combinava aqueles cumpanheiro todinho combinado e iam na casa da vítima, ai com viola, violão, pandero, e ai muitos fogos dando foguete, e ai moral da história. Alguns levavam até as coisas de come, bolo, biscoito essas coisas. Chegava lá cantava na porta, já tem os versos adequado praquele momento, já chegava lá já cantava e ai ele ia, era pego de surpresa. Alguns amanhecia lá, algumas das cumadre, porque as cumadre naquela época era muito presente. Ia pra lá, ajudava a dona da casa, no outro dia já tava muita gente lá. Ai aquelas pessoas que já sabiam já ia pra lá cedinho, já ia pra onde tinha que se feito o serviço e já ia trabalhando quando fosse dez hora, já chegava o almoço, e por ai. E as veize se eu subesse que nós vai da treição no ce, nós sobesse que ce tinha esse tanto de lavora o pasto que seja lá o que for, ai nós sabia que se tava mais fraco de situação, nós levava feijão cozido, levava carne, levava frango, levava de tudo pra faze o almoço. É a bença! Mas agora acabo essa coisa tudo né. O que é bom cabo, né. Não tem mais nada. Nós não temos paixão por não termos vivido isso, nós vivemos, vivenciamos, participamos. Pois é isso ai é que é a treição ou surpresa ne. No mínimo umas vinte pessoas, era parente, cumpadi, cumadi, sobrinho, os amigos afins, aquele pessoal tava sempre presente na vida do outro, do companheiro lá da roça. Nos anos 50, isso era constante. Acho que até antes porque isso ai a gente nem pode cita ano do inicio disso porque a gente não tem uma precisão porque crescemos com isso. Paro depois dessa modernidade que ta por ai ne, depois de tanto egoísmo que ta por ai, da necessidade, tem muita gente que não gosta de faze despesa, e ai essas coisas boas vão acabando e acaba no que ta ai ó. Isso acontecia na área rural em torno da Barra, que acontecia isso. A gente morava no Jatobá, Jatobá é um córrego que caia no Rio Vermelho, que cai no Rio Vermelho, antes daquela ponte

que passa o Rio Vermelho, a ponte do apertado, é pra cá dela. Fui nascido e criado no Jatobá e tem 25 anos que eu não vou na Barra, era mais o menos uns 5 quilometro retirado da Barra, eu ia pra lá toda veizi, naquele tempo eu era muito querido ali, muito danado pra canta e cantava tudo o que era tipo de coisa, eu cantava ne. Ai e o povo eles não gostava de mim lá na Barra, os cumpanhero era muito ciumento, as pessoa, aquele rapaziada aquele tinha muito rapaiz, pois é, ai eles num gostava de mim. Naquele tempo eu morava lá, pertinho da Barra, e ai, a gente quando é sortero é trapaiado de tudo ne. E então tinha uns rapaiz la que não gostava. Lá no cemitério da Barra, ta o vovô Pedro ne, o vô Joaquim, vovô Libanio e vovô Albina, vovó Bastiana. O que eu conheço de pessoas que foram batizadas naquela igreja da Buenolandia, é fora do normal. E casaram na Barra, e que hoje talvez nem saiba sequer a Barra exista. Pois é, nessa época em que a vovó Amélia tava doente, eu era rapaizinha, mais o menos sete oito anso. Eu mais mamãe foi lá, nói foi de a pé lá visita ela. Ela morava numa casinha véia lá. Então, eu alembro muito naquele tempo não tinha negócio de alicerce era baldrame de aroeira, um pauzão dessa grossura assim lavradinho das quatro face, você podia senta qualquer luga nele. Tudinho de cerca, os pau era em pé, tinha parede que os pau era madeira, ne, pau a pique só e tinha lugar que era barreado ne pois o pau ripô coma taquara feiz a janela mais num corto não, fico o engradado, né. Eu num alembro da casa do Bartolomeu, sei lá. O povo fala, casa véia, casa véia é onde morada ti João Guimarães ne. Lá era o escritorio. E até tinha muito você falo que o escritório veio lá de São João pra Barra de novo. Então lá era a casa véia, parecia casa véia mesmo porque se vc ve a madeira que era lá ou é até hoje num sei. Caetano nasceu na Barra e foi registrado lá, agora eu fui batizado lá e fui registrado em Goiás. Eu nasci num domingo, quando foi num dia de quarta feira papai foi e registro ieu. Era o tio Vergilio que era escrivão la ne, ai registro eu. E ai com prazo acho que foi seis meis eu fui batizado e crismado, tudo numa festa só, lá na Barra. Eu tive a graça de ganhar a foto do vovô Honório, até porque até então porque eu modéstia parte tenho muita amizade com todos meus parente. Ai eu conversando com a Denise, que é filha de Constâncio, não até com a filha da Denise, falando que eu queria uma foto do vovô Honório. Ai ela falou assim, Claudio, vai la em casa que la em casa tem, eu vo te da uma. Eu tenho até que perguntar a Denise que é mãe dessa menina, onde que ela conseguiu essa foto. Até porque eles viveram mais tempo, eu acho que vovô Constancio Dias da Silva, que era filho do Honório Dias da Silva. A mãe da minha mãe é mãe deles. Meu pai Inácio e minha mãe Rosalia, eles são primos. O pai do Inácio chamava Joaquim Leite, o pai da mamãe Pedro Leite, Joaquim e Pedro eram irmão. Essa família são os Leite de Brito. O Constancio vem aqui na família de Rosalia, ai vem a família dos Dias da Silva, da família da minha mãe, todo mundo ai é da Barra. Vovô Honório entra como avô da mamãe, Honório é pai da mãe da mamãe. Minha avó parte de mãe era a Antônia mãe da Rosalia, a Antônia é Dias da Silva. Antônia e Pedro se casaram tiveram a Rosalia, a Antônia é filha do Honório. Hoje não tem isso mais, acabo. Hoje não tem nem parente mais! Pruque nossa vida é ansim ó, se oce fo irmão da minha mãe, era tia e se vc fosse irmão da minha vó era tudo vó nossa, nós chamava tudo de vô. Era desse jeito. Agora hoje num é assim. Igual a Evinha minha, parente meu é só o ti Claudio, Itamar e pronto, num tem mai parente. Minha menina é desse jeito. Ainda bem que ce tem um assim. Os meus, antigamente, os meus filhos não me tomam benção graças a mãe deles que ensino tudo errado pra eles. Num vo atira pedra ne, num ta na hora e nem hora nenhuma, mas falava que isso era coisa de velho, falava que isso era coisa ultrapassada. Só que a gente vem percebendo que isso ai faiz parte de várias coisas, da educação, da educação cultural, religiosa e tudo o mais. Eu vejo isso ai de um

fundamento ímpar. Isso faz parte, principalmente cultural eu acho que... igual eu por exemplo, eu fui criado lá no mato lá eu num podia ver um cipó travessado na minha frente eu metia o facão timmm torava e passava. E depois que eu diquiri aquela chácara ali, aí eu já reconheci que isso aí é natureza, a gente não pode fazer isso não, senão se faz bagunça dentro da mata. Aí eu passei a reconhecer porque eu fui iscoído pra mostrar tudo quanto era nascente e conhece tudo quanto era qualidade de madeira da mata e do cerrado, então eu fui criando cultura depois de véio. Lá aí ieu, toda vez de festa do FICA, sempre tem eu falando na rádio cultura, na tv cultura, falando essas coisas. E se eu tivesse trazido a viola, agente podia cantar umas modas, quem canta encanta, que até no tapete da d Maria sai música naquela corda ali. Ele sabe e eu não, chama Rio Vermelho. Era naquele tempo em que o Rio Vermelho era o pai daqui, do pessoal da Barra. Lá se garimpava, pescava todo tipo de pesca e aí tem essa moda Rio Vermelho, do vovô Honório que fez. Vovô Honório era tão curioso que ele fez uma moda do filho dele quando ele ia casa. E quem sabe ela é esse aqui ó, eu não sei. Vou falar o primeiro verso dela que fala assim: casamento é muito bom, no dia que vai tratar, a moça fica alegrinha que agora eu vou me casa, mas não pensa na mãe dela que não tem no que pegar, que dá dinheiro é ouro e um outro qualquer metal. E a estrofa mais bonita da moda do Rio Vermelho é a que fala assim ó: Vivo o nosso Rio Vermelho que é o amparo da pobreza, tão pescando e tão vendendo, vivem na maior riqueza! Quem tem roça vive bem e quem não tem vive mal, pesca de bomba e tarrafa oi aí, também pesca de anzol. Então essa moda que vovô Honório fez, eu num lembro é aquela a moda do lencinho. Ele era sortero e a namorada dele tava doente. E naquele tempo era rígido, não podia nem chegar porque, namorava pelo buraco da parede né, é isso mesmo né, abria a paia assim, oiava lá assim, e já aconteceu comigo isso. Então, por isso que fala a moda do lencinho, porque ele oiou nela lá, ela oiou nele também mas num podia conversar, aí ela abano o lenço pra ele, aí ele pegou e fez a moda. Não era a avó, era uma passageira. Mas eu não lembro dela, agora do Rio Vermelho é, vamos dar continuidade na moda do Rio Vermelho: Em vista do Rio Vermelho o Rio Claro é só baruiú, do ouro e do diamante, escafandro sem mergulho. O Itamar que é danado, ele num esquece de jeito nenhum! Ele é nosso irmão. É uma coisa, que eu acho isso muito bom minha fia, o que o ce procura, o que o ce faz, ieu acho isso muito bom. Isso é adequadíssimo pra época nossa de hoje, porque hoje num tem isso mais, acabou. Eu memo, eu era mestre de folia, eu era tanta coisa no mundo, rezado de terço, eu era tudo na vida! Eu conheço os dois lados da vida, eu. Com Deus e sem Deus. Até meu povo é meio separado de mim por causa disso. A música da chegada: Boa tarde meu patrão, minha patroa como passo? Recebe seus camarada, seu serviço acabou! E quanto disso! Eu fiz uma chegada de auxílio de Bendito Camelo, esse tempo eu era sortero ainda, lá na Barra. O meu povo, minha fia, num fazia nada sem eu. Tuda a coisa era eu que começava e era eu que terminava. E hoje eu meio separado deles porque eu num consigo cantar mais eles. Eu sabia muita moda mais hoje eu num conto, minha fia. Meu sentido vira pro outro lado, e acabou ieu! Num conto mais. Eu tenho 81 anos, o armoço ainda vem agora pra 82. Sr Cláudio, 71. O véio Honório morreu eu já tava com meus 25 pra trinta anos por aí, eu num lembro nada disso mais. Porém a gente, parece que a redoma que a gente foi criado, num permitia, nem sei como eu vou explicar isso, porque se eu era já nascido e tinha uma determinada idade pra eu lembrar do vovô Honório, essa criação que nos separa, sem nenhum motivo, se foi pergunta pra qualquer um não tinha motivo. Acontece que a gente morava mais distante e eu não tive a chance ou a oportunidade de ir lá conhecer o vovô Honório. Sabendo que ele era um herói pra mim, artístico, ele é um herói pra mim, pelo o que eu sei dele, pelo o

que ele deixo ai, fora as outras coisas que fico preso na mão de uma pessoa, que fica com medo de perde a salvação, porque tem medo de faze as coisas que ele fala que é do mundo. Eu vivo no mundo, todo mundo vive no mundo, então porque que tem vergonha de fala, de faze as coisas do mundo? Não! Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu próprio Filho, ora, então porque não gosta do mundo? Agora, é faze a diferença do mundo! Ai, o Alvaro Dias da Silva, esse cara foi criado com o vovô Honório, que é primo primeiro da minha mãe. Ele sabia tudo do vovô Honório. Eu perguntei pra ele, falei com ele queria que ele me desse tudo o que ele sabia do vovô Honório que eu queria escreve, ele não quis me da, porque ele usou uma expressão de perde a salvação, porque não queria escreve uma coisa do mundo. Álvaro é filho de tio Constâncio , primo primeiro da mamãe, e mamãe filha de Antônio Dias irmão de tio Constâncio. O Alvaro morreu já tem uns quatro anos, os próprio filho dele, que tem um entendimento melhor, falei pro Balbino, falei Balbino eu quero as coisas do seu pai, das coisa do vô Honório porque eu quero grava umas coisa da nossa família. E ele falo assim, Cláudio, se oce grava ce pode conta com cinco cd que eu compro de vc. Porque ele próprio interesse. Falei com a Rosaria Dias da Silva, que é filha do tio Bastião Dias, que é irmão de Constâncio, tia da mamãe, que é filha do vovô Honório. Esse que ganho a moda quando ia casa. A Rosaria falo assim, Claudio eu te do o maior apoio, vamo lá, vamo fala com o Alvaro, e ele não quis cede. A pessoa morreu, e com as coisa lá. Serviu pra quem? Naquele tempo era muito diferente de hoje. Hoje todo mundo anda com gravado, e eu não. Eu naquele tempo não sabia, num intindia, nós num conhecia máquina fotográfica, nada disso. Eu conhecia uma lá na Casa Veiga, um montão preto assim, ó, e ai punha uma lona em riba ne e socava a cabeça debaixo assim pra ve oce la na frente. Então, por isso, eu curpo eu memo! O Rodero que vinha da Argentina, sobre o descobrimento do Brasil, não era pra mim te gravado isso? Sobre Bartolomeu Bueno, sobre aonde ele foi enterrado, sobre a espada dele. Então esse Rodero veio da Argentina, ele foi criado na Argentina, ele é daqui, mas foi criado na Argentina, foi a Argentina que fez esse Rodero. Ai não era pra mim grava esse trem, tudo. Mas cadê? O problema não é sua culpa não. Nós nunca tivemos incentivo, por conta do trabalho. A gente tinha que trabalha por causa do pão de cada dia. E muitos dos nossos, falava que estuda não dava comida prosotro. Eu lembro disso, que o que põe o pão na mesa é o trabalho! Isso é incultural! Isso limita! A chegada da treição, eu alembro uma treição que nós teve cumpadi Dola, nós fez, ai foi eu, Nocêncio e o Ivo. Ai, o Nocêncio canto assim: Amigo ti Dola, ele falo que treição sem graça, agora nós só tem um porquim, e nós vamo mata o nosso porco de raça. Ai, eu peguei cantei assim: Toda coisa que eu falo, que eu falo mais eu penso, que o dono dessa treição é o Ivo e o Nocênço. Ai o Ivo canto assim: O Sr ta enganado, toda a coisa eu falo pensando, o dono dessa treição, é eu, Nocencio e o cumpadi Caetano. Foi ali no curral preto, naquela casinha debaixo, ali. Antes do rio Vermelho, antes de chega na ponte do apertado, tem uma casa a esquerda, não tem? Foi ali. Ali naquela época morava a nossa família era dona daquilo ali. Lá era do vovô Pedro, lá morava o cumpadi Dola, que é cunhado do ti Higino, irmão do papai. As mulheres, crianças, o povo da famia ia junto pra treição também. As cozinheira sempre tava junto, as cumadre. A minha mulher é tudo, e eu estou com ela em tudo aquilo que ela esta fazendo. Por isso que ela é a cumpanheira. A minha preta faz tudo, eu num posso troca minha preta por conta de nada. Eu que faço tudo, mamãe nos ensinou tudo isso. Vivos nós somos seis irmãos, mas era dez, com diferença de idade eu com o Ze Leite ele é mais novo de que eu vinte ano, o Claudio, onze. Eu so o mai vei da turma toda ne. Então ti Higino, que é

esse que é pai do Ivo ne, era sortero, mai meu pai era mai vei que ele dez ano. Então, esses dez ano eu já tava rapaizinho e ti Higino era sortero ainda.



Prof Luciana Helena, Sr Caetano, Dona Maria e Sr Claudio, casa do casal Maria e Caetano, no bairro Tempo Novo, Goiás/GO



Prof Luciana Helena entrevistando Sr Claudio e Sr Caetano, alpendre da casa Sr Caetano, no bairro Tempo Novo, Goiás/GO



Dona Maria esposa Sr Caetano tecendo tapete de grade durante a entrevista, alpendre da sua casa, no bairro Tempo Novo, Goiás/GO  
Doação da candeia da vovó Balbina, avó dos entrevistados Sr Caetano e Sr Claudio

## Apêndice 2

Conversa com Sr Pedro Vicente Ferreira (85 anos) e dona Osvaldina Caetano Ferreira (75 anos), Goiás  
30/10/2019

Não tive mãe, não tive pai, eu morava com a minha madrinha Gerarda na Barra. Primero nós morava naquela casa vizinha da dona Arlinda, pra riba um poquinho da casa da dona Mariquinha. Minha mãe adoeceu lá veio comigo pra cá eu tinha 9 anos, ela já tinha o Terezo que fico com o veio Pedro. Ela foi trata, foi pro hospital e me deu prum povo de Curado ai, dai uma semana ou mais eu fui ve no hospital ela já tinha morrido, já tinha enterrado e não me falo nada. Ai fiquei morando com eles até os 15 anos, dai sai andando pelo mundo, cada dia num lugar, até os 25 anos dai caso, dai que ele foi mora com a véia Gerarda. Sr Inocêncio morava na beira do Bugre pra riba. Ali na Barra , tinha a igreja, o casarão e muita casa. Ali onde é a casa da mãe do Ramo, era uma casa antiga, lá era o Antonio Regio, era comerciante. E de parecia com ele tinha uma casona que era do Lourenço, marido da dona Joaquina, dona Joaquina era parteira e o Lourenço tinha uma venda tamém. Então ali eu lembro do Lourenço e do Antonio Régio. Ali tinha uma outra casa que eu não cheguei a conhece ela em pé, Felipe passo a morar nela. Ai o Venancinho compro ela. Vovô Pedro foi escrivão lá na Barra, depois tio Vergilio. O vovô Pedro não moro com a minha mãe, vivia transando mais não moro não. Eu não lembro do véio Pedro sê escrivão. Quando eu comecei a entender por gente Vergilio já era dono de la do cartório. Era Vergilio e Domingo Loyola era juiz de paiz. Moro também o Luiz Bruni, cunhado do Felipe. Pulando a rua do Cartório tinha a estrada que saia la no Rio Vermelho, ai era a casa da véia Mariquinha. A véia Mariquinha eu passei a conhece ela já era sozinha, mas ela tinha marido, o véio Luizinho, ele garimpava mode tocava uma roça pequena também, roça de arroz, milho, mandioca. E ai pra riba morava o Pereira marido da tia Chica, dai o Pereira adoeceu, foi pra cadeira de roda, foi até morre. Ai o Avelino arrumou uma casa do Luiz Bruni, porque o Luiz Bruni tinha mudado pra Goiânia e a casa tava la sozinha, dai o Avelino pego e tava dormino la dentro da casa quando ele arrumo a Francisca. Ai ele foi foi disse que tava escondido mas tudo mundo tava vendo ai fico ficaram junto com ela la. Sempre o povo casava na ocasião da festa. Quem era o festeiro, fazia a barraca, tudo dava o de comê, dava a quitanda e ai como diz era a festa né. Ai o povo casava e ficava la na festa, a festa era quase três noite porque lá é Nossa Sra do Rosário, São Benedito e São Sebastião. Erguia três fogueira. O mané dos Santos, foi o seguinte, o dr Urbano comeu a Laura e ai falo pro Mané do Santo, ó Mané eu te do mil real pro ce casa com a Laura. Ai ele era pobre ne pego. Então ele fico morando com a Laura, não teve casamento nem nada. Ai o outro irmão dele, Antonio dos Santos caso sei que morava com aquela pretinha. Benedita da Mata foi nascida la, morava sozinha e era benzedeira. O fórum da Barra era de João Guimarães, irmão do Vergilio, inclusive eu casei, no dia da festa da casa. O ano que vem faz 60 anos de casados. O casamento foi simples, minha mãe era viúva. Nós fomos numa festa de Santo Antonio, na casa do Dorico ai la é que nós fico noivo e durou de junho até setembro, durou só três mês ai nós caso, na festa da Barra. A minha mãe pegou e arrumou lá esse casamento lá uns trezinho, e nós fomo nessa festa da Barra e lá nós casamo no cartório. Casei na igreja também. Esse casarão foi o Bartolomeu que fez, porque ele viajava e descia aqui e lá na Barra fico a posada dele. Ai ele descia e ia até pra la e vortava, comprando oro. E ai pusero o nome la de casarão do Bartolomeu. Sei que o Vergilio fico, ele tomo conta lá do casarão, como se fosse dono. O Vergilio tinha um irmão chamava João Guimarães então ele morava lá. E ai ele, como diz, ele

fico muito tempo la morando, ai ele ficou muito tempo la morando, ai ele deu um tiro num home lá e o Dr Urbano pegou e levou ele pra fazenda daqui, e ai o João Guimarães falou então eu vou muda mais eu quero vende a casa. Ai vendeu. O casarão foi derrubado por aquele sem vergonha tar de Ramo, precisava da um coro nele, porque o Ramo ele pegou a dona Silvinha era muié do Bebê ne, que é fio do dr Urbano. Dr Urbano queria ter parte la e ele como dr, advogado, eu sou dono e ai a Silvinha como nora vendeu pra outro, vendeu pro Ramo e ai o Ramo pegou e desmancho. Eu acho uma ignorância porque la sendo histórico não podia desmanchar ne. O valor é pelo cartório e pelo Bartolomeu, os dois, casarão com cartório e tudo! Eu e a Ica caso lá na Barra, a Ica foi uma festona. Eu era menino, até meus nove anos eu tenho lembrança. Cada um fazia uma coisa, mas tudo era preguiçoso, fala a verdade. Lá tocava uma rocinha só pra come e pesca. Pesca é Felipe. Eu quando era meninote, eu era comprador de peixe lá na Barra, e eu saia de la da Barra com um varar de peixe e vinha pega a condução aqui no Cacete Armado, a gente passava pelo vau, não tinha a ponte do apertado ainda, arriba da ponte era a estrada, cavaleiro, era de a pé, lá era raso, ali perto da cachoeira, naquelas pedras ali. Ai eu vinha pegar condução ali no cacete armado. Eu não estudei não. A professora Dorci, dava aula naquela casa que era da Milica. Ali perto da igreja, do outro lado, onde o fio do Inocêncio mora ali que era uma casa da professora, ali que ela dava aula. Na outra esquina era a venda da Dona Dorfinha, onde era do tio Camelo, na outra esquina ne. As pessoas plantavam uma roça e tinha pouquinho gado. Não era rota de tropeiro. Tinha uma vendinha que vendia lá era uma querosene. A minha parteira foi dona Joaquina. Minha mãe conheceu Goiás, duas vez. Uma vez que ela moro aqui e outra vez quando ela mudou pra trouxe ieu pra ca. Não conheci Goiás não. Ouro Fino tinha lá umas quarenta casas, tinha o Seminário, tinha comércio, tinha a igreja não sei porque la acabo. A Barra não acabou porque ela tem a mais o povo acomodou lá. Eles gosta daquele lugar. Dona Geralda e tio Calixto que me criou são da Barra, ele era fazedo de casa. O véio Calixto era carpinteiro. As casas, fazia ajuntoro, cada um vai lá e leva. Por exemplo, ce faiz ajuntoro, ce fala assim ó gente eu quero um dia docê, um dia docê, um dia docê então todo mundo vai ai a pessoa dona do ajuntoro da a comida, ai vai faze o adobo. Eu ajudei a faze muito capina arroz, limpa arroz, ali a gente juntava fazia o ajuntoro ai de tarde nós largava o serviço juntava todo mundo chegava lá na casa fazia aquela roda de gente e cantava. Eles cantava, o tio dela (Clarice) que era o cantador Dola. Lembro na casa do seu pai cantava, chegava de tarde ne cantava assim: Boa tarde meu patrão, minha patroa como passo? Recebi seus camarada seu serviço já acabo! E ai cantava mais, eu lembro só isso. O véio Honório fazia musica de gente, o que acontecia com ela, uma pessoa que acontecesse um caso, fazia a música. Aquele povo de Leite, antigo, eu esqueci o nome dele. Ele morava aqui em Goiás e a muié dele dava pra caramba. Ele chegava, as vez ele tava deitado, sujeito chegava na porta, cantava, não sei como é que é a cantiga, e ai ele levantava saia pra perto da conzinha, a muié dele ia lá abria a porta ... Quando eu era criança não tinha o coreto não. O sino toda vida naquele lugar, o cemitério não mudou nada. O oro tem em toda a parte, o Mazinho, Ilmar, nós tava fazendo a ponte do apertado, ai ela foi feita mas veio uma enchente e rodo a ponte fico só os pilar. Ai o véio Calixto pegou ela pra arruma, levanta mais e ai a véia Gerarda tava muito barriguda, na hora de cria. Ai o véi Calixto fez um ranchin lá na ponte, ladiá, fez um rancho, nós durmia tudo assim ó, no chão. Eu, Divino, a Dita, Lindaura, Valdiron, o Leônida, tudo junto. Ai adoeceu a dona Gerarda, o véio Calixto chamo ieu falo assim ce tem corage de ir lá na Barra agora? Eu como queria ser bom né ieu vô. A noite, Deus e ieu, a pé. Ai tinha um caminho que passava na porta de véia Bila, era um ataido. Eu tenho corage! Então cê

vai lá chamar a dona Joaquina pra ela vim oia sua madrinha que ela ta passando mal. Eu e a parteira a pé. Ai eu num tinha uma lanterna, num tinha nada. Se mandei. Cheguei lá ai neu sai la da ponte ieu pensei, ieu fiquei pensando, quando eu passa pela porta da véia Bila, lá no corgo aparece assombração. E pra eu passa pela vorta tem outra assombração. Lá no arto, antigamente tinha um cimiterio, naquele arto, hora que caba de subi a ladera, ai eu fiquei pensando, lá perto da véia Bila tem assombração, ca na outra estrada tem o cimiterio e agora, como é que eu vo fazê? Ai fui pela estrada do cemitério. Ai eu cheguei la na Barra dona Joaquina já tava dormindo há muito tempo. Cheguei, bati, dona Joaquina véi Calixto mando chama a Sra, véi Gerarda ta passando mal. Levanto e arrumo e pego estrada, quando nós chego lá a véia Gerarda tava quais botando o Mazin pra fora. Ele é major da polícia. Eu não vi nada. Foi Deus que me ajudo. Eu já vi foi aqui na chácara do dr Genô, finado dr Genô, avô do Aguiel. Eu morava lá e eu era vaqueiro. Osvaldina tava aqui na rua fazendo uma costura na casa da Maria e irmã Clementina ali na Carioca, eu fiquei lá na chácara sozinho. Ai dentro dos bezerros la, nas vaca, rebentou a cerca tudo, os bezerros misturo com as vaca e eu não podia dexa e ai dr Genô queria o leite e danava comigo que era mentira. Dai eu peguei uma mula, a mula sozinha lambendo o coxo, sozinha, a lua clara. Eu peguei a mula e fui toca as vaca, as vaca veio mas num entrava, chegava na portera e virava pra traz. Eu peguei o laço fui la peguei o bezerro, trze cá, uma peleja danada. Bom ai cabo. Outro dia, eu tava la sozinho, escutei um popo pooo poo. Eu levantei abri a porta da conzinha era dois caboco e eles entro num lugar que a gente de dia num passa la naquele lugar, é uma pedreira danada. Os dois caboco passo, entro dentro foi embora. Só isso que eu já vi. Toda vida eu fui afoito, eu tava morando aqui no Itapirapuã ai eu vim aqui em Goiás tava essa fama, pooo popo, a Furna. Ai o Tomé era muito amigo meu, rapaz também, falo ce que i la na Furna eu falei quero. Ai nós fomo la na Furna, lanterna não acende, forfi não acendi, num tem nada que acende. Eu vo entra ai dentro, eu vo entra, seja o que acontece eu vo entra. Muita gente falo não, num entra não. Falei entro! Eu entrei, lá na Furna, é um comodo grande, mas não enxergava nada, eu passei a mão nas parede tudo. Ai tinha uma porta, eu passei na porta pensei comigo, se eu more aqui já fico enterrado, passei a porta outro comodo, ai passo outra porta essa foi baixinha, eu passei de barriga no chão ai lá eu passei a mão assim ó acabo o buraco e não tinha pra onde ir. Tinha uma pedra, uma laje, eu fiquei em riba dela, passei a mão, sem enxerga nada, só uma água que saia de lá. Eu acho que era, o povo antigo era que tava fazendo essa Furna pra sair pra la, mas não deram conta, porque la a gente respira muito poco. Então cabo. Eu vortei. Acho que eu tinha uns doze anos. O companheiro, colega fico esperando pro lado de fora, cheio de gente. Só eu entrei. Uns fala que foi os índio, outros que foram os escravos. Dizem que, eu nunca mais fui lá, dizem que eles encanaram a água de lá de dentro. Lá não tem sujeira, não tem cisco, não tem nada, puseram a boca da mangueira la, de certo deu queda da agua la. Ali o buraco vai em direção ao morro do Cruzeiro. Nenê Canedo é o seguinte, eu sei da história dele. A fazenda era do Vinicius e Nene Canedo queria compra a fazenda, então falou com o Vinicius pra ele vende a fazenda pra ele. Ele falo não eu não vendo aqui não. Vende não vende vende não vende. Ai Nene Canedo arrumo um cara e foi pra la de noite com a carabina chego e chamo o Vinicius. Vinicius veio saiu ele atiro nele. Atiro nele ai o tiro não mato e ele caiu e ele correu correu. Ai o Dilonzim, Dilom véio que até tem o nome dele naquele coiso lá da Santa Barbara, tem um posto, posto de saúde, tem o nome de Dilom. O Odilom trabaiava na prefeitura, ai o Dilom, ele mandou o Dilom no carro,num caminhãozin.



Sr Pedro na rede, alpendre se sua casa, St Aeroporto, Goiás, GO.

Foto do dia do casamento do Sr Pedro na Barra, era comum essa montagem ao fundo, nada da paisagem natural da Barra, mas uma colocada aleatoriamente, a paisagem cenográfica da cascata, comum a todos os casais, pelo fotógrafo.

### APÊNDICE 3

Conversas com Sr Inocência Gonçalves Pinheiro, 88 anos/ Dona Amélia L. Pinheiro 74 anos

(Barra, 14/10/2017)

Eu gosto daqui demais, aqui pra mim falei pros meus fio se morrer quero ser enterrado aqui. Antes meu sogro tinha casa aqui e minha mãe também. Aqui minha casa tirei essa madeira da terra da minha mãe. Essa terras são da Santa! Do Rio Vermelho vai até a chácara 34 alqueires. Lavrei serrei com serra de mão. Sr Calixto fez a casa. Eu tinha casa em Goiás era garimpeiro em Lua Nova (8 anos), onde era posto de gasolina no João Francisco e tinha bar e meu primo e eu era o maior garimpeiro, o povo tudo me respeita e os fazendeiro vinha atrás com peão para eu ensinar, fui o maioral. O meu primo morava na Lua Nova era pastor e eu já tava enjoado de Goiás e vim por causa do garimpo e o povo aqui não sabia. Aqui é a minha terra! Sou pioneiro da Buenolândia, fiquei aqui, tenho muito parente enterrado, sogro, sogra, tudo.... fui garimpeiro a vida toda, até quando o barranco caiu, ai saímos da fazenda do Ferreiro e pagava a Fazenda dos padres recebia imposto do ouro para os funcionários da divisa entre Goiás, Itapira, Faina. Tocava viola e sanfona de 8 baixos, nos batizados, casamentos, festas. Aqui ninguém atenta, todo mundo é pobre. Ninguém cobiça ninguém não!

Conversas com Sr Inocência Gonçalves Pinheiro, 90 anos/ Dona Amélia L. Pinheiro 76 anos

(Barra, 21/05/2019)

Desde meus dez anos de idade, nós veio mora lá com os Ferreira, nós vinha aqui na Barra de a pé. Era Anunciação que morava lá onde que era o leite do Ramos. Ai quando fundiu essa igreja ai, eu tava falando, aqui só tinha duas casas. Era essa lá e essa igreja aqui, mas num tinha as outras casas. Na época que eu vim pra ca, ai tinha os mais vei que morava aqui, as casa. Essa casa que eu moro nela aqui, foi Calixto que fez, depois dele casado que ele fez essa casa. Então, eu trabaiei, morava na casa da irmã da minha mãe la, ela falo, meu fio sabe mexe cum maderia. Eu que lavrei a madeira pra ele, fisso essa teia la pra ele, então fui mexendo aqui. E foi indo até que minha mãe compro essa terrinha ali, e ela mudo pra ca, moro ali, e já ta com trinta ano que eu comprei esse trem aqui e eu conheço aqui com oitenta ano, quer dizer, pela minha idade to com noventa, então quer dizer que, tem oitenta ano que eu conheço essa Barra. Então não tinha ninguém mais novo, eu sou o primeiro mais veio daqui da Barra. Tem agora que nem o Sr Nenzico ali é mais vei que eu três anos, mas ele morava em Minas e quando veio pra ca foi agora a pouco que ele fico ruim. Tem a dona Antonia mais Sr Lazico, então ta tudo mai novo que eu. Eu sou o mai vei. Ta ali na parede que firmo eu levo eu la na Camara e pos ali na parede, sou o mais vei daqui de Buenolandia. Depois o Marão fez esse trem ai, não era dele, não é dele nem nunca foi, esse fundo aqui da igreja num é dele, a chácara da Sirvinha la, num é dela, então eles tomo conta disso ai tudo. Mais aqui, ó, ta escrito aqui da Buenolândia, até la na ponte, tudo aqui é da igreja do Rosário. Os mai vei, ai os Bocadoo pra Senhora do Rosaro, aqui que é a dona ai dessa igreja. Então o povo pensa assim a Barra é nova, que nova sô! Essa Barra aqui ta com 486 anos. Começo com a casa do leite do Ramo e a igreja. Não tinha mais casa aqui. Pra chegar aqui era vindo pela estrada de chão

passando pra Santa Barbara e vinha aqui na Barra, mas não tinha estrada aqui, nem ponte nem nada. Depois que esses povo caso ai, e surgiu a ponte, mas não tinha ponte nem estrada. É que nem aqui ó, a ponte era ali ó no fundo do Mauro, ai agora pos ela pra cima. Eles tiraram ela dali porque o caminhão tombo, mato o motorista e derramo sessenta saco de arroz ai no rio ai, um pocado eles panho outro desceu rio abaixo foi embora. Então é muito forte a ladeira e ele eu não sei se ele tava dormindo, ou o que que foi ele ligo foi a ré, ai tem la um montão de pedra, da pra pesca la debaixo da ponte. De la da areia joga o anzol vai descendo assim pegando um piauzão. Quando minha mãe moro aqui, ninguém vinha aqui a não se de a pé porque não tinha condições de vim de carro e nem nada. Só esse caminhão que tombo dessa vez ai. Minha mãe morava ai ó, nessa casa onde está o pastor Isac, porque não tinha casa na época, ela não tinha comprado e depois ela mudo pra dentro da fazenda aqui do Marão. Lá ta até prantado la, eu que plantei gueiroba, fez chiqueiro, moro uns ano lá. Ai nós foi saindo tudo eu casei também, larguei dela ai ela vendeu ali e foi embora pra Goiás. Isso aqui é veio, essa Barra aqui. Esse tanto de casa aqui é novata, porque quando eu casei, quase não tinha casa aqui. Veio um pessoal de São Paulo, com um apareio. Dona Dorfinha não tinha morrido ainda não, ela morava lá. Ai, esse apareio eles puseram la dentro da igreja lá, e els arranco as tabua tudinho ai ó e ele tiro uma lata cheinha de areia ele penso que era o oro que o Bartolomeu tinha enterrado ai. Ai quando ele chegou na Dorfinha ele bateu a lata ela raxô era pura areia que tava na lata. Ele mostro pra todo mundo, eu ainda falei pra ele: uai, se ta enganado, esse home não ta enterrado aqui não! Iguala essa cruz ai ó. O Calixto, ele que fez ela, nós pego lá naquela serra lá ó, nós trouxe ela, até quem fez a festa foi a esposa do homi que era dona daquela terra la. Ela mato vaca e nós veio carregando essa cruz. Ai chegaro aqui, não, tem guardado oro ai nessa cruz ai. Rapaiz, foi nós que fez, com Calixto e nós trouxe carrega.

Sr Inocência, no alpendre de sua casa, Arraial da Barra

(Barra, 13/10/2019)

“Quando o Casarão era do Bartolomeu, eu vinha, eu tinha a idade de 10 anos. Ai quando eu fisse 33 anos eu casei, ne. Tudo lá no Casarão. Foi Cartório. Depois que o Bartolomeu morreu moro muita família. Nenhum descendente, só mesmo o Bartolomeu. A famia dele eu nunca conheci e os outro que moro ai tamém nunca conheceu. Nós morava lá dentro. Ele era feito de adobo e as telhas de barro, igual a minha casa. Janela e porta de madeira. A madeira já acabaram com ela tudo. O Ramo já ta fazendo até ... desmanchou tudo e acabo com aqueles trem véi e já ta pondo tudo novo dele lá. Aquela pilha de madeira lá, ele que vai pondo lá porque a IBAMA num que dexa ele po la em outra banda intão ele ta pondo lá porque ele que manda. Esse Casarão dá quase dois alquere, beirando o rio ai ó. Tudo até lá berando a ponte tudo até lá berando aqueles manguerão até aqui ó tudo é da igreja ai ó. Daí o Marão deu pro Ramo, falei dado falei Ramo Sr Mauro não é dono disso dai não. Como assim padim, eu falei isso ai é da igreja. O Mauro ele falou que ia tomar até aqui a minha terra, aqui da minha casa. O fundo ai ele tomou tudo ó. Pôs as casa ai ó. Se o Casarão voltasse ia ser uma alegria, é o que o povo fala. Pertence ao nosso município aqui da Barra, até os nosso documento aqui tudo fala do Casarão ai. Nós que foi criado aqui na Barra, tem os documento tudo é daqui da Barra e do Casarão porque o Cartório era lá ne dai a Milica ficou sendo dona do Cartório e passou pra Néia. Dai a Néia fez a casa lá passou pra lá. Fez na minha casa aqui uns dias, ai fez a cada dela levou pra lá, agora tá la no advogado. Eu tenho terreno dentro do Goiás, mas eu to morando

aqui, quero ser morador do chão. Já mostrei pros meus cunhados, tudinho, onde enterrou meu sogro, minha sogra, meu fio, meus parente, então tem irmão meu tamém, irmã, eu quero ser enterrado ai ó. Agora lá em Goiás, tem a mãe, irmão tem 3 enterrado lá. Eu quero aqui porque eu gosto daqui. Duas coisas que eu vo fala pra Sra, aliás, 3: uma que a Sra aqui pode fica forgada, pode durmi ai cum porta aberta, ninguém cubiça nu seus trem, aqui num tem malandro, aqui tem um peixinho, ce que cume um pexim quentinho ali na hora, pega o anzol vai la e tchup, pega vem e faz na hora o pexim. Todos os dois, o Bugre é aqui ó e o rio Vermei é aqui. Desce ali na ponte e tem peixe no pé. Sra ta pescando e ele ta ali pulando ali ó. Tem fartura. Num planta roça mais, porque quando mudei pra aqui eu plantei, o chiqueiro lá. Nós todos os dois levanta a mão pro céu agradecendo à Deus. Eu sou aposentado a mulher é aposentada. Nós veve aqui tranquilo, nós num deve ninguém e nós come a vontade. Primeiro eu era lavrador e pedreiro. Roça de arroz, eu mesmo plantava de enxada, de enxadão, matraca. Mandioca até hoje eu ainda planto ai no meu quintal. Nós anda 3 légoas com a panela na cabeça, a gente trabaiaava até cinco hora da tarde, e punha as panela vaziiinha e ia embora pra casa. Nós compro casa em Goiás, nós compreemo aqui sem deve nada pra ninguém. Ai quando ieu comprei aqui, a gente tem que contar a verdade, ai eu oiava um bar la em Goias, mas era do meu fio, então ele falava tem 22 pião, e tem pendurado na parede tamém ai. Sabe quanto de oro que eu levava em Goiânia por quinzena, por quinze dias de serviço, eu levava 1.200 gms de ouro. Ai chegava lá o patrão tirava 600 pra ele e 600 pra mim e largava vendia pra ele o oro e vinha ia lá comprava os trem punha no ônibus e ai eu peguei fui comprando caminhonete, carro, trator, e fomo levando horta. Assim eu trabaiei por 10 anos. Toda semana matava uma vaca lá pros peão come. Toda semana. Dava pra eles eles iam embora, a muié fazia uma panela assim cheinha de comida. Eu fui o maior garimpeiro aqui da Barra. Eu dei minha batéia pos outro. Só tenho a pá véia ai, o prato, até a balança eu dei ela. Depois do Casarão e da igreja as casas mais antigas são a minha e a da d Francisca, a minha é a derradeira. Os donos da Barra: Ferreira Pontes. Eles que adoou pra igreja aqui. Era chão deles aqui. São 45 arqueire, vai até lá perto da ponte do Apertado. Eles doaram pra Santa Nossa Senhora do Rozáro. Foi eles que adoou. ” (Sr Inocêncio, 91 anos) Entrevista 13/10/2019.



## APÊNDICE 4

Conversa com D Nazareth da Cruz Barroso (Goiás, 81 anos, 11/11/2019)

Essa casa d Nazareth, onde mora hoje a Dita e o Militão, é a casa da Feliciano e do Canuto, são seus pais, a sra nasceu ali?

R.: A minha história eu tava nenezinha quando fez aquela casa. Eu nasci lá perto do Justino, sabe onde é o Justino e da Ivany? Eu nasci lá era uma roça, era uma capoeira que eles tava desmatando, não plantando, limpando o arroz que plantou em janeiro, e então em janeiro eles iam limpar ele. Eu nasci dia 24 janeiro de 1938. Depois que eu nasci lá nessa roça minha mãe de resguardo de mim ia pra roça pra cuidar das lavoura, plantava arroz no mês de dezembro eles terminava de plantar, mas janeiro era arroz de três mês que eles dizia e ia limpando ele pra morde dá uma coieita tá tudo maduro e ansim eles coieiu. E aquela casa foi feita quando eu nasci nesse rancho lá perto do Justino. Ai minha mãe vorto comigo dizia que eu era um nenezinho gordo, muito gordo os bracinho diz que era uma bolinha. Ai que fez a casa da minha mãe, ai depois é que eles foram faze a casa ne. E quem fez a casa da minha mãe mais do meu pai sempre era esse Sr que fazia praqui cuidava dos fio, cada um tinha suas casas, foi o meu avô, meus dois tio, que fez a casa da minha mãe. Meu avô Pedro Ferreira Pinto, era pai da minha mãe Feliciano e meus tios irmãos dela que ajudo a fazê a casa. Chamava o mai véi da famia, ele chamava-se Artur e o outro chamava-se Luiz Ferreira Pinto. Mas nesse tempo, o Luiz Ferreira Pinto ainda não trabaiaava muito bem não, fazia outro serviço. E então tinha o Antônio Ferreira Pinto que ajudava o tio Artur e o vô Pedro. Aquela terra era do pai do meu avô, diz ele que falava assim que já tava partindo, partindo. Eu sou a mais velha, depois veio meu irmão Domingo. O nome do meu irmão já é diferente, eu é porque puxei pra traz ne. E ele tava acompanhando meu pai assim pra frente. Domingo da Cruz Arruda, quando ainda ele era moço. Depois que ele casou, ele continuou com o sobrenome dele a mesma coisa. Nasceu lá também a Calixta. Tinha um outro que nasceu e já tava doente, cresceu, tava com um ano e morreu porque deu aquela doença que dá aquela coceira, carocinho, carocinho, carocinho, sarampo, dai ficou nós três. Meus pais viviam da lavoura, derrubando mata, pra faze a roça de arroz, de mio, tirava da despesa e vendia o que sobrava pra pode ter alguma outra coisa, te um dinheirinho pra compra um sal. Isso ai até eu alcancei eles fazendo a roça. De quarenta e pouco pra cá é que acabo. Foi cabando, foi cabando até que hoje ninguém faiz roça. Tinha porco, tinha a vaquinha pra toma o leite, tinha o cavalinho, a mulinha pra amuntá e passeia nos vizinho. Fazia farinha, minha mãe fazia porvio. Nós ia pra roça, num capoeirão com aquele pico, garrava na roupa da gente, era o pico. E ai nós ia pra roça, eu, minha mãe, meu irmão Domingo, minha irmã Calixta que já tava menininha com poucos anos, já quatro, seis anos, coie mamona pa faze o azeite, pra faze lumina. Isso antigamente era a candeia. Minha mãe fazia. Torrava a mamona, bem torradinha. Nem ficava cru e nem sapecada, bem controlada. Ai deixava ela refresca um tiquinho e ia pro pilão. Botava essa mamona no pilão e ai braço pra quem tem! E quanto mais ia socando mais ia soltando o azeite mais pesado ia ficando. Hoje quase não tem garrafa de vidro mais ne, depois punha na garrafa de vidro, tampava bem tampado punha lá no cantinho. Pegava um pra por na candeia. Saia como mel, pegava ele assim e virava na garrafa assim. A candeia era feita mais o menos assim, agora aqui ela tinha um biquin, ali nesse biquin botava um pavio, fazia um pavio, minha mãe fazia, nós ajudava ela casca o algodão pra pode ela faze o pavio, a gente falava era pavio, e ai enrolava ele, bem

enroladin, traçadin e botava ele no fundo da candeia, porque fazia candeia funda. A candeia meu tio fazia de lata, comprava coisa de lata quando cabava aquela coisa da lata. Era remédio pra vaca, ai tirava, lavava e punha. Minha tarefa era varre a casa, era chão, chão puro, era chão batido. Eu era só varre agora essa tarefa de batido era meu pai, ele batia. Enquanto ele tava meio mole, ele tava batendo, chamava-se batedo aquele pau que batia com ele ne. Cortava ele e lisava, lisava o fundo dele aqui do batedo, ai cortava o tanto que ia precisa pra faze o batedo e ficava o outro pedaço pra cá, e lisava bem lisadim o outro pedaço também pra segura pra bate o batedo. Batia com a mão, tinha um cabo e batia com força, jogava uma aguinha assim e antes que a terra tava turrão, ai tinha aquele de soca, ai quebrava com o enxadão, com a enxada, quebrava aqueles turrão e passava a enxada pra lá e pra ca e tirava aqueles caroço, depois vinha com a água assim chacuaiava assim bem por cima da terra moiava ficava unta, tinha um cheiro gostoso. Os quarto não piscisava ter porta. Trocava num cantinho lá. O marido e a mulher saia lá pra fora, lá na roça. O quarto tinha uma varona lá e um coxão, servia pra dormi. Fazia assim o seguinte, não tinha porta, tinha muitos lugar que tinha porta e tinha otros que não. É aonde diz que não dava conta pra faze a porta pra coloca. Então na casa da minha mãe e das tia dela tinha a porta porque os irmão dela fazia a porta pra ela. Tinha tudo. Quando eu não queria coisa, ou toma banho já vistia e vinha pra dentro ai rumava a cortina na porta fazia a porta, porque as vez a gente já tava dormindo, as vez tinha mais gente na casa que vai passeia, ai dava uma sede pra ir na cozinha ne, que nem até hoje, ai agente pegava e fazia a cortina e punha passava pra la pra ca tava tapadinho. Tinha namorado coisa e tal mas isso ai já era um pouco seguro. Castigo ganhava. Eu quando eu me casei, casei com dezesseis anos. Namorei o Cipião 5 meis, 5 meis nós caso. Não foi uma paixão, mas também nun foi arranjado não, mas num queria da demonstração que tinha namorado mai tinha namorado, mais não queria da demonstração que tinha. Ai chego la no pai mai na mãe e pediu casamento e logo nós casamo. Eu sabia que ele ia pedi, ele falo né. Ele morava longe, morava lá perto do Coqueiro. Casei na Barra, no escritório da Barra, lá no Cartório da Barra, casamo na mesma igrejinha la da Barra no mesmo dia, 4 de setembro de 1954. Na primavera, casei de noiva, feito pela mulher de Inácio Camargo, ela morava ... não to lembrada mais. O meu vestido era de frozinha e era feito de qualquer coisinha nele, parecia que era um fubá, sei lá, ora que moiasse ele, ele manchava toda aquela formosura que ele tinha, mas a costureira falo cê, ela chamava de fia, ó fia cê não vai moía esse pano. A gente pode lava o pano, tinha um sujinho, cê oce lava ce vai visti um vestido de saco de linho, ele desmanchava a formosura. Na cabeça uma grinalda, tinha frozinha aqui assim, bem por aqui, tinha o véu, depois do véu a grinalda, depois da grinalda as frozinha, batom vermeio, era vermeio naquela época e a grinalda era branca. As frozinha panhava assim no campo era rosinha, flor do cerrado. Vestido longo até no pé, sapato feio mas tinha, chamava Anabela, compro a meia também. Nós fomo de a pé. Nós caso na Barra, meu pai mais minha mãe acho melhor nós acampa lá na Barra, fica la uns dia, uma semana, uns quatro dia nós ficamo. Nesse tempo só tinha mangueira veia no fundo da Dona Fia. Meu pai tinha a tolda, de faze um quarto, a gente falava era tolda, hoje em dia é barraca ne. Ele tinha era carro de boi, ai arrumava, minha mãe fazia lataiada de bolo, só biscoito quebrado, ela fazia duas lata de quebrado e biscoito de fubá de mio, tudo era ela que fazia, botava na lata bolo de trigo, ai foi umas três ou quatro lata de bolo depois do casamento. Ai levantamo cedo, a mãe fez uma tigelona misturo lá o bolo e pois lá todo mundo comeu depois que acabou o bolo. Depois do café que foi o casamento do escritório. Depois do almoço foi o casamento foi o casamento na igreja. A famia dele, cada pessoa ficava debaixo de um pé de mangueira. Ai eu

peguei essa roupa branca, ele saiu de uma barraca lá mais na frente e eu sai com minha madrinha saiu da barraca também foi direto pro escritório depois do almoço foi pra igreja também vestido com a mesma roupa, não tinha buque não. No começo do casamento não teve aliança não. Depois do casamento. O padre pegou a mão e benzeu a mão, como não tem a aliança põe sua mão assim encima da mão dela. Eu oro nas suas mão e com fé em Deus, a pesar que vocês não tem aliança que é a testemunha do casamento, ela não tem aliança, nem você também, já que não tem a aliança que é a testemunha do casamento, nós vamo faze o casamento assim desse jeito. Ai minha tia que foi testemunha, que foi madrinha, ela e um tio da minha mãe, tio meu que chamava de Benagio, ai seu vigário, como é que faz? Faz é que vocês tem que te união, não faze coisa feia, briga, que briga é coisa feia no casamento e foi falando. Então o seu casamento ta feito, a sua aliança ta batizada. Um dia vocês podem compra uma aliança e usá. E eu usei, passar do tempo ele compro e agora pouco tempo que eu tirei esse ano ela da mão porque ela tava fininha já. Guardei as duas junto. Depois de casados a gente foi praquela casinha onde a gente mora nela (casa da Cida). Antes daquela tinha uma veia que foi meus tio mesmo quem fez. Tudo de madeira, o vô Pedro ajudou lá um pouquinho mas ele não termino nada, deixo. Eu ajudei cozinhando. Cipião mexia com vaca. No dia de faze a casa ele ia dava uma oiada e saia de novo. Era dois quarto e uma área pra lavar roupa pra debaixo. Eu pedi dois quarto, uma sala de jantar, a salona fico compridona também. A primeira casa era de pau a pique, depois desmanchou, mas não desmanchou o teiado não. Ai pos adobe. E depois pois tijolo, derrubo todinha pra levanta de novo. Foi três. Antes era duas janela de madeira e ficava a porta no meio. O projeto da casa era o mesmo da minha mãe. Na casa da minha mãe ainda ela tava viva, é que fez aquela cozinha daquele jeito. Aquele rancho foi minha mãe mais meu pai. Aquele rancho era de faze o forno pra assar o bolo la naquele rancho. Ali tinha pouso de Folia, festa da Folia. Minha mãe gostava, meu pai gostava de uma violinha, ele tocava viola. A casa da Calixta também foi construída por eles. O marido dela era primo primeiro dela, neto desse vô Pedro também. A casa da minha mãe tenho lembrança que nós era reunido, gostava um do outro não era discussão. Nós tinha amizade e tudo o que meu pai ganho foi ali trabaiano, é isso. A minha mãe ensinou trabaia na cozinha, quando um ia pra roça, trabaia na cozinha, limpa arroz no pilão pra come, socava mamona como disse procê faze o azeite, faia queijo, pouquinho queijo mais fazia, pra vende, pra compra alguma coisa, e tudo era comprado aqui em Goiás, sal pimenta do reino, tanta coisa. Quando meu tio pescava dava pra minha mãe. Minha mãe não costurava, ela fazia bolo pra merenda na roça. Eu brincava, eu minha irmã, meus primo que a gente morava tudo perto, a gente juntava quando não tinha serviço em casa. Quando a gente ia pra roça não tinha brinquedo não. Era só quando tava em casa. Era com o buriti, faze balaio, fazia boneca, fazia zoinho, fazia boca, fazia nariz, aquele talo enfiava assim no peito da boneca, fazia cavalinho, fazia vaquinha, fazia galinha, fazia tudo assim do buriti, colocava pano de roupa velha e fazia os vestidin, boneca de milho, com aquele cabelo loirim, boizim de barro da beira do córgo. Aquele forno de assar o bolo, forrava com a palhinha de novo, eu tava com oito a nove anos, com doze eu já vim pro colégio ai depois eu não vortei mais pra bonequinha de buriti mais não. Depois eu já tava no serviço de cozinha, meu pai matava o capadinho e nós ia frita ele. Pegava aquela bacia grande de alumínio, não de foia que eles fala ne, ia pra beira do córgo ia lavar aquelas tripa bem lavadin, a paquera, que hoje a gente fala figado, ne. Ai fritava, guardava e ia comendo, era o serviço ne. Varre a casa, a cozinha, varre tudo, limpava tudo. A gente não tinha horta, plantava um jirauzinho de cebola pra faze moio. Quando eu tinha uns doze, treze anos era mês de janeiro, e já saia o

arroz e se não limpasse ele, ele não dava arroz nenhum pra nós cume, ai nós foi limpa. Meu pai nervoso, dizia larga isso ai que num vai da mais nada, vai caça um serviço que da tento, que da ajuda. Ai nós nunca tinha andado num caminhão, ai pego uma roupinha mais bunitinha, uma sainha mais bunitinha, e ai nós foi capina. Eu fui com uma sainha nova, a brusinha sortinha assim, de crepe azul. E ai nós como é que nós faz pra ve esse caminhão? O caminhão era de um Sr que morava em Goiânia, Dr Britz. Da estrada a gente enxergava da porteira da roça aonde a gente ia limpa o arroz. Quando a gente saiu da casa onde a Cida mora, ai agente escondeu la pra ve se passava, escondida pra ve o caminhão. O caminhão passo numa corredeira feia e do outro lado se ele fosse passar devagar ele atolava, ele passo e a gente viu só a bunda dele. Pamonhada nós fazia era de um balaio, dois balaio quando era só nós cinco. As veiz tinha mais gente, a tia Ica quando ia fica la na casa nossa, a vó Sinhorinha que era a mãe do meu pai, vô Totó que era pai do meu pai e os outro tava pra longe demais, mais arretirado. A pamonha é gostosa e por aquele sabor que ela tem. Minha mãe vendia um frango ela tinha dinheiro, um ovo ela tinha, mas era tudo misturado o que era de um era de todo mundo. A casa da minha mãe, a Dita sentiu amor por aquela casa, ela não ia desmanchar aquela casa de maneira nenhuma. Quando a gente desmanchou a nossa meu pai já tinha morrido, minha mãe tava viva, a Dita também já tinha casado, ai ela falou assim a casa que era da minha avó eu não vou desmanchar por lei nenhuma, porque a lembrança que eu tenho da minha avó é essa casa. Eu já tinha desmanchado a nossa que é essa que a Cida mora. Algumas coisas da casa já acabou dos móveis, mas o que a Dita pode conserva ainda tem. Eles dormiam em rede quando chegava da roça e quando tava cançado ai deitava na rede pra balançar, pra refresca. A casa tinha prato, gamela, garfo, colher como esses que a gente usa até hoje, muitas vazia de esmaltado, caneca esmaltada que tinha pra toma café, foi emprestando e acabo tudo. A água vinha do rio, ficava num pote, ela não fervia não, só pra fazer o café faze o arroz. Na várzea, onde tinha aquele barro bem lustrado, ai passava na peneira grossa, misturava com outra terra fina, deixava secar e rebocava, passava na parede, ficava bem branquinho. É a mesma que a Dita usa até hoje. Aquela casa sempre foi de telha. Os pais da minha mãe Feliciano e do meu pai Canuto (Fazenda Muquém) eram tudo dali. Minha mãe fazia um biscoito quebrado e um bolo de trigo que cheirava longe. Colocava o trigo na gamela e sovava, sovava, ralava um prato de queijo e tornava a mistura. Até hoje ainda deixa saudade, eu ainda quero faze um desse ainda. Ela punha gordura de porco e erva doce e canela pra mode fica cheirano e assava naquele forno la de fora. Tinha uma tabinha quadrada igual a porta do forno. Ai a gente ia na beira do córrego e pegava uma gaia da folha de Santana, antes de por o bolo la no forno, passava ela la dentro do forno, esfregava bastante, ficava alguma foinha la dentro, e essa foia de Santana cheirava esse bolo. Eu tenho todos os meus filhos dentro de mim, porque eles tava pequeno e eu criei, eu lembrar de tudo que não posso lembra, quanto mais a gente lembra e tem saudade. A Cida tinha um ano e nove meis, o outro tinha tres aninho e tinha uma morena e um outro eles era irmão. Intão a menina tava com cinco anos e o menino irmão dela tava com tres ano e Militão com 12 anos. Até hoje ele me trata muito bem, ele moro lá com nós. Criei 5 filhos, todos eu ajudei a criar, nenhum de sangue. Considero filhos ne! Eu peguei eles pra cria pequenos, então eu gosto mais deles pequeno do que grande. Afilhado quando um dia da bença no outro dia esse eu não conheço. A diferença de madrinha com a mãe, a consideração é pouca. Meu pai cantava, a comida juntava na roda da panela, minha mãe não cantava nem dançava e dai nós também ficamo sem dança. Agora a Calixta dança que é uma boneca! Arraial da Barra, ouvi falar esse nome desde muitos anos. Lá tinha

uma ponte, a do Bugre, o meu avô diz que era um véio safado, pai do meu pai, diz que tinha uma dança, largava a minha avó que não gostava de ir em festa, que tinha aquela escada de menino, um mais pequeno que o outro, ai foi fazendo a escada até que chego o fim que é a lca. Ai diz que tinha uma dança la em riba dessa ponte chamava imbigada, em cima da ponte e meu avô dançava com as muie que ia la. Era as dança que meu avô dançava. Ai no outro dia ia pra casa da mãe, e ai cumade danço muito? E aquele corote daquele veio dexa a gente dança? Ela não ia, ela ficava. O fogão ela fez de cimento e fez pra afasta a fumaça de ca de dentro da casa. Minha mãe Feliciano Ferreira Pinto depois de casada ficou Ferreira da Cruz e Canuto da Cruz Arruda, que é o que falta naquela casa que não vorto mais, que a gente alembra e sente saudade, é esse que farta pra nós, minha mãe que farto, eu senti demais. Quando fazia festa era só ela e a tia Nicolina que cozinhava. A casa que eu fiz de adobe e depois de tijolo, fartava era a janela de vidro, fartava era claria la dentro, um banheiro, uma despensa. O cartório eu lembro dele, parece que tinha uns três ou quatro quartos, era alta, chão de barro.”



1



2



3

1 Dona Nazareth em sua casa, bairro João Francisco, Goiás, GO.  
 2 Sr Canuto e Dona Feliciano (pais) 3 Dona Nazareth e Sr Ciprião



1



2



3



4

Acervo de família, dona Nazareth

1 vó Ciana e Cida do Zé do Peão

2 Vovô Canuto

3 Cipião e Nazareth no casamento de uma sobrinha dela na fazenda

4 Cipião e Nazareth, Vilmar, Dita, Cida e Célio na festa da Barra (1974)



5



5 Procissão da padroeira na Barra (1970)

6 antiga casa de adobe da dona Nazareth, na frente Militão.



Acervo de tapete de grade e cerâmicas artesanais feitas pelas mulheres da Barra, comunidade São Sebastião da Cachoeira, no Barreiro Branco, próxima ao distrito de Águas de São João, primas de dona Nazareth, ceramista dona Perpétua.

## APÊNDICE 5

Apêndice 05: Loteamento clandestino e tipologias sem infraestrutura construídas informalmente.



Apêndice05a: Área irregular loteada em 2021 – Distrito de Buenolândia – Cidade de Goiás (GO). **Imagem:** Google Earth  
**Organização:** SILVA, LHA (2020).



Apêndice 05b: Área irregular loteada em 2003 – Distrito de Buenolândia – Cidade de Goiás (GO). **Imagem:** Google Earth  
**Organização:** SILVA, LHA (2020).



Apêndice 05c: Casa - tipologia edilícia padrão no Distrito de Buenolândia – Cidade de Goiás (GO).  
**Imagem:** Luciana Helena Silva (2018).



Apêndice 05d: Casa – tipologia de construção em área irregular no Distrito de Buenolândia – Cidade de Goiás (GO). **Imagem:** Luciana Helena Silva (2018).

Fonte: caderno de campo (2018).  
Organização Luciana Helena Silva

## APÊNDICE 6

Apêndice 06: Análise da demolição do Casarão de Fronteira no distrito de Buenolândia, GO.



Apêndice 6A: Presença de todos os elementos pré-componentes do conjunto arquitetônico, a composição original do aglomerado do Arraial da Barra (da esquerda para direita: Casa de Anhanguera 1, largo 2, cruzeiro 3 e Igreja 4), 18/09/2003.

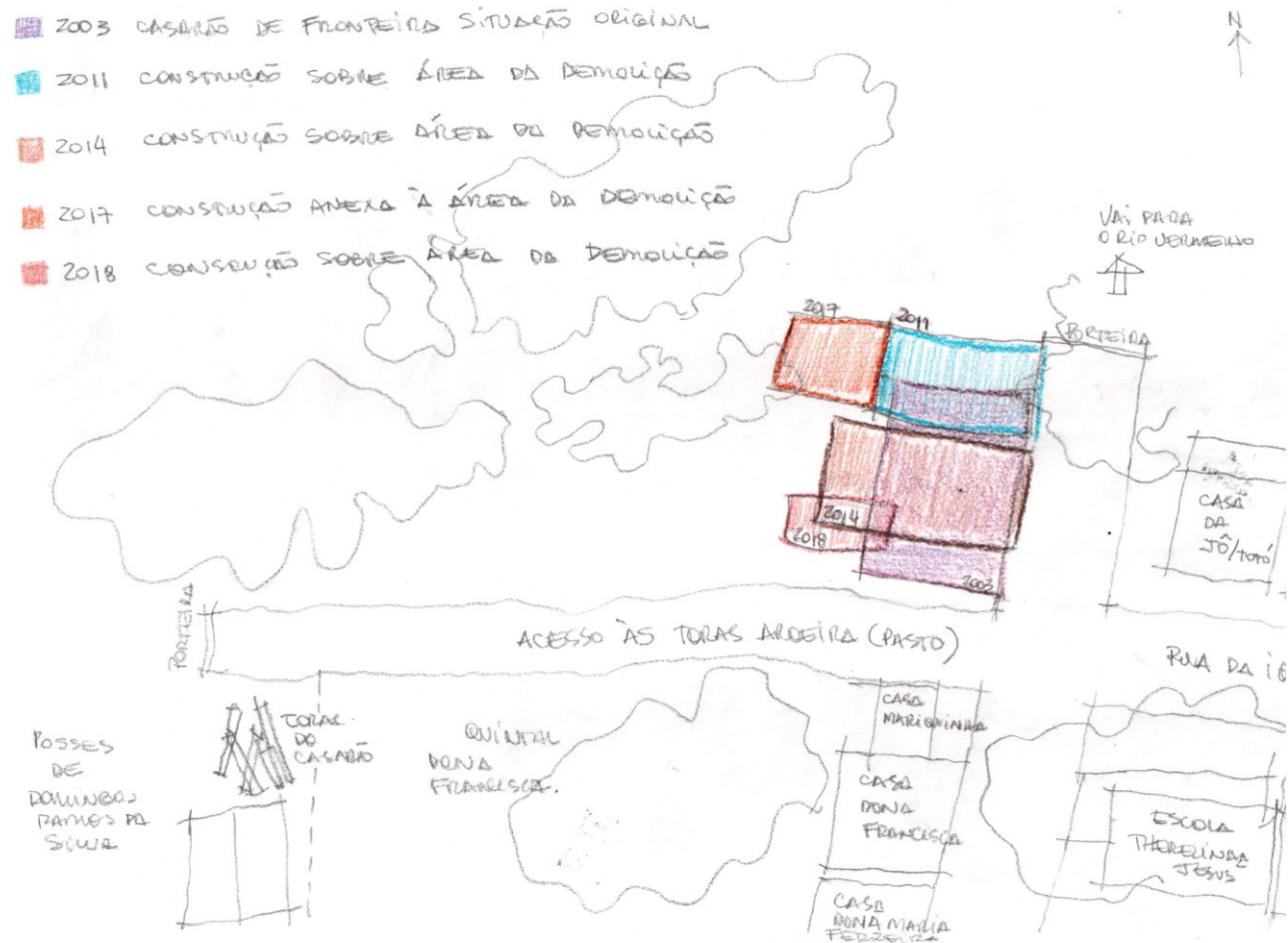
Apêndice 6B: Ao lado zoom da casa de Anhanguera original, 18/09/2003.

Apêndice 6C: Ausência do Casarão de Fronteira, presença dos demais elementos pré-componentes do conjunto arquitetônico da composição original do aglomerado do Arraial da Barra (da esquerda para direita: largo2, cruzeiro3 e Igreja4), 03/08/2011.

Apêndice 6D: Ao lado zoom da área da casa de Anhanguera com resfriador de leite e mandiocal construído no local, 03/08/2011.

Fonte: Google Earth (2021). Organização: SILVA, LHA (2020)

Apêndice 07: estudo- croqui de alteração do patrimônio em Buenolândia



Fonte: caderno de campo SILVA, LHA (2021).

**Apêndice 08:** Ocupação de áreas históricas, do conjunto arquitetônico original.



Apêndice 08A: Cobertura particular sobre adro da Igreja, encostado no muro do cemitério secular



Apêndice 08B: Ranchão ou Centro Comunitário



Apêndice 08C: Escola Municipal Terezinha de Jesus



Apêndice 08D: Coreto do adro da Igreja



Apêndice 08E: Sede da Associação dos Moradores



Apêndice 08F: área do largo da Igreja sem planejamento

Fonte: SILVA, LHA (2018)

**Apêndice 09:** croqui do conjunto do aldeado na geração Buenolândia (sec XXI), inserindo a casa de Anhanguera (esquerda) e deixando o largo desocupado (primeiro plano), retomando a composição do conjunto arquitetônico original



Fonte: caderno de campo SILVA, LHA (2021).

**Apêndice 10:** Ocupação particular de APPs do Rio Vermelho.



Apêndice 10A: Rancho particular dentro da faixa de proteção APP Rio Vermelho

Fonte: SILVA, LHA (2018)



Apêndice 10B: Tipologia precária de rancho particular na APP Rio Vermelho

Fonte: SILVA, LHA (2018)



Apêndice 10C: Ranchos particulares em área de APP Rio Vermelho, Buenolândia GO

Fonte: SILVA, LHA (2018)



Apêndice 10D: acesso em área particular aos Ranchos particulares em área de APP Rio Vermelho, Buenolândia GO

Fonte: SILVA, LHA (2018)

**Apêndice 11:** Equipamentos e serviços urbanos que o PIU deve contemplar.



Apêndice 11A: Acúmulo de lixo e entulho na entrada da GO-070 no acesso a Buenolândia GO

Apêndice 11B: Equipamentos urbanos com controle manual.



Apêndice 11C: Precariedade nos equipamentos públicos para suporte da infra (resíduos sólidos)

Apêndice 11D: Sinalização precária nos acessos ao distrito

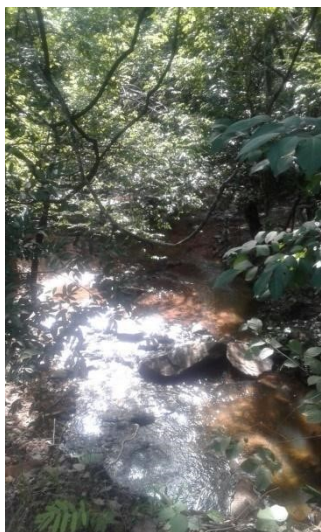
Fonte: SILVA, LHA (2017)

**Apêndice 12** - Placa no interior da cidade de Goiás (GO), única indicação para o distrito de Buenolândia, vila distrito escolhido para área de estudo



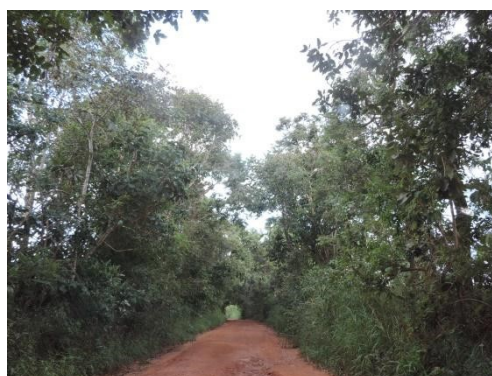
**Imagem:** Luciana Helena Silva (2017)

**Apêndice 13:** Caminho da cidade de Goiás a Buenolândia, século XVIII.



Apêndice 13a: Córrego Manduzanzan, zona rural da cidade de Goiás.

Apêndice 13b: Igreja de Santa Bárbara, área urbana da cidade de Goiás.



Apêndice 13c: Região da Pedra Preta, zona rural de Buenolândia.

Apêndice 13d: Estrada da Barra por Santa Bárbara, zona rural da cidade de Goiás.

**Fonte:** SILVA, L.H.A.(2018).

Apêndice 14: Acesso a Buenolândia, na década de 1940.



Apêndice 14a: Rio Índio (contribuinte do Rio Vermelho), zona rural da cidade de Goiás.



Apêndice 14b: Passarela sobre o “vau” do Rio Vermelho, distrito de Buenolândia.



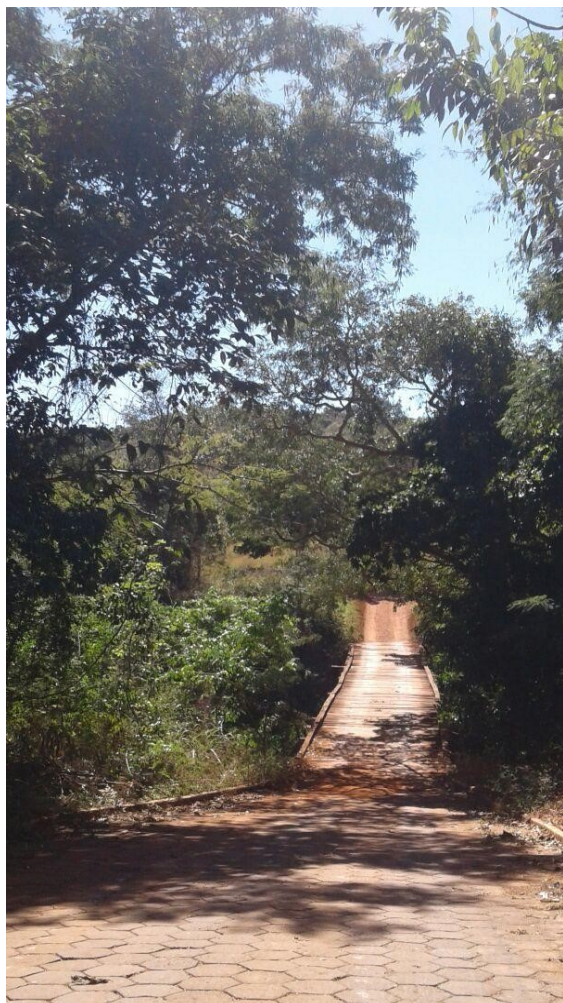
Apêndice 14c: Região da Mata do Baú, zona rural de Buenolândia.



Apêndice 14d: A estrada pela comunidade “Maritá”, zona rural da cidade de Goiás.

**Fonte:** SILVA, L. H. A. (2018)

Apêndice 15: ponte sobre o Rio Bugre.



**Fonte:** SILVA, L. H. A. (2017).

Apêndice 16: Estrada do Cacete Armado e da Ponte do Apertado.



**Fonte:** SILVA, L.H.A. (2017).

Apêndice 17: Cacete Armado ou Bar do Luciano.



**Fonte:** SILVA, L. H. A. (junho de 2017).

Apêndice 18: placa de indicação ao distrito de Buenolândia.



Fonte: SILVA, L. H. A. (2017).

Apêndice 19: Porteira é também pauta de caderno.



Fonte: SILVA, L. H. A. (jun. 2017).

Apêndice 20: Curvas, caminhos e canais no interior da vila



**Fonte:** SILVA, L. H. A. (2017).

## Apêndice 21: Tipologias da vila de Buenolândia



Apêndice 21a: Casas da vila de Buenolândia.



Apêndice 21b: Casas da vila de Buenolândia.



Apêndice 21c: Casas da vila de Buenolândia.



Apêndice 21d: Casas da vila de Buenolândia.

**Fonte:** SILVA, L. H. A. (2017).

Apêndice 22: Habitar e comercializar no mesmo espaço doméstico.



Apêndice 22a: Cartório da Néia.



Apêndice 22b: Secos e Molhados da Vaninha.



Apêndice 22c: Merceria Dona Geralda.

**Fonte:** SILVA, L. H. A. (junho de 2017).

Apêndice 23: a vida simplificada dos habitantes do local.



Apêndice 23a: *Ranchão* no centro da vila do distrito.

Apêndice 23b: Sr. com a panelinha.

Fonte: SILVA, L. H. A. (2017).

Apêndice 24: rumo à estrada de terra, uma sertaneja forte.



**Fonte:** SILVA, L. H. A. (junho de 2017).

## Apêndice 25A

ITEM	DATA (ANO)	PROVENIÊNCIA	Nº DO LIVRO	CONTEÚDO	FOLHA	OBSERVAÇÃO
01	1766	N.I.	N.I.	3. DIONIZIO DE OLIVEIRA GUIMARAENS	15V	"NATURAL DA FREGUEZIA DE SÃO TIAGO DE SANDIM COMMARCA DE GUIMARAENS CONCELHO DE FILGUEIRAS E ARCEBISPADO DE BRAGA, CAZADO COM FAUSTINA DA SILVA DE QUEM TEVE DOUS FILHOS POR NOMES MANOEL E JOZEFA, E DEMAIS CIRCUNSTANCIAS SE NÃO SABE, FALESCIDO ABINTESTADO NO ARRAIAL DA BARRA DESTRICTO DESTA VILLA"
02	1770	N.I.	N.I.	5. LEONARDO JOZÉ DA SILVEIRA E MOTA	FL. 21	"NATURAL DA FREGUEZIA DE [FERVESSE OU FERVESUE?] TERMO DE VILLA NOVA DE FREXEIRO COMARCA DE GUIMARAENS ARCEBISPADO DE BRAGA, FILHO LEGITIMO DO ALFERES MANOEL DA SILVEIRA E DE SUA MULHER QUE POR NOME SE NÃO POSSA, SOLTEIRO, FALESCIDO ABINTESTADO NO ARRAIAL DA BARRA DESTRICTO DESTA VILLA"
03	1777	N.I.	N.I.	6. JERONIMO ALVARES DE OLIVEIRA	FL. 28	"HOMEM BRANCO, NATURAL DAS PARTES DE PORTUGAL, E DEMAIS CIRCUNSTANCIAS SE NÃO SABE, FALESCIDO ABINTESTADO NO ARRAIAL DA BARRA, DESTRICTO DESTA VILLA BOA"

RELAÇÃO DOS DOCUMENTOS DO CARTÓRIO DO I OFÍCIO DE REGISTRO GERAL DE IMÓVEIS E TABELIONATO (ARREMATACÃO DE FALECIDOS), 1755 a 1837.

Fonte: Museu das Bandeiras, Goiás/GO

Organização: SILVA, LHA (2020)

## Apêndice 25B

ITEM	DATA (ANO)	PROVENIÊNCIA	Nº DO LIVRO	LIVRO DE NOTAS (ASSUNTO)	FOLHA	OBSERVAÇÃO
01	1878- 1880	JUÍZO MUNICIPAL [?]  ANTONIO FELIX DE BULHÕES JARDIM	Nº 87	ESCRITURA DE TROCA DE UM SITIO POR DUAS MORADAS DE CAZAS EM LEOPOLDINA QUE FAZEM ENTRE SI O CAP. SALVADOR HONORATO BUENO DA FONSECA E SUA MULHER D. ANGELICA RIBEIRO DA FONSECA, COM O ALFERES JOZÉ DA COSTA XAVIER DE BARROS E SUA MULHER MARIA AMANCIA NA IMPORTANCIA DE TRES CONTOS DE REIS	34V-35V	SITIO AGRICOLA DENOMINADO BOA VISTA - FREGUESIA DA BARRA
02			Nº 87	ESCRITURA DE TROCA DE PREDIOS QUE FAZEM JOAQUIM ANTONIO DE BASTOS E D. RITA FRANCISCA DE PASSOS E SEU FILHO AMÉLIO JOZÉ DE SOUZA NAS IMPORTANCIAS IGUAIS DE DOUS CONTOS DE REIS	40V-42	SITIO DENOMINADO S. JOÃO DO BOM JARDIM - FREGUESIA DA BARRA

RELAÇÃO DOS DOCUMENTOS DO CARTÓRIO DO I OFÍCIO DE REGISTRO GERAL DE IMÓVEIS E TABELIONATO (LIVROS NOTARIAIS, VOL I, Nº 51 A 89, 1807-1882)

Fonte: Museu das Bandeiras, Goiás/GO

Organização: SILVA, LHA (2020)

## Apêndice 25C

ITEM	DATA (ANO)	PROVENIÊNCIA	Nº DO LIVRO	LIVRO DE NOTAS (ASSUNTO)	FOLHA	OBSERVAÇÃO
01	1882-1884	NI JERONYMO JOZÉ DE CAMPOS CURADO FLEURY	Nº 91	ESCRITURA DE VENDA DE UM SITIO DENOMINADO CAXOEIRA DOS BUGRES NAS TERRAS PERTENCENTES AOS HERDEIROS DO FINADO JOAQUIM LUIZ LEMES E DE UMA SESMARIA DE MEIA LEGOA DE TERRAS DE COLTURA NO LUGAR CONHECIDO POR S. ROQUE E POLVEIRO PERTENCENTE A FREGUEZIA DA BARRA QUE A JOÃO DE ARAUJO GODINHO E JOZÉ JOAQUIM DA MAYA FAZ VITAL PEREIRA BORGES E SUA MULHER D. MARIA JOZÉ DE SOUZA POR SEU PROC. POR 500\$000 REIS	43-44V	
02	1884-1885	NI JERONYMO JOZÉ DE CAMPOS CURADO FLEURY	Nº 92	ESCRITURA DE COMPRA E VENDA DE UMA FAZENDA DE CREAM QUE A VICTOR FERREIRA PONTES FAZ URBANO DELFINO RODRIGUES POR 600\$000 REIS	98-99	FAZENDA DENOMINADA LONTRA, À MARGEM ESQ. DO RIO VERMELHO, FREGUEZIA DA BARRA
03	1885-1886	NI JOAQUIM XAVIER GUIMARÃES NATAL	Nº 93	ESCRITURA DE COMPRA E VENDA DE UMA MORADA DE CASAS SITA NO ARRAYAL DA BARRA DESTE TERMO, QUE FAZ O RVDO. PE. BRAZ DA COSTA E OLIVEIRA A ANTONIO CAMELLO PINTO POR 200\$000 REIS	52V-54	
04	1887-1888	NI JOAQUIM XAVIER GUIMARÃES NATAL	Nº 95	ESCRITURA DE COMPRA E VENDA DE UM SITIO QUE A JOZÉ LEITE DE SOUZA FAZEM ANTONIO DE PADUA GODINHO VIEIRA E SUA MULHER D. ANNA EUGENIA GODINHO, PELA QUANTIA DE 400\$000 REIS (SITIO DENOMINADO CACHOEIRA DOS BUGRES - FREGUEZIA DA BARRA, CONFRONTANDO COM A SESMARIA "POLVEIRO OU DE S. ROQUE" )	FL.1-2	DIGITALIZADO EM 2005

05	1888-1889	NI JOAQUIM XAVIER GUIMARÃES NATAL	Nº 97	ESCRITURA DE COMPRA E VENDA DA FAZENDA AGRICOLA DENOMINADA "S. JOZÉ DO FERREIRINHO", QUE A FELIPPE LEITE ORTIZ DE CAMARGO, AUGUSTO CORNELIO DE CAMARGO E JOZÉ THEOTONIO DIAS FAZEM A EXMA. D. MARIA FRANCISCA DA PUREZA JARDIM E SEUS FILHOS, POR 2:000\$000 REIS (CONTENDO DUAS SESMARIAS, UMA "S. JOZÉ DO FERREIRINHO" E OUTRA "THEOBALDO", ESTA POSTERIORMENTE COM O NOME DE "CERCADO")	9V-11V	FAZENDA SITA NA FREGUEZIA DA BARRA
06				ESCRITURA DE DEBITO E HYPOTHECA QUE A FRANCISCO LEOPOLDO RODRIGUES JARDIM, FAZEM FELIPPE LEITE ORTIZ DE CAMARGO E SUA MULHER, AUGUSTO CORNELIO DE CAMARGO E SUA MULHER D. BENEDICTA VIEIRA DE CAMARGO E OUTROS, DA FAZENDA DENOMINADA FERREIRINHO, POR 1:200\$000 REIS	14-15	FAZENDA SITA NA FREGUEZIA DA BARRA
07	1896-1897	NI SIMÃO DE SOUZA REGO E CARVALHO	Nº 103	REGISTRO DE UMA CERTIDÃO APRESENTADA POR JOAQUIM GOMES PEREIRA (EXTRAHIDA DOS AUTOS DE APPELLAÇÃO CIVIL, Nº 55, EM QUE SÃO PARTES LITIGANTES, COMO APPELLANTES, MANOEL PEDRO FERNANDES DE LIMA E SUA MULHER D. ROZA JOAQUINA VIEIRA, E APPELADAS FRANCISCO ANTONIO DE AZEVEDO E SUA MULHER D. JOANNA JOAQUINA ROZA DE AZEVEDO, TERRAS QUE COMPREHENDE A SESMARIA DO BANGUÊ, PERTENCENTES A D. ALDONÇA PEREIRA DE CAMARGO, VIUVA DE SALVADOR BORGES BUENO)	4V-6	TERRENO NA FREGUEZIA DA BARRA
08	1896	JUIZO DE DIREITO MANUEL L. DE CARVALHO RAMOS, JUIZ	Nº 101	REGISTRO DE UM TITULO DE VENDA DE UMA MORADA DE CASAS FEITO POR D. ANNA RAYMUNDA BORGES (BEM DO INVENTARIO DO FALECIDO MARIDO JOZÉ TEIXEIRA CHAVES) AOS SENHORES IGNACIO LEITE ORTIZ DE CAMARGO, ANTONIO LEITE ORTIZ DE	47V-48	CASA SITA NO ARRAIAL DA BARRA

## CAMARGO E OUTROS, POR 200\$000 REIS

09	1896	JUIZO DE DIREITO MANOEL L. DE CARVALHO RAMOS, JUIZ	Nº 102	REGISTRO DE UM TITULO DE COMPRA E VENDA DE UMA PARTE DA SESMARIA DE TERRAS QUE APRESENTA THIAGO SOARES BICUDO POR SEU AVÔ SALVADOR (VENDIDA A SRA. D. MARIANA FERREIRA PONTES, POR 25\$000 REIS)	35-35V	SESMARIA SITA NO ARRAYAL DA BARRA
----	------	--	--------	--	--------	--------------------------------------

RELAÇÃO DOS DOCUMENTOS DO CARTÓRIO DO I OFÍCIO DE REGISTRO GERAL DE IMÓVEIS E TABELIONATO (LIVROS NOTARIAIS, VOL II, Nº 90 A 113, 1882-1903)

Fonte: Museu das Bandeiras, Goiás/GO

Organização: SILVA, LHA (2020)

## Apêndice 25D

ITEM	DATA (ANO)	PROVENIÊNCIA	Nº DO LIVRO	LIVRO DE NOTAS (ASSUNTO)	FOLHA	OBSERVAÇÃO
01	1906	JUIZO DE DIREITO JOÃO FRANCISCO DE OLIVEIRA GODOY, JUIZ	Nº 120	ESCRITURA DE DOAÇÃO INTER VIVOS QUE FAZEM O CAP. LUIZ ANTONIO CAIADO E SUA MULHER D. MARIA DE ALCANTARA DE ALENCASTRO CAIADO, À SEU FILHO MARIO DE ALENCASTRO CAIADO, NO VALOR DE 3:000\$000 REIS	50-51V	TERRAS DENOMINDAS SÃO JOÃO DA CACHOEIRA DO BUGRE - FREGUEZIA DA BARRA

RELAÇÃO DOS DOCUMENTOS DO CARTÓRIO DO I OFÍCIO DE REGISTRO GERAL DE IMÓVEIS E TABELIONATO (LIVROS NOTARIAIS, VOL III, Nº 114 A 139, 1903-1916)

Fonte: Museu das Bandeiras, Goiás/GO

Organização: SILVA, LHA (2020)

**Apêndice 26:** Chegada da romaria das comitivas reunindo cidades de Itapuranga, Faina, Goiás, Mossâmedes para a festa da Padroeira no Arraial da Barra Comida sertaneja servida nas festas do Arraial da Barra.





**26a:** Comida caseira das festas do Arraial da Barra.



**26b:** Comitiva "Boa Esperança" da cidade de Goiás, chegando à Serra Dourada sobre mula (sedimentos-sertanejos evocando sua rocha originária).



**26c:** sedimentos-sertanejos em sua roda de conversa.



**26d:** Prendas de leilão.



**26e:** Procissão, mastro e fogueira do Divino na igreja Nossa Senhora do Rosário no Arraial da Barra.



**26f:** Bingo.



**26g:** Novena do Divino na igreja Nossa Senhora do Rosário no Arraial da Barra.



**26h:** Ladainhas e leilão do Divino na igreja Nossa Senhora do Rosário no Arraial da Barra.

**Fonte:** SILVA, L.H.A. (2018).

**Apêndice 27:** Arraial da Barra entre rios (Vermelho e Bugre) e as 3 casas sertanejas da área urbana da vila: Vaninha, Inocência/Amélia e Francisca/Mariquinha e a casa da Dita/ Militão na área rural .



Fonte: Google Earth (26/05/2018).

**Apêndice 28:** Dona Calixta, 76 anos, em sua privacidade na casa em que nasceu



Morena estes teus carinhos estes olhos  
enganador  
Que o tempo me põe perdido eu não sei pra  
onde vou  
Em todo lugar que eu ando, sinto pancada  
de amor.

(Beija Flor, Honório Dias da Silva, 1869)<sup>130</sup>

**Fonte:** SILVA, L. H. A. (2018).

Conversa com d. Calixta da Cruz Pinto (78 anos), Goiás, Encontro da Diocese (18/06/2019)

Nasci lá na casa da Dita, foi meu pai que construiu, só não sei a data que é ne que construiu. A gente não sabia esse negócio de data quase nada ne. Eles fez de pau a pique e taboca e barro ne. Fazia aos poucos e sozinho, só meu pai e minha mãe fazia. Todos os dois fazia, assim né meu pai picava as maderas assim, marrava as taboca, fazia o barro e ia barreando ne. Barreava as parede, primeiro batia por dentro, depois batia por fora, depois batia por dentro, desse jeito que ele fazia. Dentro da casa fazia só os portal ne, pra depois po porta ne. A casa era só um comodo, ai depois arresorvero puxa porque ia faze uma festança, ai arresorvero puxa ela assim , onde é a sala. Dentro tinha um fogão a lenha nesse comodo mais em riba. Ai cabo que aquele quarto assim, aquele quarto de lá assim, não é o de ca não, o de la, la era o fogão a lenha, ai desceu pra baixo ne. Era cinco filhos, mas morreu um fico quatro, um novinho ne morreu. Dormia os pais numa cama e os menino todo na outra camona ne, no mesmo quarto. Era aquele quarto da penteadera, ca embaixo. Aquele la em riba era uma salona ai mãe mando parti aquele que tava fazendo falta po trem ne, aquela salona, ai a sala fico piquininha ne. O outro quarto do outro lado era fogão de lenha e ela cresceu ele ne, tem um quarto nele tamem. Tinha uma sala e dois quarto. Esse quarto que feiz a mais ela feiz pra parente dela que chegava ne, você ve as cama la ne, tem uma cama minha que eu deixei la com aqueles cabidão. Faiz as conta pra ve se eu to certa, eu so de 41, tenho 78, a casa já tava la quando eu nasci, eu sai de la com 21 ano. Eu sou a mais nova. Eu tenho a minha irmã que crio essa

<sup>130</sup> *Honório Dias da Silva* foi autor de várias catiras e recortados sertanejos. Morador da Freguesia de Nossa Senhora da Barra, era convidado sempre para as festas e mutirões para tocar e cantar. Bisavô dos cantores da Roda de Viola (Zé Leite e Cláudio Leite), moradores da cidade de Goiás, cultivam ainda as músicas inéditas e autorais do bisavô nas rodas de viola de Buenolândia e região. As músicas têm em torno de 150 anos, segundo Cláudio Leite. (Ver Anexo 1)

menina, fia da Josefa, ela veio pra cidade deu ela pra minha irmã cria, e caso ela la. A Nazareth deve ta com uns oitenta pra la ne, ela nasceu na casa, nessa casa da minha mãe. Meus pais tão enterrado tudo perto daquela casa da minha sobrinha ai, eles ta td la. Então minha mãe mando faze mais um quarto e a sala la por causa da festa, ela fazia, aquela casona la, porque ela fazia festa de Santo Reis muitos ano, e a casa do forno também pra festa, ela mando os irmão dela faze ne. Tem o forno que era pra faze bolo, e faze bolo que ce precisava de vê o tanto de bolo, ficava quais oito dia de festa e tratano do povo. Não tinha a represa ainda não, foi com o Militão. Tinha uma moenda de cana pra faze rapadura, la na rebaxa. A rebaxa que eles fala é uma casa la de faze rapadura ne, as fornaia ne, coberta, move com boi. Tira a garapa, então ferve ai poe no ponto e ai. Essa tacha era la naquele rancho que desmancho, la pra riba, a tacha quando meu pai morreu, meu irmão vendeu tudo. Vendeu o engenho, vendeu o carro de boi, vendeu tacha, vendeu tudo. O engenho não, o engenho eu sonhei com o meu pai falando que era pra mim fala pra minha mãe que não era pra vende o engenho. E eu falei né. Acho que não vendeu não, acho que cabo la, eu acho, vo pergunta a Dita uma hora ne, se cabo la o se vendeu ne. Criava muito porco, vendia rapadura, naquele tempo rapadura era vendida aquelas caxona assim, plantava milho, mandioca, arroz, cana, criava porco, criava gado ne, gado não fazia nada ne só bebia o leite, nem queijo num fazia, alguma vez que tirava o coalho do porco fazia o queijo, voce já viu? Era só pro gasto mesmo. Fazia era farinha, fazia era cinco lata de farinha por vez e vendia tudo aqui no Goiás, no mercado, na Barra não, era pobre demais ne, cada um fazia pra ele ne. Levava pra Goias nos animal, meu pai tinha muita trpa de cangaia com as buraca. No cabide do quarto minha mãe punha o cião. Minha prima, minha mãe deu pra ela quando ela caso. Tem um chifre assim você senta e leva a perna e você sentada assim ó, a perna de lado assim e a outra assim, vai de lado. Minha mãe saia pra Guarino, você gosta de Guarino? Nós saia daqui de casa e ia pra Guarino... Festá! Lá naquele tempo era um sertão, você chegava e roçava o mato punha umas barraca.

Apêndice 29: ESPAÇO TEMPO DA CASA SERTANEJA GOIANA: ESPAÇOS GEOGRÁFICOS VIVIDOS - A CASA QUE DESMANCHA

			
1937 DITA/MILITÃO	1943 SR INOCÊNCIO/ D AMELIA	1956 D FRANCISCA/ D MARIQUINHA	1985 VANINHA
<b>CASA SERTANEJA GOIANA GERAÇÃO FREGUESIA (1850-1938)</b>	<b>CASAS SERTANEJAS GOIANAS GERAÇÃO BUENOLÂNDIA (a partir de 1938)</b>		
Comuidade de São João do	Vila do Distrito de Buenolândia		

Monte Alegre, zona rural de  
Buenolândia

1ª FASE

2ª FASE

3ª FASE

Fonte: caderno de campo, Buenolândia, 2017  
Organização: SILVA, LHA (2021)

Apêndice 30: cemitério na comunidade de São João do Monte Alegre, zona rural de Buenolândia



Fonte: SILVA, LHA (2019)

Apêndice 31A: quintal e casa do forno da casa da Dita/ Militão

Arraial da Barra/GO: “cozinha de fora”



Fonte: SILVA, LHA (2018)

Apêndice. 31B: detalhes da casa do forno da casa sertaneja da Aroeira Dita, Arraial da Barra/GO: “cozinha de fora” – Forno de barro, tanque, forno a gás e a lenha, despensa e os tapetes de retalho, toalhas e filtro de barro com renda de crochê.



## Apêndice 32 - ACERVO DE MÓVEIS E APETRECHOS DA CASA SERTANEJA GOIANA

ITEM	NOME	LUGAR	OBSERVAÇÃO
01	ralador de milho	Clarice – sede da vila	empréstimo
02	Bacia de cuité	Clarice – sede da vila	empréstimo
03	Tijolo de adobe	Lena - sede da vila	doação
04	Tijolo de adobe	Élbio - Goiás	empréstimo
05	Forma para tijolo de adobe	Élbio - Goiás	empréstimo
06	Régua para tijolo de adobe	Élbio - Goiás	empréstimo
07	Pedras do rio Vermelho	sede da vila	-
08	Pedras do rio Bugre	sede da vila	-
09	conchas do rio Vermelho	sede da vila	-
10	conchas do rio Bugre	sede da vila	-
11	Pá de garimpo	Sr Inocêncio– sede da vila	doação
12	prato de garimpo	Sr Inocêncio– sede da vila	doação
13	Tapete artesanal de tela de grade	Dona Amélia – sede da vila	doação
14	Telha de barro capa-e-bica A	Sr Inocêncio– sede da vila	doação
15	Telha de barro capa-e-bica A	Dita – São João do Monte Alegre	doação
16	Telha de barro capa-e-bica B	Dita – São João do Monte Alegre	doação
17	Telha de barro capa-e-bica C	Dita – São João do Monte Alegre	doação
18	Telha de barro capa-e-bica A	Lourdes	doação
19	Telha de barro capa-e-bica B	Lourdes	doação
20	Oratório de madeira com porta detalhe em vidro e fecho de metal com dobradiças metálicas	Dita – São João do Monte Alegre	empréstimo
21	Gamela de madeira A	Dita – São João do Monte Alegre	doação
22	Gamela de madeira A	Clarice – sede da vila	empréstimo
23	Gamela de madeira B	Clarice – sede da vila	empréstimo
24	Gamela de carâmica	Dona Nazareth	empréstimo

25	Banca de madeira	Vaninha – sede da vila	doação
26	Banca pequena de madeira	Antônio Pereira	doação
27	Bacia de metal com detalhe em madeira e pregos	Dona Francisca – sede da vila	doação
28	Pilão de madeira	Dona Francisca – sede da vila	doação
29	Mão de pilão de madeira	Dona Francisca – sede da vila	doação
30	colher de madeira para fazer sabão	Dona Francisca – sede da vila	doação
31	Prato esmaltado A	Inês - Goiás	doação
32	Prato esmaltado B	Inês - Goiás	doação
33	Prato esmaltado C	Inês - Goiás	doação
34	Prato esmaltado D	Inês - Goiás	doação
35	Prato esmaltado E	Inês - Goiás	doação
36	Prato esmaltado A	vó Zefa	doação
37	Prato esmaltado B	vó Zefa	doação
38	Prato alumínio	Inês - Goiás	doação
39	Cesto de tala de buriti vó Zefa A	Neuzi- São João do Monte Alegre	empréstimo
40	Cesto de tala de buriti vó Zefa A	vó Zefa	doação
41	Cesto de tala de buriti vó Zefa B	vó Zefa	doação
42	Cesto de tala de buriti vó Zefa C	vó Zefa	doação
43	Panela de cerâmica A	Neuzi	doação
44	Panela de cerâmica B	Neuzi	doação
45	Panela de cerâmica A	vó Zefa - São João do Monte Alegre	Doação
46	Caldeirão de ferro com pés A	Neuzi	empréstimo
47	Caldeirão de ferro com pés B	Neuzi	empréstimo
48	Caldeirão de ferro	Neuzi	empréstimo
49	Caldeirão de ferro	Ivany	empréstimo
50	Ferro a brasa	Ivany	doação

51	Moinho de café	Ivany	doação
52	Escamador de peixe	Ivany	doação
53	Chifre bovino	Ivany	doação
54	Pote pequeno de cerâmica	Dona Nazareth	empréstimo
55	Pote pequeno de cerâmica	Ivany	doação
56	Pote grande de cerâmica	Ivany	doação
57	Pote grande de cerâmica	vó Zefa	doação
58	Vassoura de olho de buriti com cabo	vó Zefa	doação
59	Vassoura de olho de buriti com cabo	Lourdes	doação
60	Vassoura de olho de buriti com cabo	Neuzi	empréstimo
61	Sabão de bola de coada	Wilma - Estiva	doação
62	Sabão de bola de álcool	Wilma - Estiva	doação
63	Sabão de cortar de álcool	Wilma - Estiva	doação
64	marreta de madeira	Antônio Pereira	doação
65	Pilão de madeira	João Barroso Pinto	doação
66	Quadro bordado grade de prego	Valdecy	doação
67	Apá de buriti	Neuzi	empréstimo
68	Espremedor de torresmo	Neuzi	empréstimo
69	Colher de pau com apoio	Neuzi	empréstimo
70	Farinheira de madeira com tampa	Neuzi	Empréstimo
71	Rabinha de folião	Neuzi	Empréstimo
72	Assadeira de cerâmica	Neuzi	doação
73	Colcha de retalho	Neuzi	Empréstimo
74	Prato esmaltado A	Neuzi	Empréstimo
75	Prato esmaltado B	Neuzi	Empréstimo
76	Cortador de feijão cozido	Neuzi	doação
77	Moringa pata de cerâmica	Dona Nazareth	Empréstimo

78	Cuscuzeira de cerâmica	Dona Nazareth	Empréstimo
79	Jibóia de buriti	Vó Zefa	doação
80	Altar lateral da igreja da Barra A	Luciana	doação
81	Altar lateral da igreja da Barra B	Luciana	doação
82	Altar lateral da igreja da Barra C	Luciana	doação
83	prensa de queijo com tampas		
84	Prensa de mandioca com cx de madeira		
85	Candeia da vovó Balbina	Caetano José Leite de Brito	doação
86	Freio de ferro para cavalo	Vaninha (pai)	doação

Apêndice 33: quintal da casa do Sr Inocêncio/ D Amélia, casamento de Taynara e Maykon



**33a:** Os conteúdos do quintal (trempe, galinha, vassoura de palha e a torre da igreja).



**33b:** Cozinha colaborativa no quintal e panelas rente ao chão sobre a trempe.



**33c:** Mutirão para o casamento de Tainara (neta do casal Inocêncio/Amélia) com mulheres em torno da mesa de pés descalços e *chinelas* no chão do quintal.



**33d:** Dona Amélia tecendopedaços de panos e pensamentos.

**33e:** Lôros sobre gaiolas habitantes do espaço “Entra pra Dentro!”.

**33 f:** Parentes, amigos e convidados do casamento de Taynara se misturam para o preparo da comida do casamento no quintal da casa sertaneja do Sr Inocência



**Fonte:** fotos SILVA, L.H.A (2018)

Apêndice 34: quintal da casa D Francisca sementeiro das reuniões da Pastoral em outros quintais



**34a:** Portão da horta da casa de Dona Francisca que inicia a Pastoral da Saúde da comunidade do Arraial da Barra, onde se conectam as mulheres aroeiras.



**34b:** Sandra do PA Mosquito escrevendo a receita da pomada.



**34c:** Maria Luiza na comunidade São João do Monte Alegre capacitando as mulheres para conhecerem as plantas do cerrado.



**34d:** Mulher picando as ervas do cerrado para fazer fervura para pomada caseira.

Apêndice 35: oferta de comida a padroeira e festa da padroeira no quintal de D Francisca



**35a:** Quintal com vista para o puleiro e a casa dos pintinhos.

**35b:** Depois casa de temperar a carne do casamento em meio as trempes, a casa dos pintinhos vira cozinha para o casamento de Joelma.



**35c:** A mesa protagonista da festa.

**35d:** Mutirão de comida feita a muitas mãos: picar, lavar, descascar, ralar, mexer, manualmente (singularidade) pelas descendentes ancestrais no quintal que vira cozinha.

**Fonte:** Croqui GONÇALVES, N. C. (2018) e foto SILVA, L. H. A. (2018).



**35e:** Mãe da noiva e parceira amassando a carne para fazer as pelotas para o casamento.



**35f:** Linha de trempes (fogão de barro no chão) e panelas de ferro fundido.



**35g:** Comida feita rente ao chão (carne de porco com gueiroba e açafrão).



**35h:** Comida feita rente ao chão (pelota de carne bovina com tocinho).



**35i:** Festa de casamento da bisneta Joelma aberta na rua do Arraial da Barra em frente à casa de Dona Francisca.

**35j:** Juntando mesas para servir a comida do casamento na rua.

**Fonte:** SILVA, L. H. A. (2018)

Apêndice 36 - Conversa com d. Francisca (Maria Francisca dos Santos Silva, 86 anos), alpendre da sua casa no Arraial da Barra (14/10/2017)

Sou analfabeta, não sei de nada não. Moro aqui desde meus 19 anos, tenho 86 anos. Casei aqui, morava na casa do lado, era de madeira e apodreceu, mudei pra cá tem 40 anos. Só tinha três cômodos, um corredor e privada caipira. Depois foi fazendo 1 sala, quatro quartos, 2 banheiros, 2 áreas e uma cozinha. Gosto daqui, do lugar, os filhos foram embora. Só mudo daqui pro cemitério. Nunca fui a escola mas tenho a ideia boa e fazia conta bom demais. Tive meus filhos Laurentino, Pedro, Maria Helena, Eliseu, Ildes, Sebastião nasceu na beira do rio, Eldes com a parteira Joaquina Lúcia de Souza, moradora na Barra. Tinha venda, taperão. Todos nasceram em casa e o velório em casa com enterro aqui na Barra. Meu marido morreu em casa com derrame, cuidei também do meu irmão, cuidei dele também até os 57, teve ar de estupor. Ficamos no Hotel pra arrumar ele com terno de casemira, passaram aqui todo mundo passaram a noite, todo mundo é daqui, não fiz nada de comer.

Apêndice 37: casa da Vaninha e seu comércio



**37a:** Copos de cachaça e cervejadividem o espaço com Santa Luzia na estante do comércio na frente da casa da Vaninha.



**37b:** Prendas do bingo.



**37c:** Torresmo e linguíça frita.



**37d:** Sedimento-sertanejo Pipa.

Fonte: SILVA, L. H. A. (2018)

**Apêndice 38:** Puleiro do Caçula na chegada da casa/ comércio da Vaninha.



**Fonte:** SILVA, L .H. A. (2018).

**Apêndice 39:** Vaninha em seu fogão a lenha diariamente.



O fogão aceso de uma casa alegre o coração pela fartura que exhibe. *Se tem fumaça, tem comida!* (Figura. 17) A palavra “lar” vem de “lare”, que no latim *significa*, etimologicamente, “a parte da cozinha onde se acende o fogo”. O aconchego de quem quiser chegar e puxar um prato da gaveta. Tem pimenta? Tem sim, tem farinha? Tem sim, tem café? Tem sim. Como andam as coisas aqui na Barra? E vamos noite adentro conversa afora...

**Fonte:** Croqui GONÇALVES, N. C. (2018).

**Apêndice 40:** Mão da Vaninha que contém um fogão a lenha e um coração generoso de um lar sertanejo.



**Fonte:** SILVA, L.H.A (2018).

“Sua panela de barro é daquelas preta? É o seguinte, cê enche ela de água e põe um poquim de óleo como se fosse fazê um arroz e põe num fogo baxim... sabe? Põe num fogo bem baxim e deixa. Ce ai num tem fogão caipira né... Que quando eu curo panela eu curo no meu fogão caipira, mas fogão a gás também dá, mas cê fazendo esse processo. Cê põe num fogo bem baxim e cheia de água e dexa ela esquentá bastante né... ai depois cê apaga o fogo quando tiver bem quente ai cê vê que a água tá bem quente você apaga o fogo e dexa a água dentro dela ai cê lava a hora que ela esfria... panela de barro tem esse segredo, cê num pode pegá ela quente e jogá na água fria não porque dai ela estoura, sabe, é dessa forma, num tem erro não, é fácil! “

*(Vaninha, junho 2019)*

**Apêndice 41:** As panelas pós-festas areadas no leito do Rio Vermelho.



**41a:** As panelas dos devotos e a areia do rio em agradecimento



**41b:** Ligação do habitante com o Rio:  
o divino traz, o Rio Vermelho leva...



**41c:** Sedimentos-sertanejos indo ao Rio Vermelho para lavar as panelas no fim da festa do Divino e da Padroeira no Arraial da Barra.

**Fonte:** SILVA, L. H. A. (2018).

**Apêndice 42:** Lena, filha de D Francisca e a confecção do quebrador, um tanto como medida de cada coisa e a mão como molde



Fonte: SILVA, LHA (2018)

**Apêndice 43:** Casas monoblocos, com estruturas em madeira.



48a



48b



48c



48d

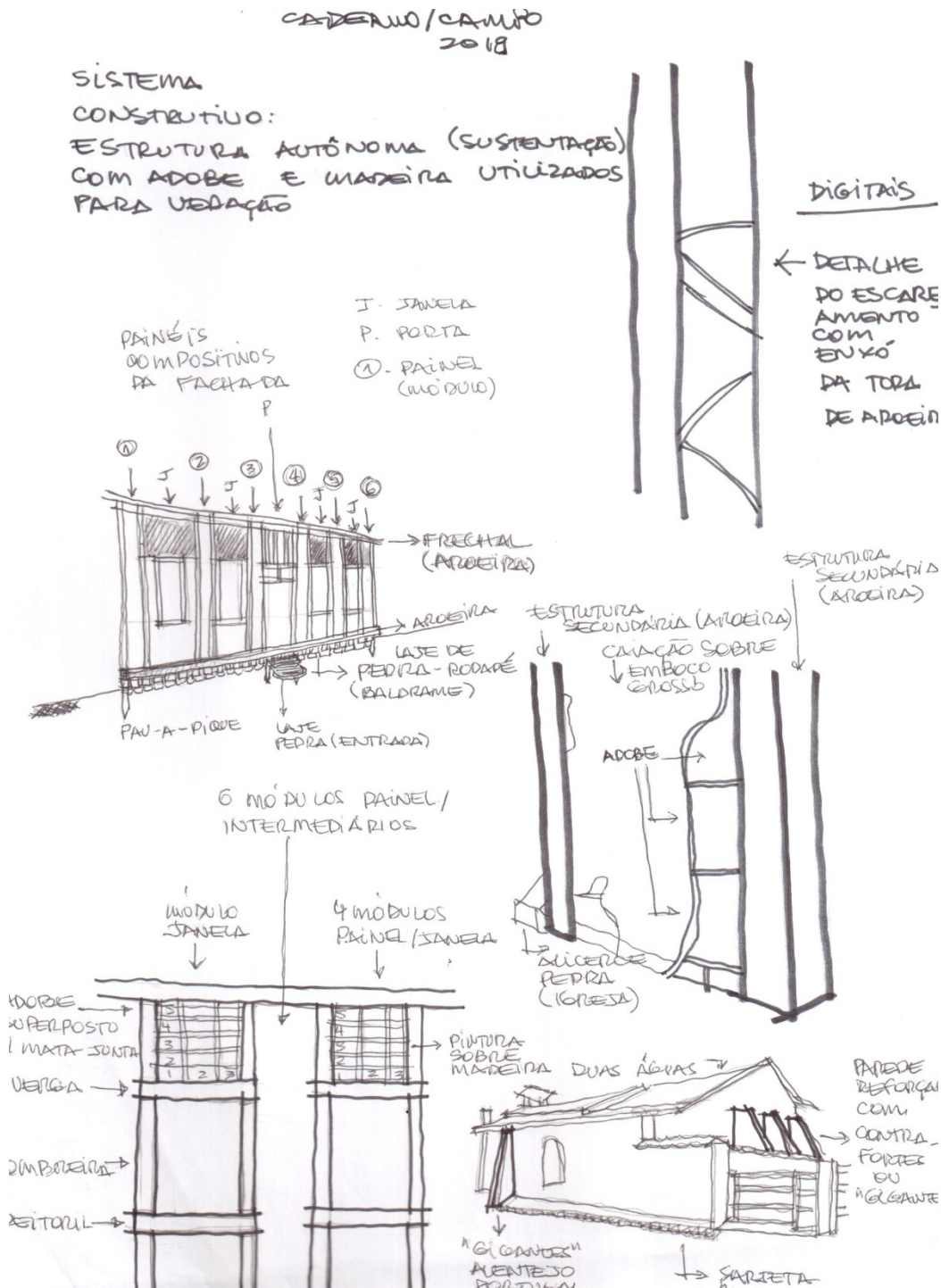
43a: casa de madeira do Centro litoral de Portugal Fonte: COELHO (2001)

43b: Centro litoral de Portugal (Estremadura e Ribatejo) Fonte: COELHO (2001)

43c: casa de madeira e adobe em Buenolândia Fonte: FREITAS (2010)

43d: casa de madeira e taipa de mão em Buenolândia Fonte: SILVA (2018)

Apêndice 44: Sistema estrutural em painéis da casa sertaneja e os gigantes da lateral da igreja do Arraial da Barra (1727)



Fonte: caderno de campo SILVA, LHAS (2018)

## Apêndice 45: Casas alpendradas



45a



45b



45c



45d

45a: casa alpendrada do Centro litoral de Portugal Fonte: COELHO (2001)

45b: Centro litoral de Portugal (Estremadura e Ribatejo) Fonte: COELHO (2001)

45c: casa de madeira e adobe em Buenolândia Fonte: FREITAS (2010)

45d: casa de madeira e taipa de mão em Buenolândia Fonte: SILVA (2018)

Apêndice 46: Influência portuguesa da casa saloia e o componente arquitetônico em beira-saveira presentes na igreja de N Sra do Rosário da Barra



45a



45b



45c



45d

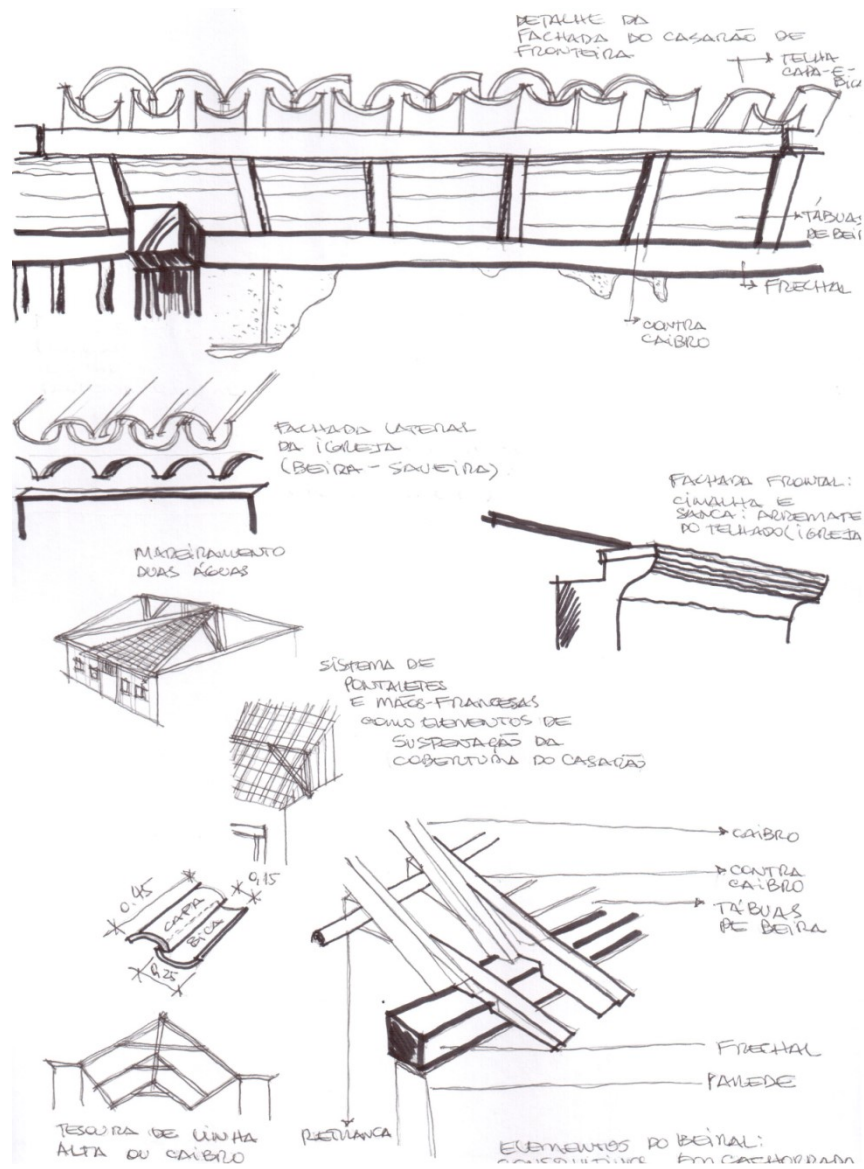
46a: Detalhes de cimalha e sanca na fachada da igreja N Sra Rosário, Buenolândia  
Fonte: FREITAS (2010)

46b: Centro litoral de Portugal (Estremadura e Lisboa) Fonte: COELHO (2001)

46c: detalhe da beira-saveira da igreja em Buenolândia Fonte: MORONI (2014)

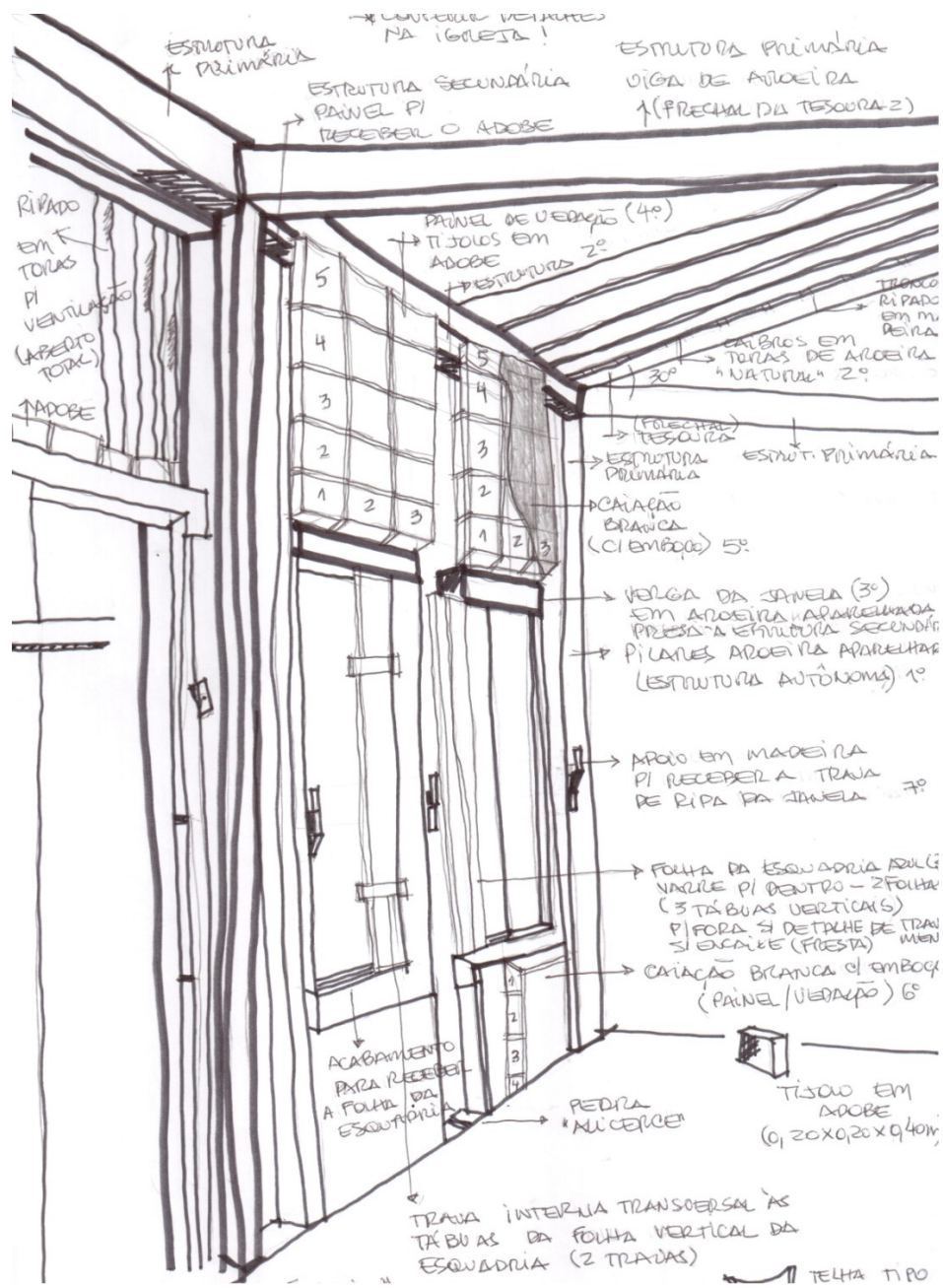
46d: detalhe da beira-saveira da casa saloia Fonte: COELHO (2001)

46e: caderno de campo - influência portuguesa da casa salaia e o componente arquitetônico em beira-saveira presentes na igreja de N Sra do Rosário da Barra



Fonte: caderno de campo SILVA, LHAS (2018)

Apêndice 47: Sistema de vedação e elementos compositivos arquitetônicos da casa de adobe do Arraial da Barra



Fonte: caderno de campo SILVA, LHAS (2018)

Apêndice 48: casa do monte alentejano e o gigante



48a



48b



48c



48d

48a: casa do monte, tipologia do Alentejo, Portugal Fonte: internet (2021)

48b: Centro sul de Portugal (Alentejo) Fonte: COELHO (2001)

48c: detalhe do contraforte “gigante” da igreja em Buenolândia Fonte: MORONI (2014)

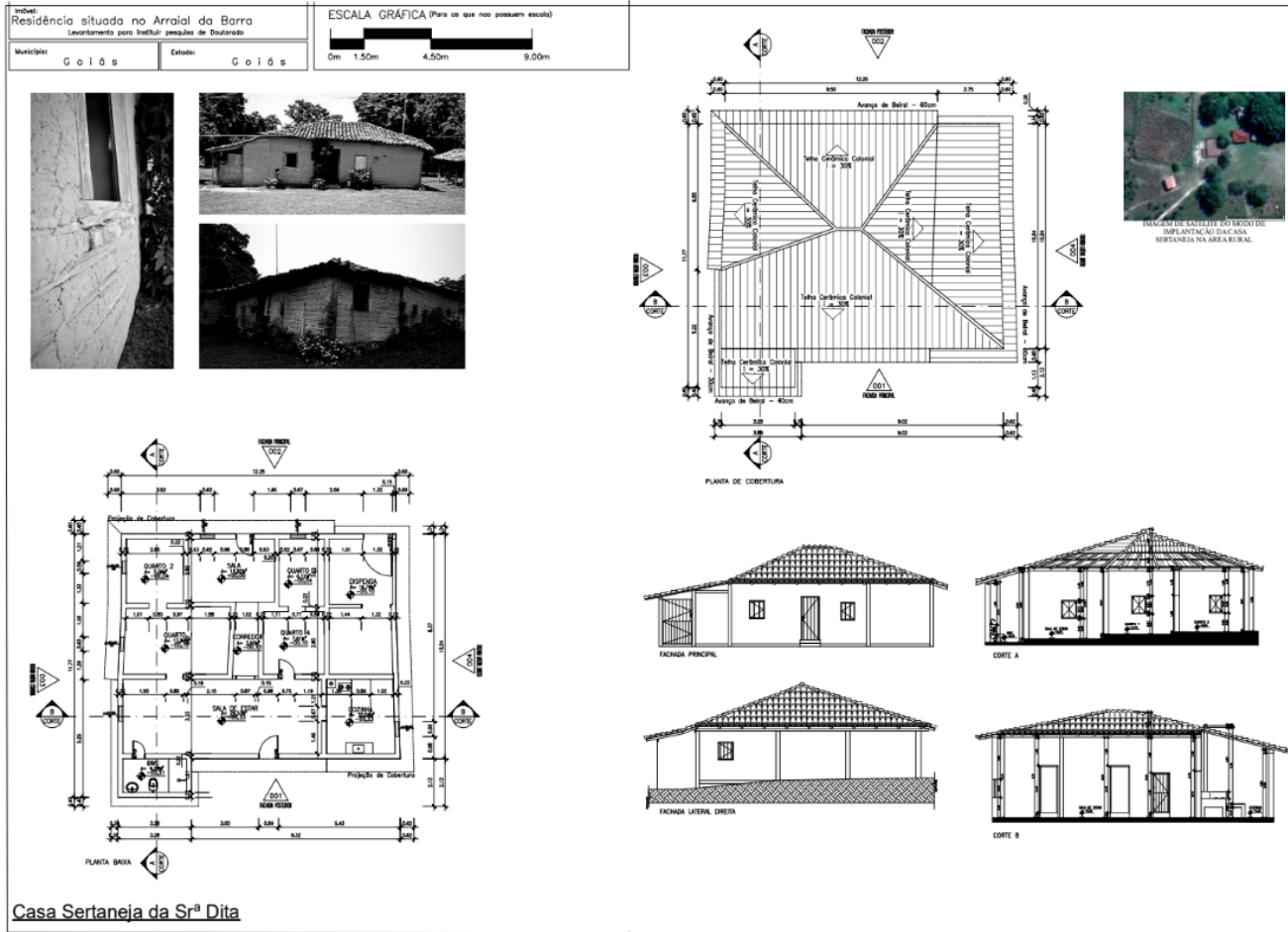
48d: detalhe da *mezanela* do piso da igreja (demolido) em Buenolândia Fonte: MORONI (2014)

Apêndice 48e: casa do monte alentejano e as influências na igreja da Barra



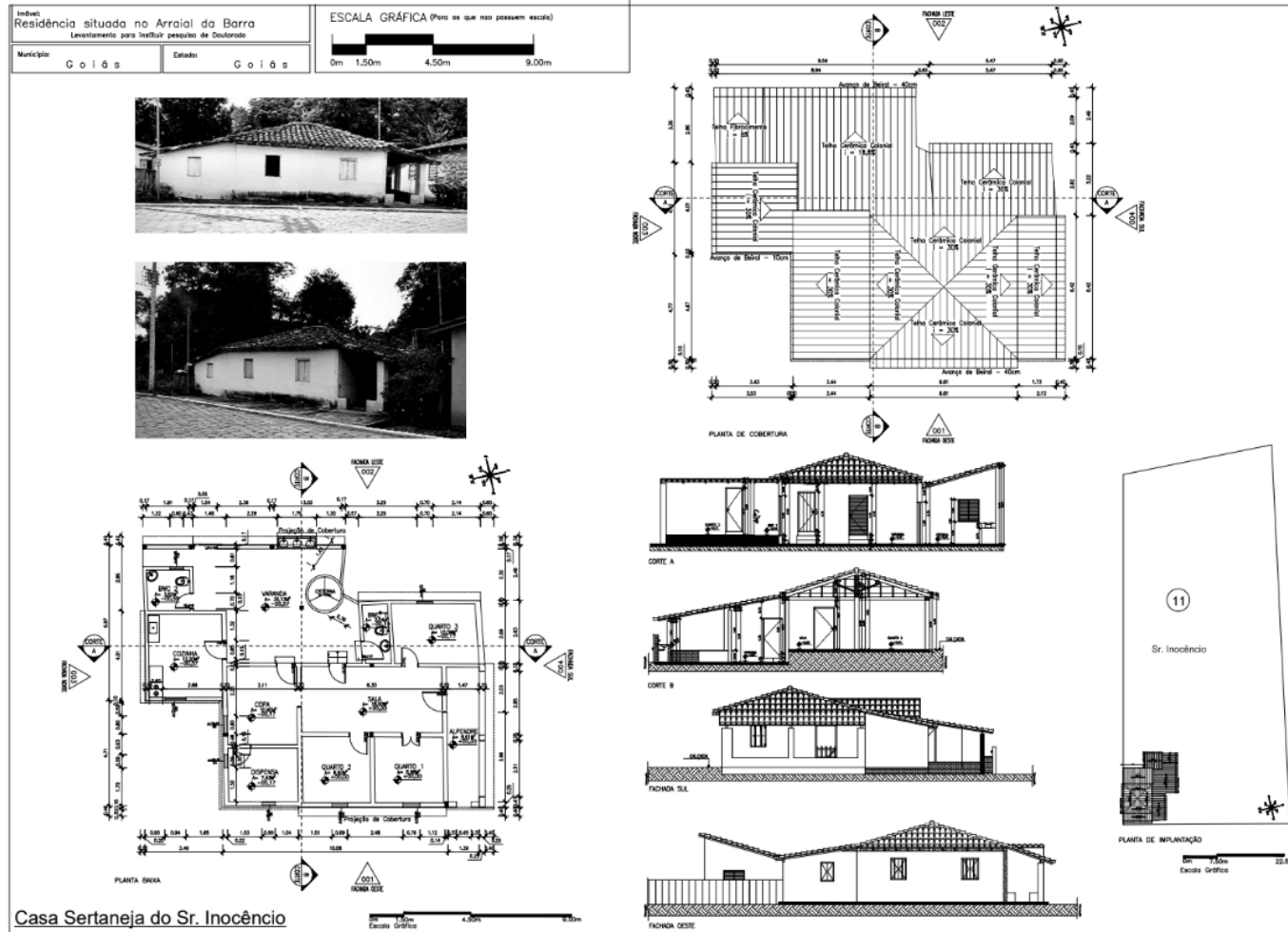
Fonte: SILVA (2017)

APÊNDICE 49A Casa sertaneja da Dita – Freguesia Nossa Senhora do Rosário da Barra (1937)



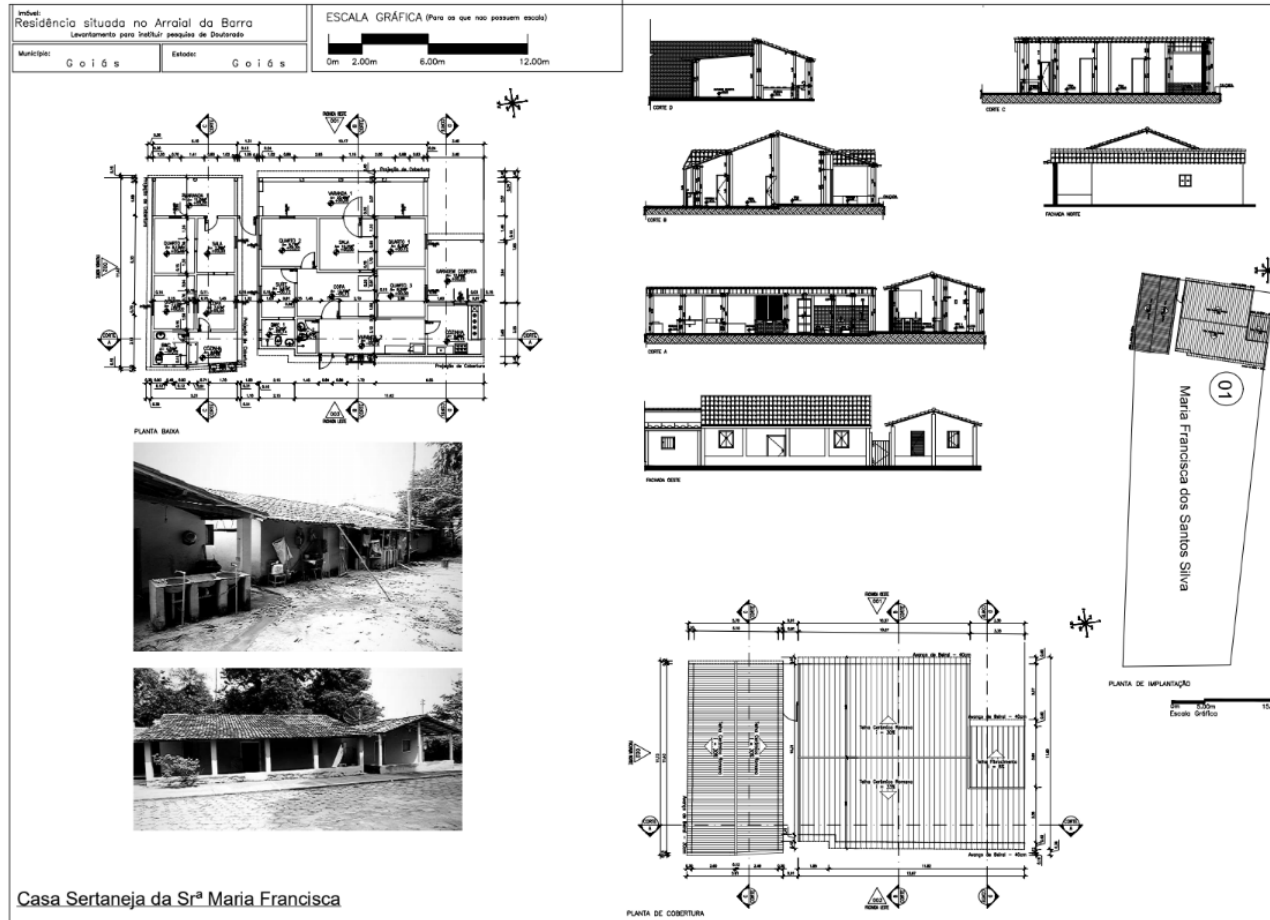
Fonte: PINTO, JWA (2019)

APÊNDICE 49B Casa sertaneja do Sr Inocência – Geração Buenolândia 1ª FASE (1943)



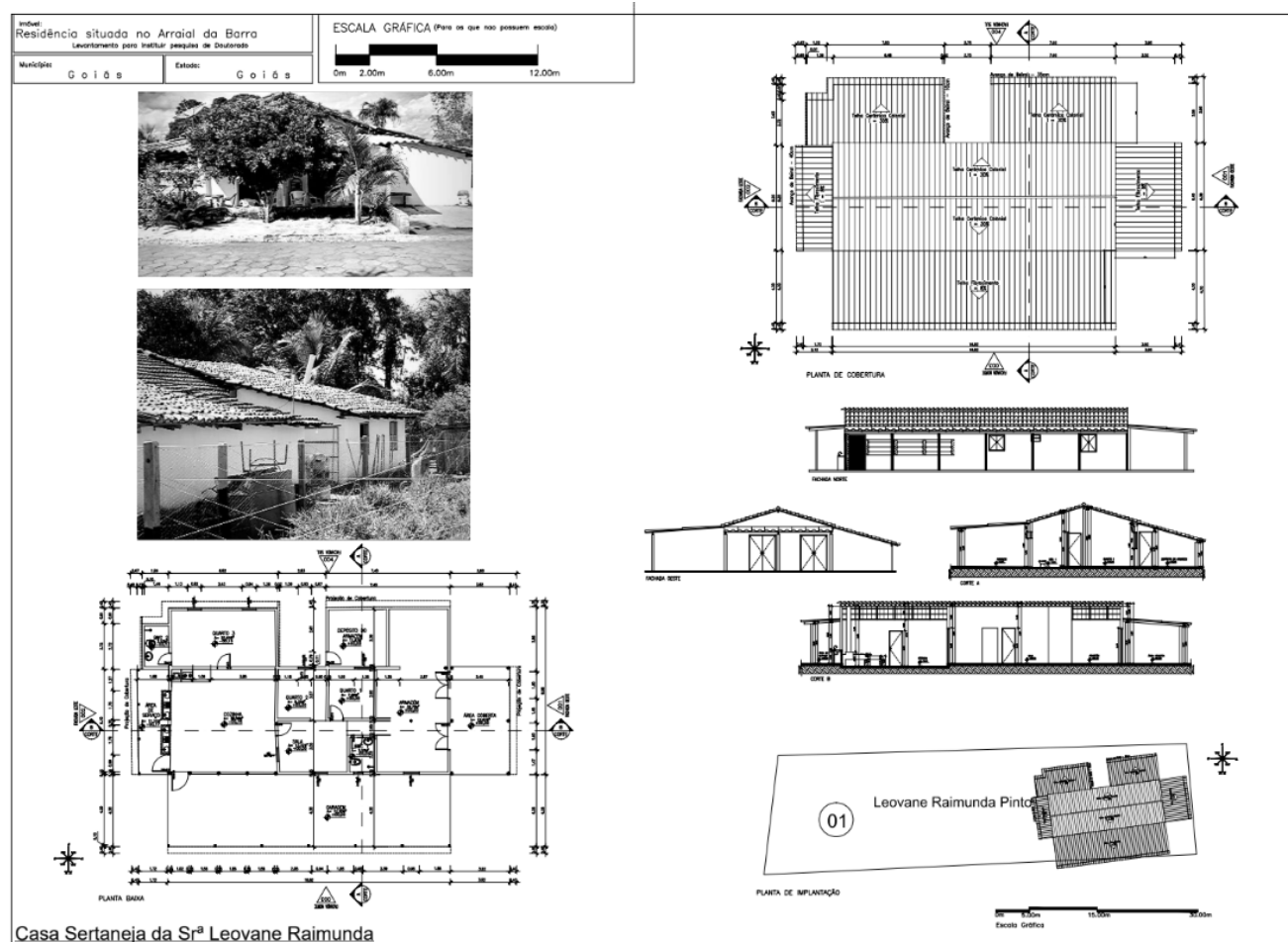
Fonte: PINTO, JWA (2019)

APÊNDICE 49C Casa Sertaneja da Dona Francisca - Buenolândia 2ª FASE (1956)



Fonte:PINTO, JWA (2019)

APÊNDICE 49D Casa sertaneja da Vaninha – Geração Buenolândia 3ª FASE (1985)



Fonte: PINTO, JWA (2019)

## Apêndice 50 A - Do Sistema Construtivo –

### I - Casa Sertaneja em Taipa de Sopapo – Dita/ Militão

#### a) Alicerces

O baldrame, executado em pedra amarelada de lastro de rio, tinha por objetivo regularizar o terreno para o assentamento da casa térrea, variava de altura ao longo do perímetro da edificação, atingindo até 2,00m. Sob o baldrame colocava-se uma camada de tijolos para depois ter início a alvenaria das paredes.



Fig.00: alicerce de pedra de rio ao longo de todo perímetro da casa, servindo de berço para receber as toras de aroeira pra gaiola em todo seu redor, saindo os degraus de lajes de pedra por debaixo do alicerce ajustando o terreno ao nível da casa. O sistema estrutural básico por peças verticais em madeira e horizontalmente o baldrame cuidadosamente afastado do solo devido a umidade. Dita/Militão

#### b) Estruturas e Vedações



Fig.00: alicerce de pedra de rio ao longo de todo perímetro da casa, servindo de berço para receber as toras de aroeira pra gaiola em todo seu redor, saindo os degraus de lajes de pedra por debaixo do alicerce ajustando o terreno ao nível da casa. O sistema estrutural básico por peças verticais em madeira e horizontalmente o baldrame cuidadosamente afastado do solo devido a umidade. Dita/Militão

### c) Paredes

Uso secular do uso da terra, taipa de mão, de sopapo. Sistema de um entramado de varas, ripas, cipós, constituindo um estrado vertical, engastado na estrutura autônoma recebendo uma mistura de barro, estrume de vaca, água amassados pelos habitantes, ambos os lados das paredes. Com espessuras entre 0,20 e 0,22 m, devido a flexibilidade da técnica, facilita a abertura de vãos. Técnica vernacular, com grande permanência, amplamente utilizado no Arraial, com poucas unidades ainda em tão bom estado de conservação.





Fig.00a: estrutura autônoma em taipa de mão (externa), parede de vedação, Dita/Militão

Fig.00b: estrutura autônoma em taipa de mão (interna), parede de vedação, Dita/Militão

#### d) Sarjeta

A semelhança das casas de taipa, a sarjeta era de pedra revestida de tijolo, e formava uma calçada em todo o perímetro da casa, mas, às vezes, apenas na fachada principal



Fig.00: alicerce de pedra de rio ao longo de todo perímetro da casa, servindo de berço para receber as toras de aroeira pra gaiola em todo seu redor, saindo os degraus de lajes de pedra por debaixo do alicerce ajustando o terreno ao nível da casa. O sistema estrutural básico por peças verticais em madeira e horizontalmente o baldrame cuidadosamente afastado do solo devido a umidade. Dita/Militão

#### e) Piso

O piso era indistintamente revestido com ladrilho de barro cozido, nas dimensões de 20 x 10 cm, assentados em fiadas contínuas.



f) Forro

Inexistia forro de qualquer espécie.

g) Vãos

A abertura das janelas era de peitoril com rasgos em chanfro, isto é, formavam uma diagonal com o alinhamento das paredes. As portas externas apresentavam também o mesmo detalhe das janelas. Portas e janelas não apresentavam bandeira, sendo de folha inteiriça até a verga.

As portas internas e as janelas possuíam verga reta.

O quadro das esquadrias externas tinha seu enquadramento composto apenas de massa ressaltada do paramento da parede para receber a madeira necessária ao apoio das folhas.



Fig.00: alicerce de pedra de rio ao longo de todo perímetro da casa, servindo de berço para receber as toras de aroeira pra gaiola em todo seu redor, saindo os degraus de lajes de pedra por debaixo do alicerce ajustando o terreno ao nível da casa. O sistema estrutural básico por peças verticais em madeira e horizontalmente o baldrame cuidadosamente afastado do solo devido a umidade. Dita/Militão

#### h) Esquadrias

As esquadrias eram feitas de cedro, com folhas cegas e compostas por tabuado ao comprido, em plano único, com engaste embutido tipo macho e fêmea. Geralmente compostas de duas ou três ou quatro tábuas. As folhas variavam entre 1,00 m e 1,20m. As quinas vivas do encontro das tábuas eram adoçadas com friso executado na própria madeira em ambas as faces

Nenhuma esquadria apresentava rótula ou bandeira.

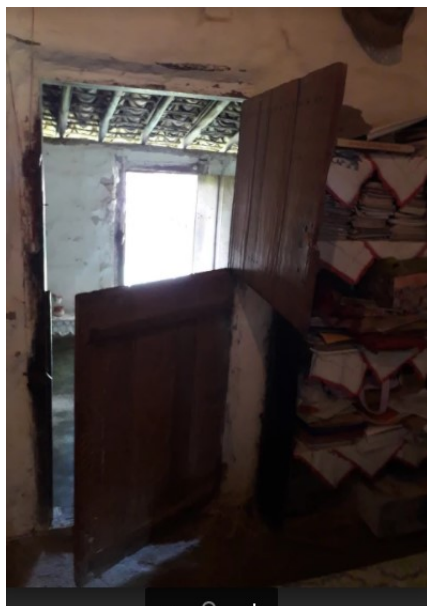


Fig.00: alicerce de pedra de rio ao longo de todo perímetro da casa, servindo de berço para receber as toras de aroeira pra gaiola em todo seu redor, saindo os degraus de lajes de pedra por debaixo do alicerce ajustando o terreno ao nível da casa. O sistema estrutural básico por peças verticais em madeira e horizontalmente o baldrame cuidadosamente afastado do solo devido a umidade. Dita/Militão

#### i) Cobertura

A cobertura era duas águas, frente e fundo, formando empenas triangulares nas fachadas laterais, alcançando alturas entre 6 a 7 metros nas cumeeiras. A única exceção encontrada entre os exemplares estudados, foi na casa de quatro águas, em forma piramidal para armação do telhado; estrutura composta por caibros, ripas com pernas, de amarração nas diagonais do retângulo.

Nos demais exemplares onde a armação do telhado das coberturas resumia-se aos caibros armados e ripas que recebiam a beirada dos fundos era um simples transpasse da cobertura sem nenhum arremate especial. Na frente, o arremate era feito por cachorros<sup>131</sup>. A beirada da casa possui o arremate em beira com duas fiadas superpostas de telhas em balanços sucessivos de 10 cm aproximadamente.

As paredes recebiam diretamente o esforço da cobertura e fazem parte da estrutura, funcionando como um único corpo.

---

<sup>131</sup> Em arquitetura, designa-se como cachorro, ou mísula, a um elemento exposto que suporta os beirais de um telhado ou qualquer outro corpo saliente de um edifício (arcos, arquitraves e cornijas)



Fig.00: alicerce de pedra de rio ao longo de todo perímetro da casa, servindo de berço para receber as toras de aroeira pra gaiola em todo seu redor, saindo os degraus de lajes de pedra por debaixo do alicerce ajustando o terreno ao nível da casa. O sistema estrutural básico por peças verticais em madeira e horizontalmente o baldrame cuidadosamente afastado do solo devido a umidade. Dita/Militão

#### j) Entelhamento

A cobertura era em telha bem cozida de grandes dimensões e cor clara, não existindo distinção entre capa e bica. As telhas não dispunham de ressaltos ou encaixes que as fixassem no lugar, sendo, portanto semelhantes às das casas de taipa.



#### k) Pintura

As alvenarias eram brancas caiadas e as madeiras certamente não recebiam tinta, sendo difícil fazer qualquer referência à aplicação de verniz. Pelo estado encontrado durante o estudo parece não terem recebido qualquer pintura.

Apesar das diferenças apresentadas entre as técnicas de construção, o acabamento e o aspecto plástico da casa do século XIX e do século XVIII representam um tipo único. Aqui, mais uma vez se faz referência às relações entre as representações arquitetônicas e a sociedade em que se encontram.

A casa sertaneja do Arraial da Barra sofre alguma evolução interna, mas não alcança modificações substanciais a ponto de alterar as características do programa e a organização da planta de suas unidades.

A clareza da solução técnica, da estrutura, do telhado, da divisão interna são nítidas já na primeira tentativa de compreendê-las, a exemplo de seus moradores, homens e mulheres simples.

O sujeito do Arraial da Barra fez refletir sua resistência na moradia sólida que construiu para morar, não apenas no que concerne à forma fechada, que não permitiu acréscimos nem modificações, mas sobretudo, na forma de construí-las. Sobre a solidez da construção, em qualquer dos sistemas utilizados é digno de registro a duração das casas.



Fig.00: alicerce de pedra de rio ao longo de todo perímetro da casa, servindo de berço para receber as toras de aroeira pra gaiola em todo seu redor, saindo os degraus de lajes de pedra por debaixo do alicerce ajustando o terreno ao nível da casa. O sistema estrutural básico por peças verticais em madeira e horizontalmente o baldrame cuidadosamente afastado do solo devido a umidade. Dita/Militão

## II - Casa Sertaneja em Adobe - Sr Inocência (1943) e D. Francisca (1956)

### a) Alicerces

A casa assentava-se sobre um baldrame de alvenaria de pedra amarelada de lastro de rio. O baldrame, que tinha por objetivo regularizar o terreno para o assentamento da casa térrea, variava de altura ao longo do perímetro da edificação.





Fig.00: alicerce de pedra de rio ao longo de todo perímetro da casa, saindo em calçamento ao seu redor, Sr Inocêncio

#### b) Vedações e Estruturas

Esteios recebendo todos os empuxos da cobertura, descarregando-os de forma autônoma, com esforços concentrados, em madeira aroeira. Vedações em paredes de tijolos de adobe nas áreas internas e externas.





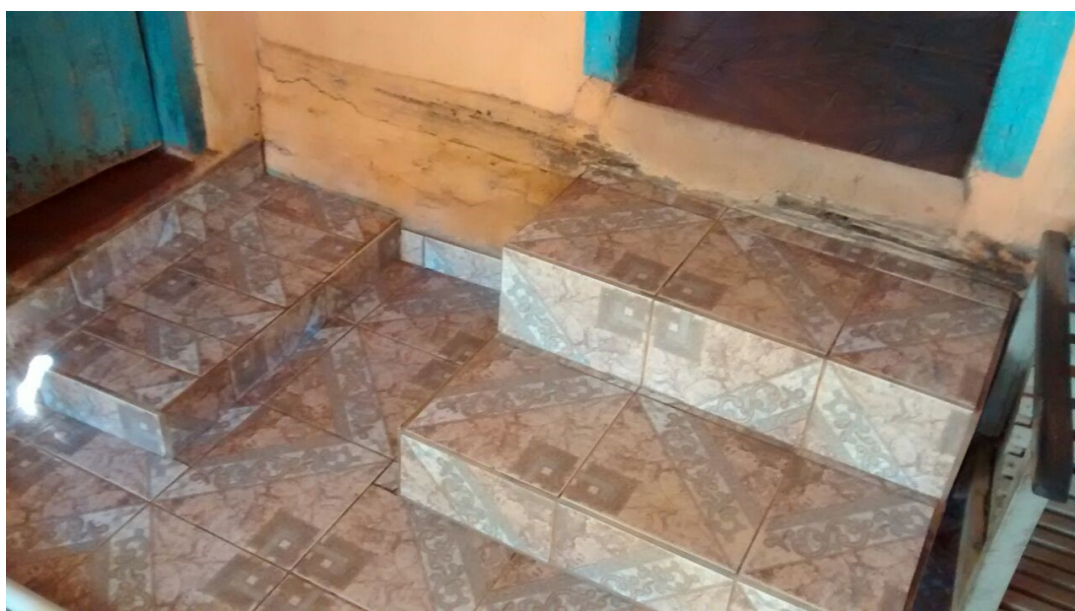
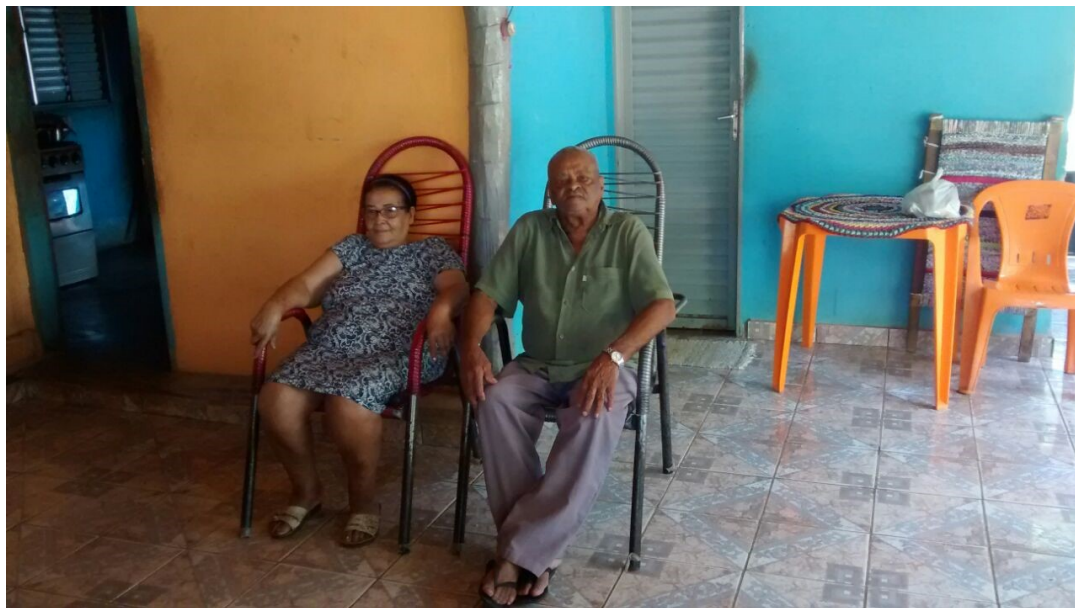


Fig.00a: vedação: cerca de lascas de aroeira no limite do lote, Sr Inocênciao

Fig.00b: estrutura: toras de aroeira bruta encaixadas em estrutura autônoma, Sr Inocênciao

Fig.00c: na quina, uma peça de aroeira sem “aparelhar”, tronco bruto pintado de cinza entre a quina da parede laranja e a parede azul, Sr Inocênciao

Fig.00d: parede de adobe assentada sobre estrutura de aroeira. Área de ampliação recebeu degraus para adequar os níveis da área interna do alpendre à casa, Sr Inocênciao

### c) Paredes

O sistema adotado para a construção das paredes foi o da taipa de sopapo. Este sistema consiste em erguer-se um varal longitudinal, onde se preenchem os espaços com argila e areia. Pra maior aglutinação da massa, acrescentaram-se fibras vegetais. A taipa é rebocada pelos dois lados,

atingindo uma espessura média de 20 a 25 cm (Sr Inocêncio), 2 cm de reboco para cada lado. Quanto ao uso de estrumes de gado vacum ou sangue de boi como aglutinante, é impossível fazer qualquer referência.



Fig.00a: paredes em tijolos de adobe, Sr Inocêncio

#### d) Sarjeta

A sarjeta era de pedra, revestida de tijolo, e formava uma calçada em todo perímetro da casa, mas às vezes, apenas na fachada principal.





e) Piso

Na sala central e na fronteira o piso é revestido de ladrilho de barro cozido; no restante da casa é de terra batida e caracteriza-se por possuir superfície uniforme e constante.



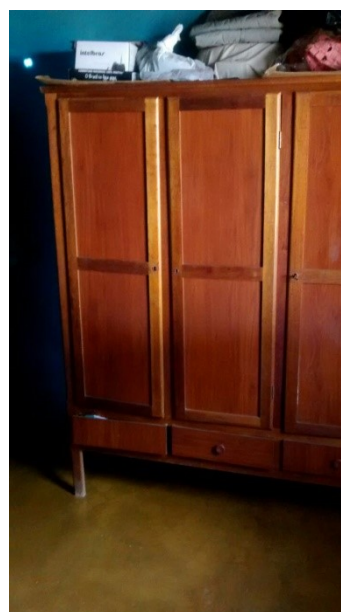


Fig.00a: Piso em cerâmica na copa, Sr Inocênciao

Fig.00b: Piso em cimento queimado “vermelhão” no banheiro menos, Sr Inocênciao

Fig.00c: Piso em cimento liso polido na cozinha, Sr Inocênciao

Fig.00d: Piso em cimento liso polido com coloração amarela no quarto, Sr Inocênciao

f) Forro

A telha de barro e o madeiramento do telhado são aparentes

g) Vãos

As esquadrias possuem vãos com rasgos normais às paredes, verga reta e sem nenhum ornato ou remarcação especial.

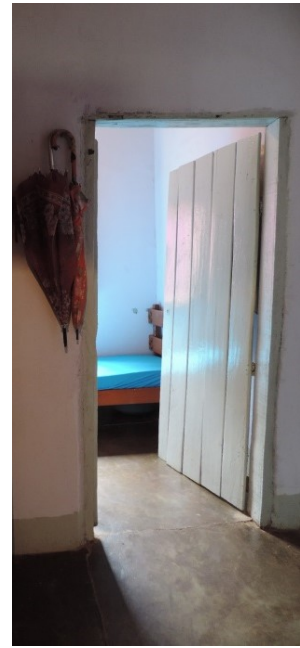


Fig.00: Abertura dos vão das portas feitas a partir da altura dos caibros da tesoura da cobertura, ajustados com tábuas ou tijolos para o recebimento da verga dos batentes das portas, Sr Inocência.

#### h) Esquadrias

As esquadrias são de madeira de cedro, com painel cego composto por tabuado ao comprido e em plano único com engate embutido (tipo macho e fêmea). O painel era composto de duas ou quatro tábuas, e as portas possuindo em média 0,70/0,80/0,90 m e as janelas 0,60/0,70 cm. As quinas do encontro das tábuas eram adoçadas com friso feito na própria madeira, nas faces interna e externa.







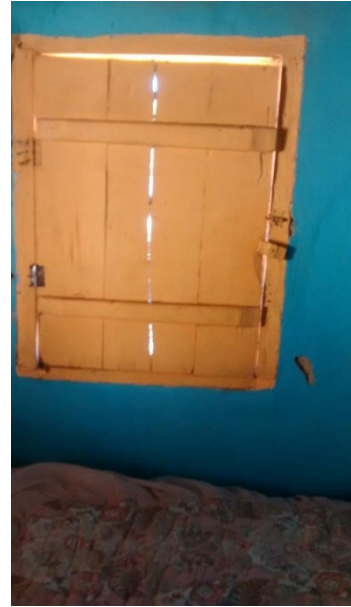




Fig.00a: Esquadria (portão original) composta: porta de entrada e portão de madeira. O portão varre pra fora e a porta varre pra dentro da casa, Sr Inocêncio

Fig.00b: Janela (original) em madeira com batentes em madeira. As janelas abrem pra dentro da casa, Sr Inocêncio

Fig.00c: Porta interna (quarto) em batente de madeira, duas folhas (original) com duas tábuas corridas e duas travas transversais em madeira, varrem pra dentro do quarto, Sr Inocêncio

Fig.00d: trameia em madeira presa ao batente de madeira de janelas e portas de uma folha (original), Sr Inocêncio

Fig.00e: portão de madeira assentado em esteio de madeira para acesso ao lote (original), Sr Inocêncio

Fig.00f: porteira de madeira assentada em esteio de madeira para acesso ao lote (original), Sr Inocêncio

#### i) Cobertura

A solução da cobertura é de quatro águas, com forma piramidal. A estrutura de sustentação do telhado era composta por caibros, ripas, com pernas de amarração entre o quadrado formado pelas paredes de dentro e de fora. As paredes que recebiam o esforço da cobertura funcionavam como parte de um mesmo sistema. Nos cantos dos quadrados existia o contraventamento das paredes, realizado mediante a utilização de madeiras colocadas na diagonal. No meio do quadrado central estavam dispostos, à semelhança de duas tesouras bem próximas, elementos que sustentam a cumeeira do telhado.

Todo madeiramento é esquadriado em cedro. Em nenhuma das beiradas existe qualquer arremate especial, e os caibros sacam da parede apenas 25 cm.







Fig. 00: cobertura Sr Inocência

j) Entelhamento

A cobertura é em telha de barro com dimensões de 60 cm de comprimento, 20 cm de cobertura e 10 cm de altura. Não existia diferença entre capa e bica, não dispondo ainda de ressaltos ou encaixes que as fixassem no lugar. É de se observar um desenho em forma de matame na borda mais aberta da telha, possuindo apenas a função de ornamentação.

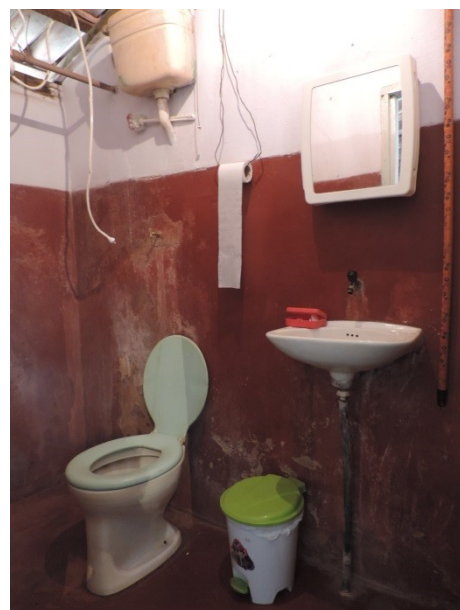


Fig.00a: Entelhamento (vista interna), Sr Inocência

Fig.00b: Entelhamento (vista externa) e chaminé lateral do fogão a lenha, Sr Inocência

k) Pintura

Todas as paredes eram pintadas sob emboço grosso.



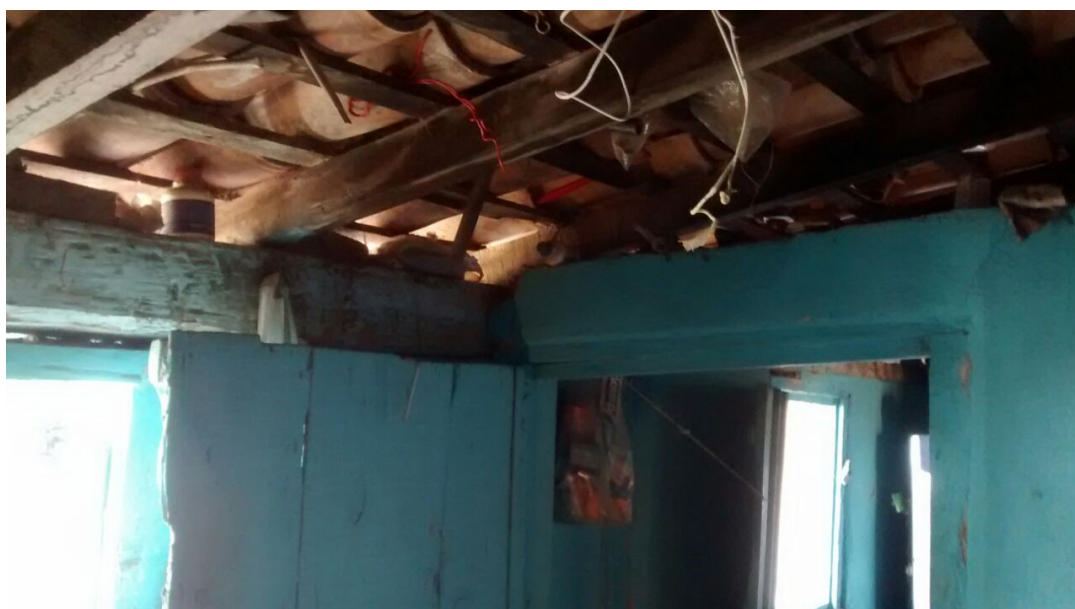


Fig.00a: pintura barrada do banheiro menor sobre cimento polido e coloração tipo “vermelhão” (área em contato com a água) e tinta acrílica pêssego sobre parede sem emboço, Sr Inocência.

Fig.00b: pintura nas esquadrias de madeira (portas, portões e janelas) em tinta acrílica amarela sem acabamento, Sr Inocêncio.

Fig.00c: pintura nas estruturas de madeira e paredes de adobe internas em azul em tinta acrílica sem acabamento, Sr Inocêncio.

Fig.00d: pintura nas estruturas de madeira e paredes de adobe externas em azul em tinta acrílica sem acabamento, Sr Inocêncio.

## Do Sistema Construtivo – Casa Sertaneja em Tijolo – Vaninha (1985)

### l) Alicerces

O baldrame, executado em pedra amarelada de lastro de rio, tinha por objetivo regularizar o terreno para o assentamento da casa térrea, variava de altura ao longo do perímetro da edificação, atingindo até 2,00m. Sob o baldrame colocava-se uma camada de tijolos para depois ter início a alvenaria das paredes.



### m) Estrutura e Vedações





n) Paredes

Alvenaria de tijolo de barro cozido com tijolos de grandes dimensões. As paredes externas possuem de três a quatro tijolos, e as internas de uma dois, não alcançavam o teto, ficando a uma altura média de 3,5 m. Entretanto, as paredes internas, paralelas ao oitão, sustentavam a cobertura. Todas as Paredes são revestidas de emboço de barro, completado com reboco de cal e areia, num prumo rude.



o) Piso

O piso era indistintamente revestido com ladrilho de barro cozido, nas dimensões de 20 x 10 cm, assentados em fiadas contínuas.



p) Forro

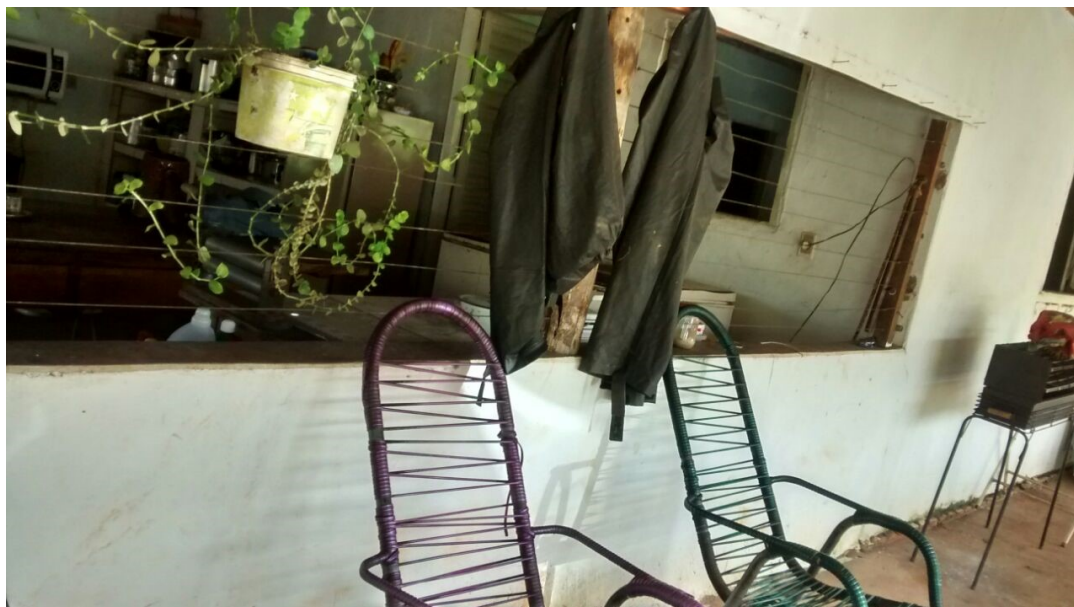
Inexistia forro de qualquer espécie.

q) Vãos

A abertura das janelas era de peitoril com rasgos em chanfro, isto é, formavam uma diagonal com o alinhamento das paredes. As portas externas apresentavam também o mesmo detalhe das janelas. Portas e janelas não apresentavam bandeira, sendo de folha inteiriça até a verga.

As portas internas e as janelas possuíam verga reta.

O quadro das esquadrias externas tinha seu enquadramento composto apenas de massa ressaltada do paramento da parede para receber a madeira necessária ao apoio das folhas.

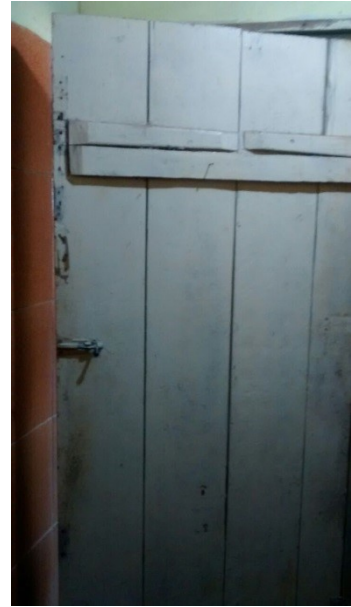




r) Esquadrias/

As esquadrias eram feitas de cedro, com folhas cegas e compostas por tabuado ao comprido, em plano único, com engaste embutido tipo macho e fêmea. Geralmente compostas de duas ou três ou quatro tábuas. As folhas variavam entre 1,00 m e 1,20m. As quinas vivas do encontro das tábuas eram adoçadas com friso executado na própria madeira em ambas as faces. Nenhuma esquadria apresentava rótula ou bandeira.





s) Cobertura

A cobertura era duas águas, frente e fundo, formando empenas triangulares nas fachadas laterais, alcançando alturas entre 6 a 7 metros nas cumeeiras. A única exceção encontrada entre os exemplares estudados, foi na casa de quatro águas, em forma piramidal para armação do telhado; estrutura composta por caibros, ripas com pernas, de amarração nas diagonais do retângulo.

Nos demais exemplares onde a armação do telhado das coberturas resumia-se aos caibros armados e ripas que recebiam a beirada dos fundos era um simples transpasse da cobertura sem nenhum arremate especial. Na frente, o arremate era feito por cachorros<sup>132</sup>. A beirada da casa possui o arremate em beira com duas fiadas superpostas de telhas em balanços sucessivos de 10 cm aproximadamente.

As paredes recebiam diretamente o esforço da cobertura e fazem parte da estrutura, funcionando como um único corpo.



---

<sup>132</sup> Em arquitetura, designa-se como cachorro, ou mísula, a um elemento exposto que suporta os beirais de um telhado ou qualquer outro corpo saliente de um edifício (arcos, arquitraves e cornijas)



t) Entelhamento

A cobertura era em telha bem cozida de grandes dimensões e cor clara, não existindo distinção entre capa e bica. As telhas não dispunham de ressaltos ou encaixes que as fixassem no lugar, sendo, portanto semelhantes às das casas de taipa.



#### u) Pintura

As alvenarias eram brancas caiadas e as madeiras certamente não recebiam tinta, sendo difícil fazer qualquer referência à aplicação de verniz. Pelo estado encontrado durante o estudo parece não terem recebido qualquer pintura.

Apesar das diferenças apresentadas entre as técnicas de construção, o acabamento e o aspecto plástico da casa do século XIX e do século XVIII representam um tipo único. Aqui, mais uma vez se faz referência às relações entre as representações arquitetônicas e a sociedade em que se encontram.

A casa sertaneja do Arraial da Barra sofre alguma evolução interna, mas não alcança modificações substanciais a ponto de alterar as características do programa e a organização da planta de suas unidades.

A clareza da solução técnica, da estrutura, do telhado, da divisão interna são nítidas já na primeira tentativa de compreendê-las, a exemplo de seus moradores, homens e mulheres simples.

O sujeito do Arraial da Barra fez refletir sua resistência na moradia sólida que construiu para morar, não apenas no que concerne à forma fechada, que não permitiu acréscimos nem modificações, mas sobretudo, na forma de construí-las. Sobre a solidez da construção, em qualquer dos sistemas utilizados é digno de registro a duração das casas.



## Apêndice 51 - Acervo do Espaço Arquitetônico das Casas Sertanejas Estudadas - MEMORIAL

### I Casa Sertaneja Militão/ Dita (1937) – a casa sertaneja da Freguesia de Nossa Senhora do Rosário da Barra



1. Distrito de Buenolândia: Comunidade de São João do Monte Alegre, zona rural de Buenolândia

2. Localização

A casa situa-se a 30 Km da Cidade de Goiás na Comunidade São João do Monte Alegre assentada sobre terreno plano e um açude no fundo da casa.

3. Época da Construção: 1937

4. Estado de conservação

A casa é de pau-a-pique e se encontra em bom estado de conservação, sofreu algumas alterações; uma puxada na parte de trás (banheiro) e da lateral esquerda (quartos e despejo), rompendo a forma primitiva. Foram erguidas em tijolos algumas paredes fronteiriças, bem como instaladas nestas novas áreas esquadrias de portas e janelas de madeira, com tijolos na abertura do banheiro que foi anexado a casa. O fogão a lenha do interior da casa foi desativado (mas não retirado) e feiro um novo na cozinha da casa do forno no quintal. O piso da casa foi totalmente revestido com vermelhão, substituindo o chão de terra batida. As portas e janelas de madeira são da casa original e o teto ainda mantêm-se totalmente sem forro. Casa cor de terra da argila da região que a barroteia.

5. Descrição

Área coberta de 157,03 m<sup>2</sup> é formada por um retângulo de 12,77x13,52 m. A

casa se desenvolve em torno de uma sala central, onde se distribui os cômodos da casa. Para ter acesso ao interior da casa, passa-se antes por ela com vários cômodos e a porta principal, aos fundos existe a casa do forno que recebe o fogão a lenha, o forno de barro, tanque para lavar roupas e uma despensa para mantimentos e apetrechos e o quintal. Os quartos se dispõem em torno da entrada da casa. A casa é bastante arejada, caiada com argila, tendo cores diferentes de tons de terra e, com cômodos pequenos e compartimentados com portais e cantos baixos, portanto escuros. São 11 cômodos, a casa do forno, o chiqueiro, o galinheiro, o açude, o pomar, a horta, a sombra das mangueiras, e o quintal que compõem a casa. O quintal composto por garagem, curral, leiras de lenha pra secar, e um gramado para a chegada.

6. Planta de Implantação, Planta Baixa, Planta de cobertura, Fachada principal, Corte AA, Escala gráfica - (Fig.00)




Registro fotográfico:

Casa do forno 67,20m<sup>2</sup>



Forno 1,77m<sup>2</sup>



<p>Despensa 6,98m<sup>2</sup></p>	
<p>Tanque 0,93m<sup>2</sup></p>	
<p>Cozinha de fora 32,00m<sup>2</sup></p>	
<p>Curral 00m<sup>2</sup></p>	

Depósito lenha 00m<sup>2</sup>



Açude 00m<sup>2</sup>



Garagem e parabólica 00m<sup>2</sup>

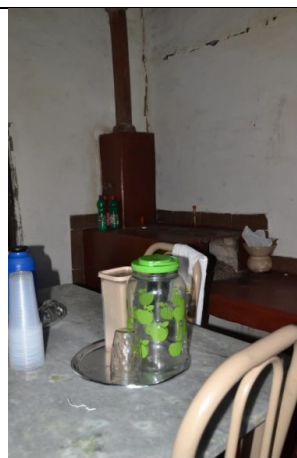


Quarto1 13,86m<sup>2</sup>



Quarto2 7,36m<sup>2</sup>quarto 3 6,12m<sup>2</sup>quarto 4 7,61m<sup>2</sup>

Sala 1 10,82m<sup>2</sup>Sala 2 29,53m<sup>2</sup>Corredor 3,60m<sup>2</sup>

Banheiro 4,28m<sup>2</sup>Cozinha de dentro 10,04m<sup>2</sup>Quintal 00m<sup>2</sup>

## II Casa Sertaneja Sr Inocêncio/ Dona Amélia



7. Casa Geração Buenolândia (1ª FASE): Sede da Vila do Distrito

8. Localização

A casa situa-se na quadra frente ao largo da igreja de Nossa Senhora do Rosário assentada sobre terreno plano em relação ao seu entorno.

9. Época da Construção: 1943

10. Estado de conservação

A casa é de adobe e se encontra em bom estado de conservação, sofreu algumas alterações; uma puxada na parte de trás (alpendre com mureta, cozinha, 1 quarto, área de tanque, poço, e 2 banheiros) e da frente (alpendre com mureta), rompendo a forma primitiva. Foram erguidas em tijolos algumas paredes fronteiriças, bem como instaladas nestas novas áreas esquadrias de portas e janelas metálicas, portão metálico e janela basculante metálica e vidro na janela do banheiro maior. O fogão a lenha do interior da casa foi retirado e feiro um novo na cozinha da ampliação com chaminé lateral. O piso da casa foi totalmente revestido com cerâmica. As portas e janelas de madeira estão na casa original e ainda mantem-se totalmente sem forro. A casa mantém a “casinha” para as necessidades no quintal, desativada, em adobe. Casa colorida, com janelas e paredes coloridas, a partir de tons de azul e amarelo.

11. Descrição

Área coberta de 159,60 m<sup>2</sup> é formada por um retângulo de 12,20x12,10 m. A casa se desenvolve em torno de uma sala central, onde se distribui os cômodos da casa. Para ter acesso ao interior da casa, passa-se antes por ela com vários cômodos e a porta principal, aos fundos existe o alpendre onde a família permanece a maior parte do dia, acessam a cozinha, o tanque, os banheiros e o quintal. Os quartos se dispõem em relação a rua. A casa é bastante arejada, colorida e, com cômodos pequenos e compartimentados com portais e cantos baixos, portanto escuros. São 11 cômodos e o quintal que compõem a casa. O quintal composto por horta, pomar, chiqueiro,

casinha desativada, garagem, depósito, leiras de lenha pra secar, trempes e galinheiro.

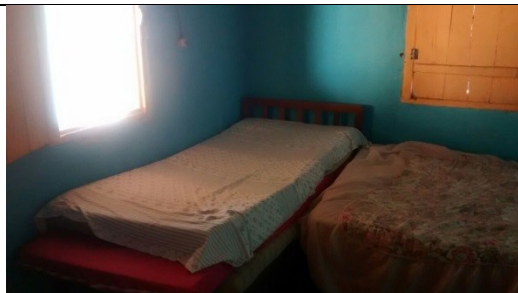
12. Planta de Implantação, Planta Baixa, Planta de cobertura, Fachada principal, Corte AA, Escala gráfica - Casa Sertaneja Sr Inocência/ Dona Amélia (Fig.00)

13. Registro fotográfico:

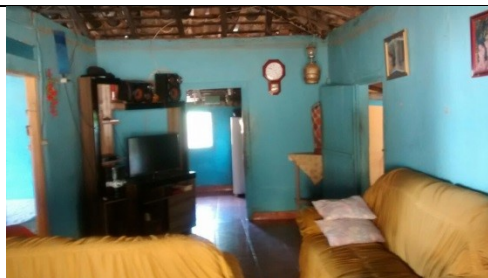
1. alpendre da frente 8,61m<sup>2</sup>



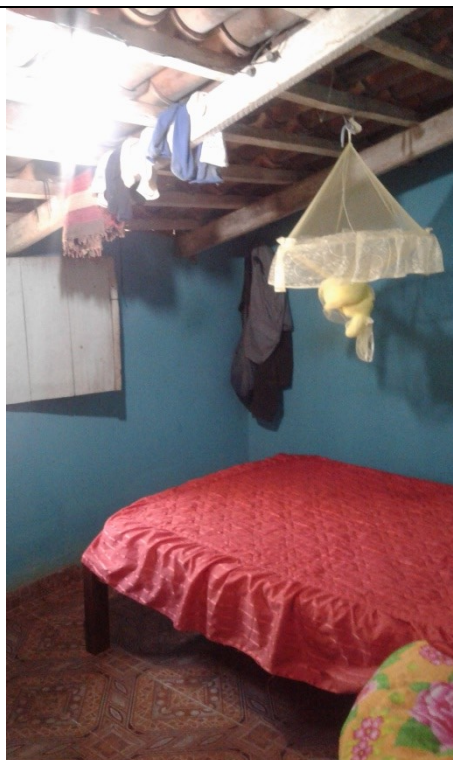
2. quarto frente 1 8,98m<sup>2</sup>



3. sala 18,50m<sup>2</sup>



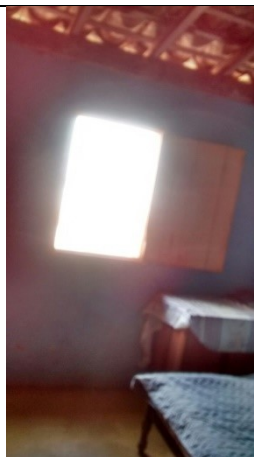
4. quarto do Sr Inocência 10,09m<sup>2</sup>



5. banheiro pequeno 3,04m<sup>2</sup>



6. quarto frente 2 8,92m<sup>2</sup>



7. copa 10,90m<sup>2</sup>







8. despensa 7,43m<sup>2</sup>



9. alpendre do fundo 35,13m<sup>2</sup>



10. cozinha 12,20m <sup>2</sup>		
11. banheiro grande 3,50m <sup>2</sup>		
12. tanque 0,98m <sup>2</sup>		
Quintal 00m <sup>2</sup>		

### III Casa Sertaneja Dona Francisca/ Dona Mariquinha (1956)



#### 1. Casa Geração Buenolândia (2ª FASE): Sede da Vila do Distrito

#### 2. Localização

A casa situa-se ao lado do Casarão de Fronteira, em frente ao largo da igreja, compondo o quadrilátero do patrimônio do conjunto arquitetônico sertanejo, assentada sobre terreno plano.

#### 3. Época da Construção: 1956

#### 4. Estado de conservação

A casa é de adobe e se encontra em bom estado de conservação, sofreu algumas alterações; uma puxada na parte de trás (alpendre com mureta, cozinha, 1 quarto, área de tanque, 1 banheiro) e da frente (alpendre com mureta), rompendo a forma primitiva. Foram erguidas em tijolos algumas paredes fronteiriças, bem como instaladas nestas novas áreas detalhes em tijolos para servir como elementos de ventilação, portão metálico. O fogão a lenha do interior da casa continua. O piso da casa é o vermelhão. As portas e janelas de madeira estão na casa original e o teto ainda mantém-se totalmente sem forro. A casa possui no quintal dois pomares, horta, mangueiras, trempes, batedor de roupa com o varal de arame e bambu, casa da galinha perder o chôco, casa do pintinho, despensa com ninhos. Casa colorida com paredes em magenta e verde menta, janelas e portas em madeira natural ou cinza.

#### 5. Descrição

Área coberta de 211,98 m<sup>2</sup> é formada por um retângulo de 12,20x12,10 m. A casa se desenvolve em torno de uma sala central, onde se distribui os cômodos da casa. Para ter acesso ao interior da casa, passa-se antes por ela com vários cômodos e a porta principal, aos fundos existem om alpendrem onde a família permanece a maior parte do dia, acessam a cozinha, o tanque, os banheiros e o quintal. Dois quartos se dispõem em relação a rua, e mais dois no fundo da casa. A casa é bastante arejada, colorida e, com cômodos pequenos e compartimentados com portais e cantos baixos em madeira, cortinas em alguns portais nos batentes sem portas. São 19 cômodos e o quintal que compõem a

casa.	
6. Planta de Implantação, Planta Baixa, Planta de cobertura, Fachada principal, Corte AA, Escala gráfica - Casa Sertaneja Sr Inocêncio/ Dona Amélia (Fig.00)	
Registro fotográfico: (Dona Francisca)	
Alpendre da entrada 20,48m <sup>2</sup>	
Alpendre do quintal 13,42m <sup>2</sup>	
Garagem 12,86m <sup>2</sup>	

<p>Sala 1 10,35m<sup>2</sup></p>	 A living room with a red sofa, a television on a stand, and several religious posters on the wall. A large circular poster of a religious figure is prominent on the back wall.
<p>Sala 2 12,79m<sup>2</sup></p>	 A dining area featuring wooden cabinets, a doorway leading to another room, and a small table with a white cloth.
<p>Tanque 0,98m<sup>2</sup></p>	 An outdoor area with a green structure, possibly a well or water source, and a fence. There are some items hanging on the fence and a small table nearby.
<p>quarto 1 5,87m<sup>2</sup></p>	 A bedroom with a blue bed, a window, and a door. The room is simple and functional.

<p>quarto 2 9,71m<sup>2</sup></p>	
<p>quarto 3 8,35m<sup>2</sup></p>	
<p>quarto 4 8,29m<sup>2</sup></p>	
<p>Banheiro 1 (quarto) 3,20m<sup>2</sup></p>	

<p>Banheiro 2 (social) 2,36m<sup>2</sup></p>	
<p>Cozinha 9,58m<sup>2</sup></p>	
<p>Quintal 00m<sup>2</sup></p>	
<p>(Dona Mariquinha)</p>	
<p>Alpendre do quintal 13,44m<sup>2</sup></p>	

Alpendre da frente 11,09m<sup>2</sup>



Sala 7,38m<sup>2</sup>



Cozinha 7,57m<sup>2</sup>



<p>Quarto 1 8,12m<sup>2</sup></p>	 A photograph of a bedroom. A bed with white bedding is positioned against a wall. A window with a view of greenery is visible. The ceiling has exposed wooden beams.
<p>quarto 2 7,83m<sup>2</sup></p>	 A photograph of a bedroom. A wooden bed with a pink floral patterned sheet is shown. A window with a wooden frame is on the wall.
<p>Banheiro 4,00m<sup>2</sup></p>	 A photograph of a bathroom. It features a red sink on a white pedestal, a red toilet, and a mirror on the wall. The lower part of the wall is covered in a greenish-grey material.
<p>Tanque 0,93m<sup>2</sup></p>	 A photograph of the exterior of a pink building. In the foreground, there is a covered outdoor area with a white sink and a red toilet. A bush is visible on the left.

#### IV Casa Sertaneja Vaninha (1985)



7. Casa sertaneja Geração Buenolândia (FASE 3): Sede da Vila do Distrito

8. Localização

A casa situa-se na entrada da vila do distrito, onde recepciona, informa e tem o louro como anfitrião. Destacada do quadrado original, implantada na estrada do eixo de acesso principal, tanto de entrada quanto saída do distrito. Possui um comércio na frente.



9. Época da Construção: 1985

10. Estado de conservação

A casa é de blocos cerâmicos e se encontra em bom estado de conservação, sofreu algumas alterações; uma puxada na parte lateral esquerda (alpendre com pia, garagem) e da frente (alpendre com mureta, comércio e banheiro). Foram erguidas em tijolos algumas paredes fronteiriças, bem como instaladas nestas novas áreas janela basculante metálica e vidro na janela do banheiro. O fogão a lenha do interior da casa convive com uma cozinha arejada fechada com jirais de madeira e telas/cabos de aço. O piso da casa foi totalmente revestido com vermelhão. As portas e janelas de madeira estão na casa original e o teto ainda mantém-se totalmente sem forro. A casa é colorida com as paredes da fachada cereja e branco, tendo portas e janelas em tons de cinza.




11. Descrição

Área coberta de 285,38m<sup>2</sup> é formada por um retângulo de 12,20x12,10 m. A casa se desenvolve a partir do comércio que convida para seu interior. Chega-se a sala e dividem-se os quartos e o banheiro que atende a casa. A cozinha é um cômodo bastante grande, onde mantém 5 fogões, entre eles o fogão a lenha, o industrial, o convencional, o fogareiro. Os quartos se dispõem em relação a sala e mais um grande quarto com banheiro que sai na cozinha. A casa é extremamente dividida e compartimentada em cômodos pequenos. São 12 cômodos, o quintal e o comércio que compõem a casa.

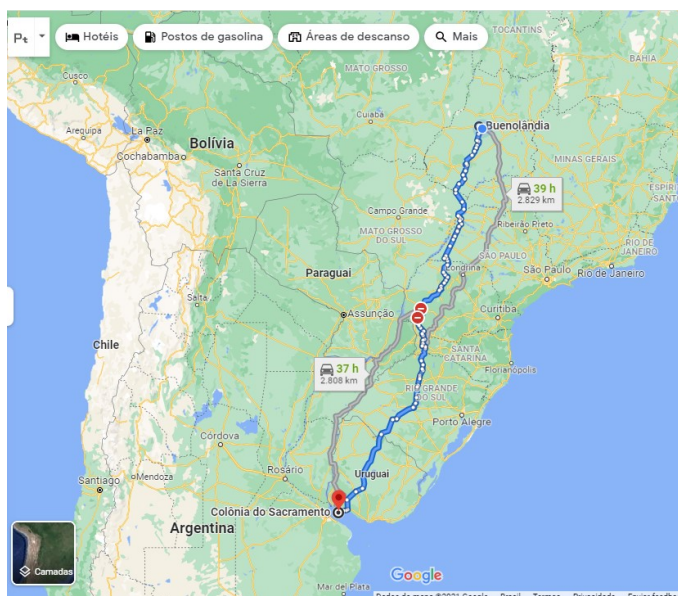
<p>Registro fotográfico:</p> <p>Alpendre do comércio 22,63m<sup>2</sup></p>	
<p>Comércio 39,70m<sup>2</sup></p>	
<p>Banheiro do comércio 00m<sup>2</sup></p>	
<p>Alpendre da casa 72,30m<sup>2</sup></p>	

<p>Cozinha 38,04m<sup>2</sup></p>	
<p>Tanque 1,96m<sup>2</sup></p>	
<p>quarto da Vaninha 7,88m<sup>2</sup></p>	
<p>quarto 2 20,64m<sup>2</sup></p>	

quarto 3 8,35m<sup>2</sup>Sala 12,32m<sup>2</sup>Corredor 1,74m<sup>2</sup>Banheiro 1 3,50m<sup>2</sup>

<p>Banheiro 2 3,00m<sup>2</sup></p>	
<p>Depósito 11,67m<sup>2</sup></p>	
<p>Quintal 00m<sup>2</sup></p>	

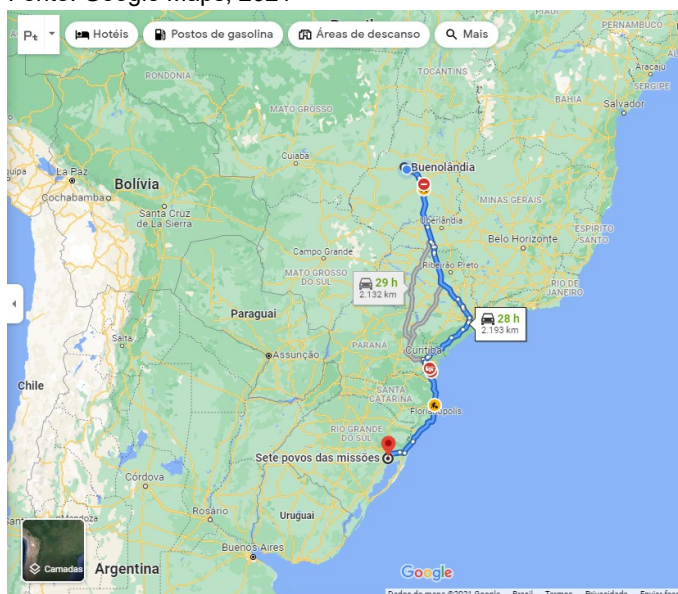
## Apêndice 52: Câmbio territorial *uti possidetis* entre Portugal e Espanha



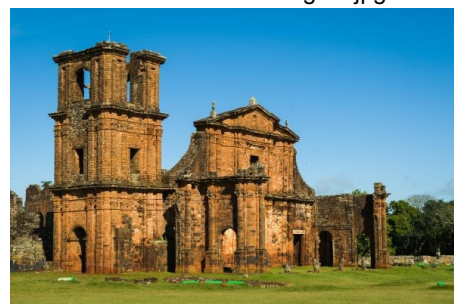
52 a: caminho de Buenolândia a Colônia de Sacramento (Uruguai), antiga colônia portuguesa trocada por Goiás em terras espanholas  
Fonte: Google Maps, 2021



52b: Colônia de Sacramento, Uruguai  
Fonte: <https://donatoviagens.com.br/wp-content/uploads/2019/08/centro-antigo-colonia-del-sacramento-uruguai.jpg>



52 c: Sete Povos das Missões (Rio Grande do Sul), antiga colônia portuguesa trocada por Goiás em terras espanholas  
Fonte: Google Maps, 2021

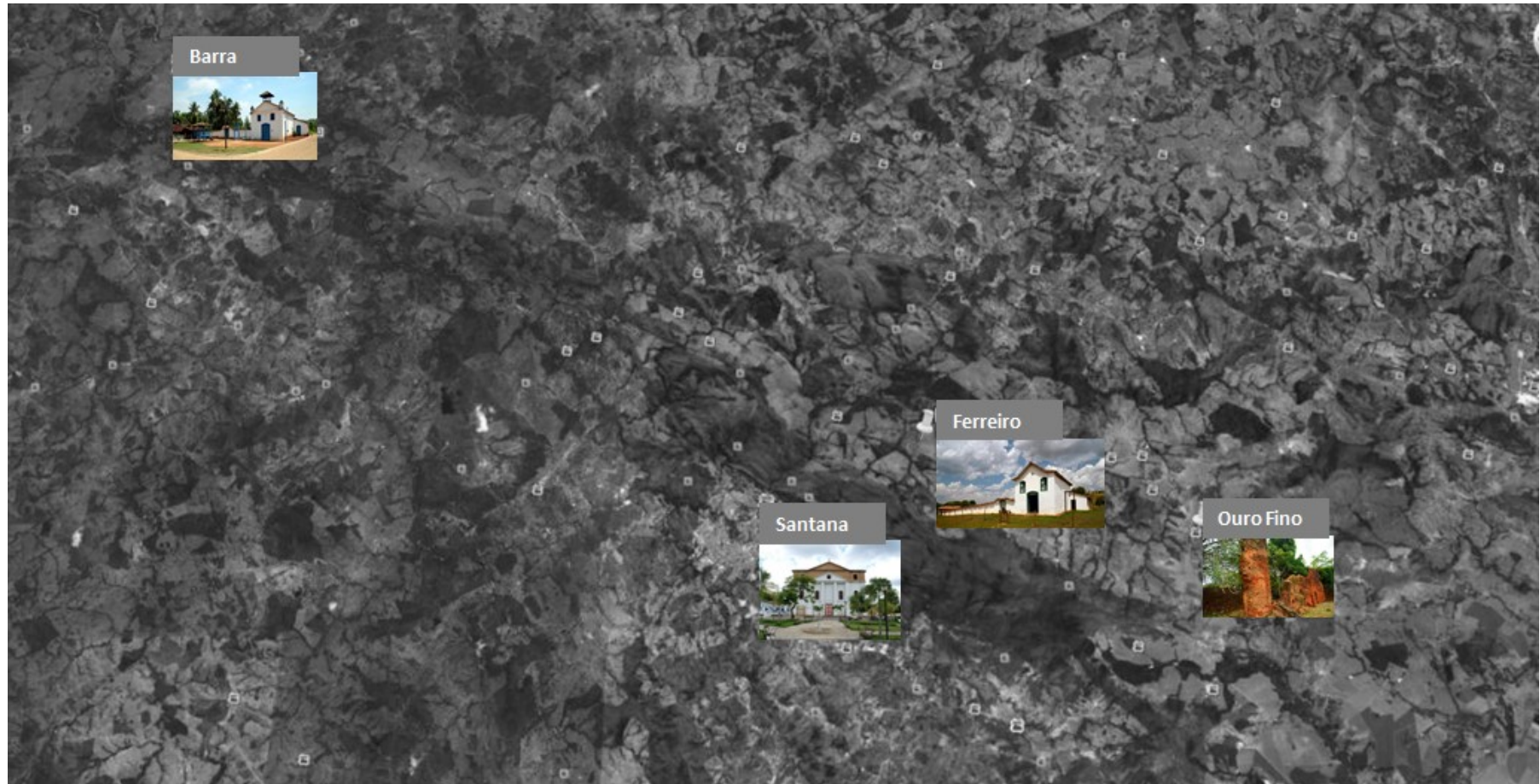


52d: Ruínas de São Miguel Arcanjo, Rio Grande do Sul.  
Fonte: ThiagoSantos / Shutterstock.com

Organização: SILVA, LHA (2021)



## Apêndice 53: Arraiais auríferos do rio Vermelho



Fonte: Google Earth, 2021, arraiais de Anhanguera. Da esq para dir no percurso do Rio Vermelho: Arraial da Barra, Arraial de Santana, Arraial do Ferreiro, Arraial de Ouro Fino.

Organização: SILVA, LHA (2021)

Apêndice 54: da capitania de São Paulo ao sertão das minas dos Goyazes



Fonte: Google Maps, 2021, casa de Bartolomeu em Buenolândia/GO (1997), casa de Bartolomeu em Santana do Parnayba/SP (1956)  
Organização: SILVA, LHA (2021)

Apêndice 55: Igrejas dos Arraiais Auríferos de Anhanguera



55A - Catedral de Santana 1729, Arraial de Santana.



55B - Igreja de Nossa Senhora do Pilar 1726, Arraial de Ouro Fino.



55C - Igreja de Nossa Senhora do Rosário 1726, Arraial da Barra.



55D - Igreja de São João Batista, 1761, Arraial do Ferreiro.

Fonte: SILVA, LHA (2018).

Apêndice 56 - Viagem à Santana do Parnaíba/SP  
Museu Casa de Anhanguera, 13/10/2018



Imóvel no Largo da Matriz, que atualmente abriga o Museu Anhanguera, pertence a Francisco de Paula Barros, último proprietário conhecido do imóvel. Após seu falecimento, o imóvel foi doado à família do negro Valério de Paula Barros que durante muitos anos o serviu. Acervo: Marta Rodrigues Bonifácio.

Fonte: Prefeitura de Santana do Parnaíba, SP, CEMIC – Centro de Memória e Integração Cultural “Bertha Moraes Nérci”, Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 2018



Patrimônio urbano bandeirista paulista



Detalhes da área pública do largo, da igreja e do wc público



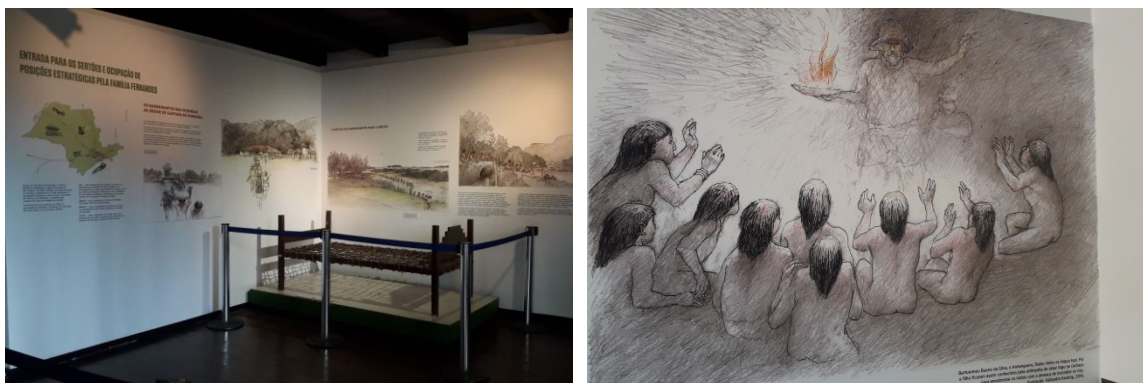
Aspectos do casario do entorno do Museu



Comércios temáticos e souvenirs, e o centro de memória municipal



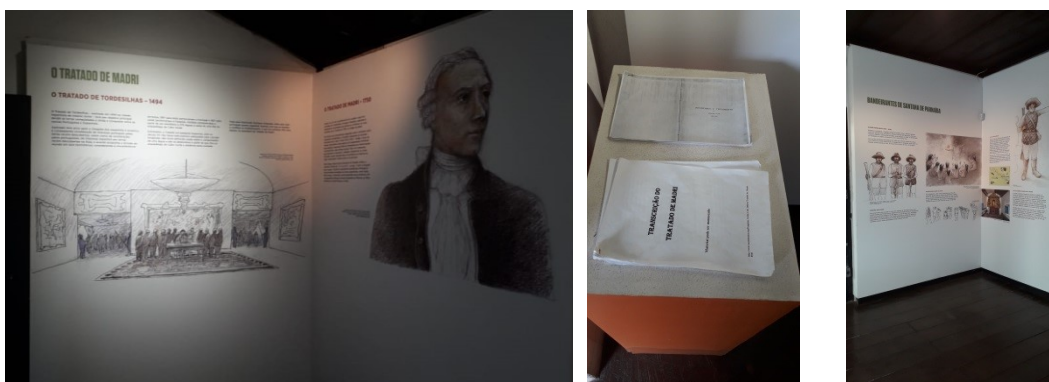
Área interna do museu com acervo original do sec XVI, painéis pedagógicos, iluminação, acessos e suportes para a exposição das peças



Detalhe do croqui a mão do painel remetendo a representação da época, catre ao lado do painel acessível ao visitante



Mapas e textos para a contextualização histórico-geográfica e sala de projeção de vídeos, palestras aos visitantes



Cópia de documentos para consulta do visitante ao lado da gravura dos personagens e do fato ocorrido



Exposição de arquitetura, mobiliário retratando o cotidiano e a disposição da rotina da casa fundamentando o patrimônio cultural paulista e sua forma de habitar



Testemunhos nas paredes e exposição de elementos construtivos, esquadrias e o acabamento da casa

Apêndice 57: Mapa das estradas ancestrais, dos arraiais, igrejas do século XVIII na cidade de Goiás, refletida na cidade de Goiás atualmente, sobre suas bacias, assentamentos, distritos e povoados.

## MAPA DE CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE GOIÁS

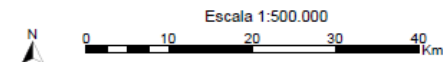
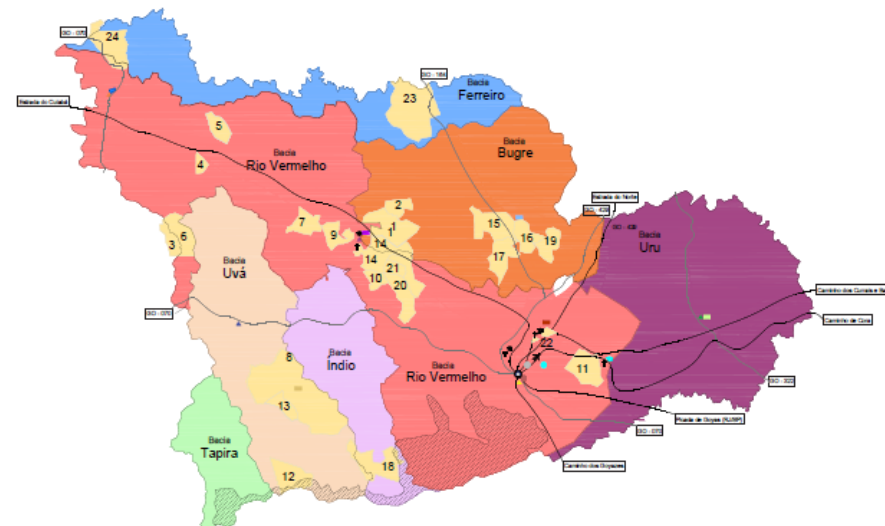
### Legenda

#### Bacias hidrográficas

- Macrozona Construída Rio Vermelho
- Macrozona Construída Rio Uvã
- Macrozona Rural Rio Tapira
- Macrozona Rural Rio Índio
- Macrozona Rural Rio Ferreiro
- Macrozona Rural Rio do Bugre
- Macrozona Construída Rio Uru

#### Assentamentos

- Distrito Primário | Sede Municipal
- Cidade de Goiás
- Distritos Secundários | Vilas dos Distritos
  - ▲ Aguas de São João
  - ▲ Buenoiândia
  - ▲ Calciândia
  - ▲ Davidópolis
  - ▲ Uva
- Arraiais
  - Arraial da Barra
  - Arraial do Ferreiro
  - Arraial Curto Fino
  - Arraial Sant'Anna
- Rodovias
  - Rotas Cartográficas do Sertão do sec. XVIII
  - Parque Estadual da Serra Dourada
- Escolas Rurais
  - Escola Municipal Terezinha de Jesus Rocha
  - Escola Municipal Holanda
  - Escola Municipal Vale do Amanhecer
  - Escola Municipal Olympia Agelica de Lima
  - EFAGO
- ARIE - Área de Relevante Interesse Ecológico | Aguas de São João
- ETA - Estação de Tratamento de Água
- ETE - Estação de Tratamento de Esgoto
- Lixão
- Aeroporto
- Sesmarias
  - ↑ Igreja Nossa Senhora do Rosário
  - ↑ Igreja Matriz de Sant'Ana
  - ↑ Igreja São João Batista do Ferreiro
  - ↑ Igreja Nossa Senhora do Pilar



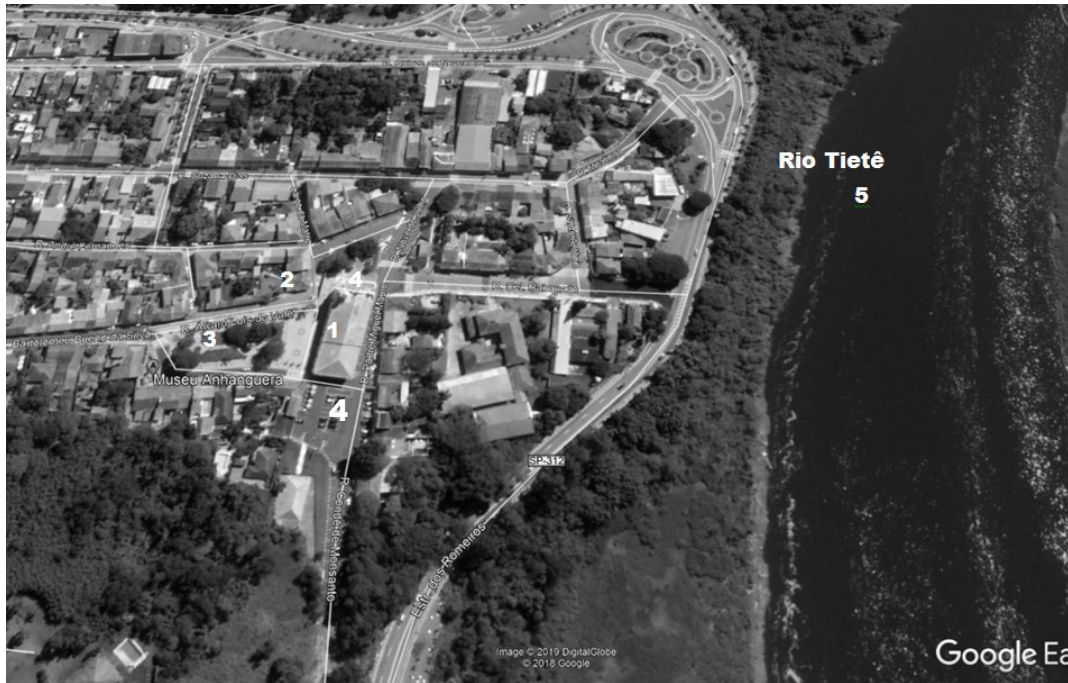
#### Lista de Assentamentos Rurais

- |                           |                     |                        |
|---------------------------|---------------------|------------------------|
| 1- Mosquito               | 9- Lavrinha         | 17- Engenho Velho      |
| 2- São João do Bugre      | 10- Novo Horizonte  | 18- Bom Sucesso        |
| 3- São Domingos de Gusmão | 11- Paraiso         | 19- Vila Boa           |
| 4- Acaba Vida II          | 12- Burtti Queimado | 20- Varão              |
| 5- São Felipe             | 13- União Burtti    | 21- Magali             |
| 6- Retiro                 | 14- Mata do Baú     | 22- Serra Dourada      |
| 7- Rancho Grande          | 15- Holanda         | 23- Dom Tomás Balduino |
| 8- São Carlos             | 16- Baratinha       | 24- Padre Felipe Ledet |

Organização: turma 2020.2, curso de Arquitetura e Urbanismo da UFG Campus Goiás, disciplina de Urbanização de Cidades Pequenas e Médias, Profª Me Luciana Helena Alves da Silva e Prof Me Pedro Henrique Melo de Oliveira (2020.2)

Apêndice. 58 - Elementos pré-componentes dos aglomerados

Apêndice. 58A - Casarão de Origem (Santana do Parnaíba/SP). Elementos pré-componentes do aglomerado: 1 Igreja Matriz de Santa Ana, 2 Casarão de Origem, 3 Largo da Matriz de Santa Ana, 4 Cruzeiro, 5 Rio Tietê.



Fonte: Google Earth (18/04/2019).

Apêndice. 58B - Casarão de Fronteira, Arraial da Barra: às margens dos Rios Vermelho/Bugre em Buenolândia/GO. Elementos pré-componentes do aglomerado: 1 Igreja Matriz de Nossa Sra. do Rosário, 2 terreno do Casarão de Fronteira, 3 Largo da Igreja de Nossa Sra. do Rosário, 4 Cruzeiro, 5 barra dos Rios Vermelho e Bugre.



Fonte: Google Earth (26/05/2018).  
Organização: SILVA, LHA (2019)

Apêndice 59 - Esteios do Casarão de Fronteira. Um dos últimos vestígios da arquitetura sertaneja do sertão das minas de Goyaz, Capitania de São Paulo, no início do século XVIII.



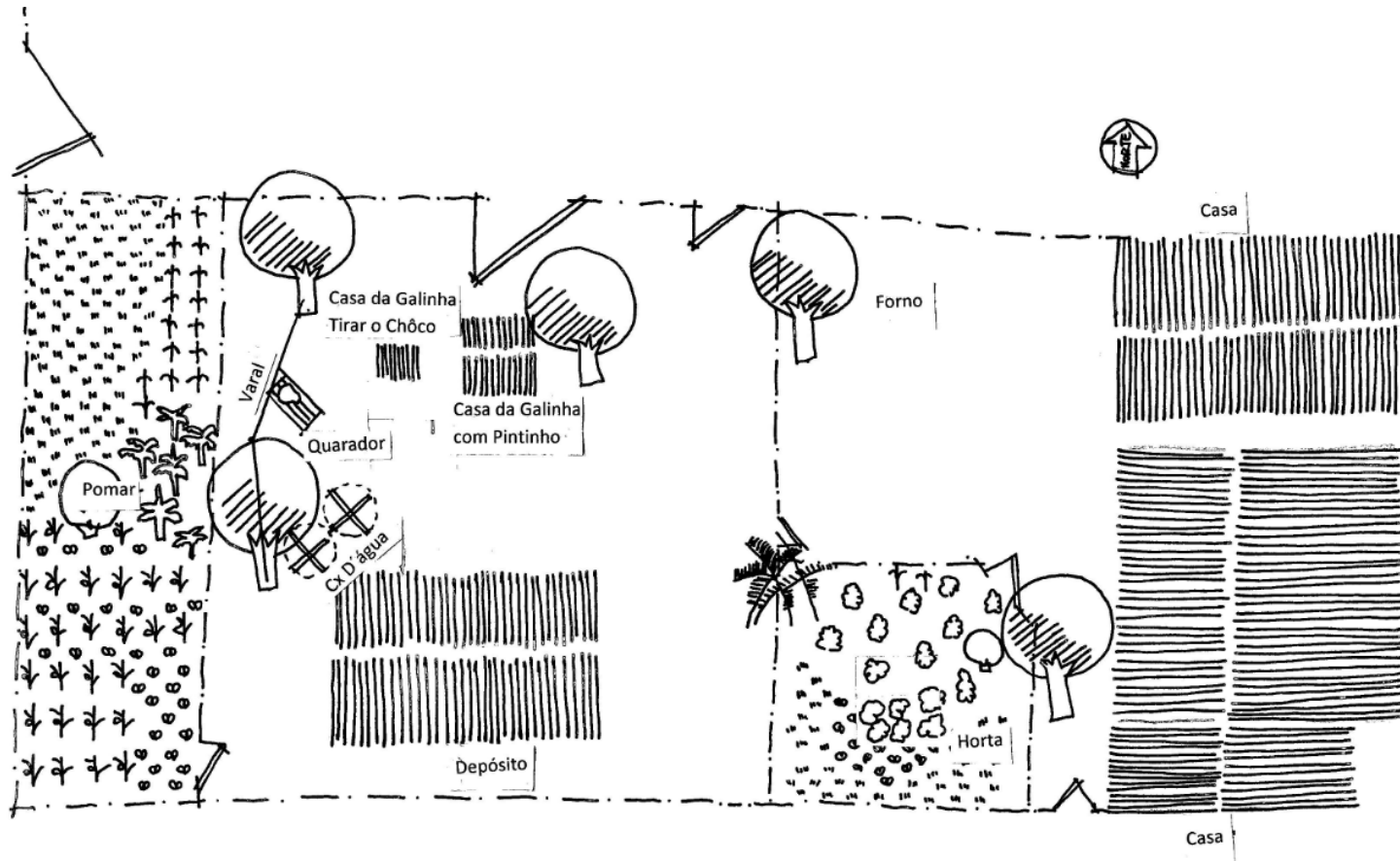
Fonte: SILVA, L.H.A., 2019.

Apêndice 60: subida do Santinho, área rural de Buenolândia



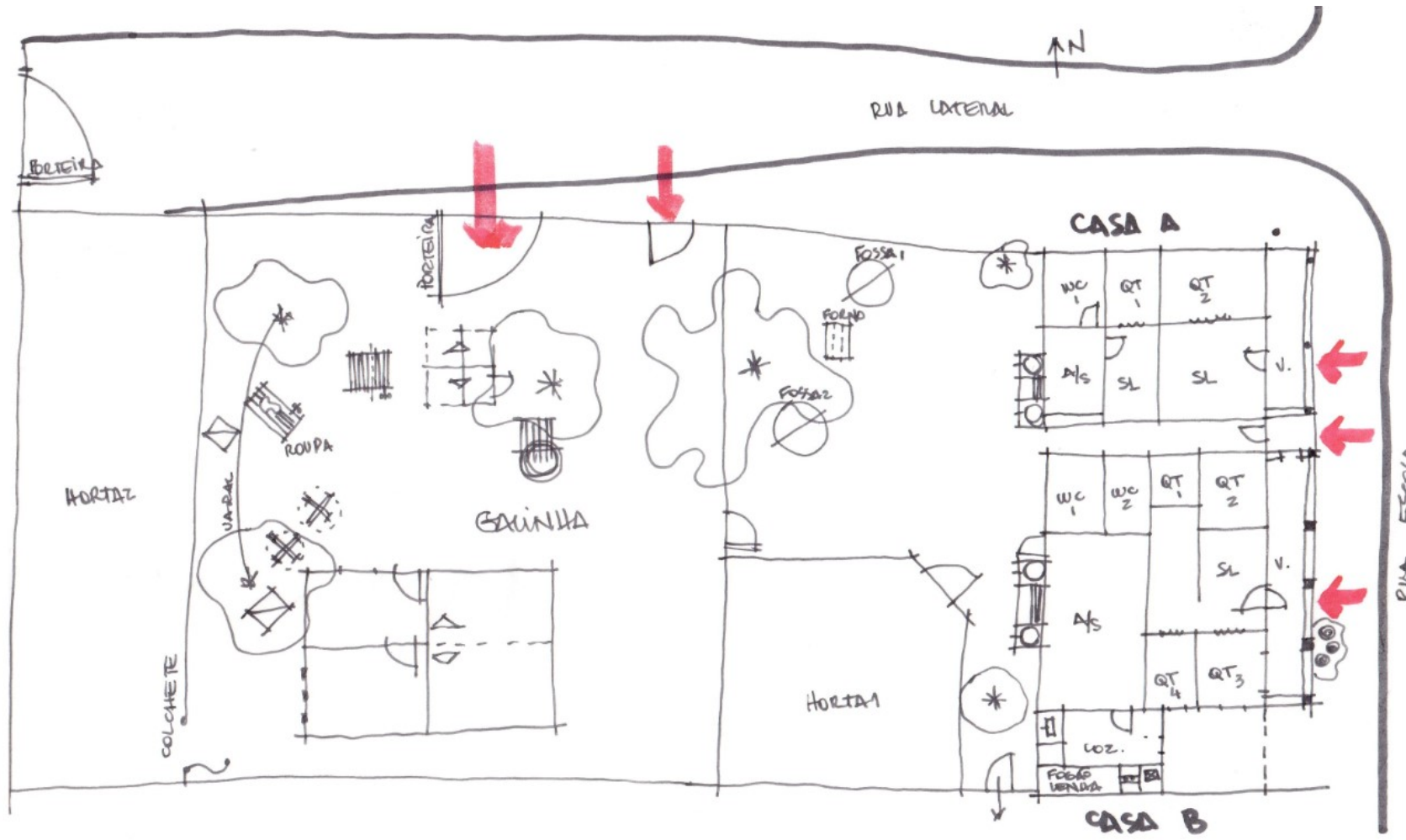
Fonte: SILVA, LHA (2018)

Apêndice 61A: *Croqui* do Espaço vivido do quintal da Aroeira D Francisca no Arraial da Barra, detalhe da horta



Fonte: SILVA, LHA (2018).

Apêndice 61B: *Croqui* do Espaço vivido do quintal da Aroeira D Francisca no Arraial da Barra, detalhe dos fluxos



Fonte: SILVA, LHA (2018).

Apêndice 62: Cozinha da casa sertaneja da Aroeira Amélia (janelas que conversam), Arraial da Barra/GO: “cozinha de dentro” – fogão a lenha e a gás, pia, prateleiras e mesa de apoio.



Fonte: SILVA, LHA (2018)

Apêndice 63: A mesa serve de apoio para a matança, casamento da Taynara (neta Sr Inocência), curral do quintal da Aroeira Ângela



Fonte: SILVA, LHA (2018)

Apêndice 64: Encontro da Pastoral da Saúde no Colégio Santana/UFG  
Campus Goiás (2019)



Fonte: Silva, LHA (2019)

Apêndice 65: Apetrechos e manualidades da Barra

65 A: Construção da trempe da casa sertaneja da Aroeira Ângela, Arraial da Barra/GO.



Fonte: SILVA, LHA (2017)

Apêndice 65B: Batedor de roupa do quintal sertanejo de Aroeira Francisca, Arraial da Barra/GO.



Apêndice 65C: Espremedor de queijo (torno de 100 anos), do quintal sertanejo Aroeira Domingas, comunidade Estiva, Arraial da Barra/GO.



Fonte: SILVA, LHA (ago/2018)



Apêndice 65D: Artesanato real: Colher de pau pra fazer sabão, quintal sertanejo de Aroeira Francisca, Arraial da Barra/GO.

Fonte: SILVA,LHA (2018)



Apêndice 65E: Artesanato real: Bacia para amassar o biscoito quebrador, quintal sertanejo de Aroeira Francisca, Arraial da Barra/GO.

Fonte: SILVA,LHA (2018)



Apêndice 65F: Artesanato real: Gamela de madeira pra fazer quitanda, quintal sertanejo de Aroeira Francisca, Arraial da Barra/GO.

Fonte: SILVA,LHA (2018)



Apêndice 65 Café torrado, quintal sertanejo de Aroeira Francisca, Arraial da Barra/GO.

Fonte: SILVA,LHA (2018)



Apêndice 65H: Esquerda: “Banca” de madeira pra mulher sentar de “perna fechada”, casa da Aroeira Dita, Direita: banco convencional de madeira, casa da Aroeira Vaninha, Arraial da Barra/GO.

Fonte: SILVA,LHA (2019)



Apêndice 65I: Aroeira Vó Zefa fazendo jiboia de miolo de buriti, quintal da Aroeira Cida, Arraial da Barra/GO.



Apêndice 65J: Artesanato real: Cerca de curral em aroeira, com a técnica de encaixe, sem pregos, quintal da Aroeira Dita, Arraial da Barra/GO.

Fonte: SILVA,LHA (2019)



Apêndice 65K: Cabide<sup>133</sup> de Coité e madeira para pendurar o arreiro e o rato não roer, casa da Aroeira Dita, Freguesia de Nossa Senhora do Rosário da Barra/GO.

Fonte: SILVA,LHA (2019)

Fonte: SILVA,LHA (2019)



Apêndice 65L: Cuzcuzeira de Barro com tampa de sabugo de milho, casa da Aroeira Cida, Arraial da Barra/GO.

Fonte: SILVA,LHA (2019)

---

<sup>133</sup> “No cabide do quarto minha mãe punha o cião. Minha prima, minha mãe deu pra ela quando ela caso. Tem um chifre assim você senta e leva a perna e você sentada assim ó, a perna de lado assim e a outra assim, vai de lado. Minha mãe saia pra Guarino, você gosta de Guarino? Nós saia daqui de casa e ia pra Guarino... Festá! Lá naquele tempo era um sertão, você chegava e roçava o mato punha umas barraca”. (conversa com dona Calixta, 72 anos, em 2019)



Apêndice 65M: Moringa pra servir água pra visita, de barro (formato de pata) com tampa de barro. Enche pelas costas e serve pelo bico, casa da Aroeira Cida, Arraial da Barra/GO.

Fonte: SILVA,LHA (2019)



Apêndice 65N: Artesanato real: Casa de tirar o chôco da galinha, quintal sertanejo de Aroeira Francisca, Arraial da Barra/GO.

Fonte: SILVA,LHA (2018)



Apêndice 650: Esquerda: Latas, tachos e canteiros recebem o plantio de hortaliças, ervas, pimentas, jilós e plantas medicinais. O chifre é pra tirar o mau olhado da vizinha sobre as roseiras, quintal sertanejo de Aroeira Francisca. Direita bica d'água escavada na aroeira, direto da mina até o quintal da Aroeira Neuzi, Arraial da Barra/GO.

Fonte: SILVA,LHA (2019)

Apêndice 66: Reuniões da Pastoral da Saúde nos quintais da Barra

Apêndice 66A: Aroeira Vó Zefa benzedeira do grupo, abençoando o início do encontro, Arraial da Barra, encontro na casa da Aroeira Wilma, Comunidade Santa Marta.



Fonte: SILVA,LHA (out/2019)

Apêndice 66B: Aroeira Maria Luiza coordenadora do grupo, repassando às demais Aroeiras informações sobre prevenção em saúde e alimentação nutritiva, Arraial da Barra, encontro na casa da Aroeira Clarice, sede do distrito de Buenolândia.



Fonte: SILVA,LHA (abr/2019)

Apêndice 66C: No quintal fazendo pomada cicatrizante (da frente para o fundo) Aroeiras Janete, Cida e Rosiane no fogão a lenha, Arraial da Barra, encontro na casa da Aroeira Domingas, Comunidade Estiva.



Apêndice 66D: Aroeira Cida abrindo o encontro com a leitura da Bíblia, Arraial da Barra, encontro na casa da Aroeira Domingas, Comunidade Estiva.



Fonte: SILVA,LHA (ago/2018)

Apêndice. 66E: No quintal fazendo xarope de abacaxi e multimistura (da esquerda para a direita) Aroeiras Izani, Lena e Janete (ao fundo esposo da Dita, Sr Militão), Arraial da Barra, encontro na casa da Aroeira Clarice, sede do distrito de Buenolândia.



Fonte: SILVA,LHA (abr/2019)

Apêndice 66F: No quintal fazendo coleta (da frente para o fundo) Aroeiras Calixta e Luiza, Arraial da Barra, encontro na casa da Aroeira Domingas, Comunidade Estiva.



Fonte: SILVA,LHA (ago/2018)



Apêndice. 66G: Na cozinha fazendo filtro solar.

Fonte: SILVA,LHA

Apêndice 66H: Na cozinha fazendo vermifugo, encontro na casa da Aroeira Neuzi, Comunidade São João do Monte Alegre, Arraial da Barra.



Fonte: SILVA,LHA (set/2018)

Apêndice 66I: Encontro para extrair óleo de coco, casa da Aroeira Sandra, Assentamento Mosquito. Como homenagem à Maria Luiza (de costas), neste dia as Mulheres Aroeira reconheceram o grupo com seu nome.



Fonte: SILVA,LHA (jul/2018)

Apêndice 66J: Momento final onde as Aroeiras compartilham seus alimentos, encontro na casa da Aroeira Domingas, Comunidade Estiva. (da esquerda pra direita Aroeiras Wilma, Valdeci, Nica,Janaina, Domingas, Luiza, Dita, de costas Rosiane e ao fundo Lourdes)



Fonte: SILVA,LHA (ago/2018)

Apêndice 67: percursos e pontes das estradas para as reuniões

Apêndice 67a: encontro no casa da Aroeira Sandra, Assentamento Mosquito, entrando no rio sem ponte numa margem



Fonte: SILVA, LHAS (31/06/2018)

Apêndice 67b: Mosquito, empurrando pra sair do rio do outro lado

Fonte: SILVA, LHAS (31/06/2018)

Apêndice 67c: trecho de acesso aos encontros no Arraial da Barra



Fonte: SILVA, L. H. A, 2018

## Apêndice 68: Elaboração da *Arpilleira* das Aroeiras

Apêndice 68A: Proposta comunitária: mulheres Aroeira, Pós-Graduação UEG Letras e Pós-Graduação UFG IESA elaborar a *Arpilleira* em conjunto, comunidade São João do Monte Alegre, casa da Aroeira Calixta no Arraial da Barra (2018). Da esquerda pra direita: Aroeira Maria, Valdeci, mestrando Jossier e Aroeira Neuzi.

Apêndice 68B: Início dos quadros da *Arpilleira* expostos na comunidade São João do Monte Alegre, casa da Aroeira Dita no Arraial da Barra.

Apêndice 68C: Na comunidade Estiva, casa da Aroeira Domingas no Arraial da Barra.



Apêndice 68D: Encontro da Pastoral da Saúde onde as Aroeiras aproveitavam tbm para bordar e trocar pontos, linhas, expor suas ideias.



Apêndice 68E: Junção dos quadros numa única peça, com esforço de todas para finalizá-la e aqui a Aroeira Neuzi fechando a peça na comunidade São João do Monte Alegre no Arraial da Barra.



Fonte: SILVA, L. H. A, 2018

Apêndice 69: Seminário Internacional de Território y Cultura, Rionegro, Colômbia Professora Maria Geralda Almeida e orientanda Luciana Helena (a direita)



Fonte: SILVA, L. H. A, 2018

Apêndice 70: I Seminário Nacional Questão Agrária UFG no foyer do Teatro São Joaquim, Goiás/GO (2019) Professora Luciana Helena, orientandas Larissa Martins e Nayara Cristina Gonçalves Silva



Fonte: SILVA, L. H. A, 2018

Apêndice 71: Apresentação da Arpilleira pela Aroeira Clarice no I Seminário Nacional Questão Agrária UFG no Teatro São Joaquim, Goiás/GO (2019) A direita Aroeira Clarice e Professora Luciana Helena



Fonte: SILVA, L. H. A, 2018

Apêndice 72: 1ª Reunião presencial AMDBGO, Escola Terezinha de Jesus, Buenolândia/GO



Apêndice 72A: Abertura Cultural da I Reunião presencial, presidente Clarice Cardoso e Cláudio Brito, bisneto de Honório Dias da Silva, cantando Rio Vermelho (esq) Reunião presencial com videoconferência com parceiro da Secretaria do Estado de Turismo de Goiás, Arq Renato Rocha (Goiânia) (dir)



Fonte: Silva, LHA (2021)